

*Bird in
covers*

THEATRO

CONTEMPORANEO

VOLUME II

JOÃO ANASTACIO ROSA (E FILHO)

Esboço biographico

A DOIDA DE MONTMAYOUR

OS DOIS SURDOS

. REVISTA THEATRAL



LISBOA

DIRECTORES DA PUBLICAÇÃO

ESCRITORIO DA EMPREZA

E. DE CASTILHO E MELLO
GUILHERME CELESTINO

RUA DO MOINHO DE VENTO,
82 — 3.º ANDAR

1870

Vai correr mundo o 2.º volume do THEATRO CONTEMPORANEO, e não faz parte d'elle, como prometteramos, a biographia da notavel actriz Emilia das Neves, porque ella, por motivos que ignoramos, terminantemente se recusou a dar o seu consentimento.

No proximo volume, daremos a photographia da distincta actriz Emilia Adelaide, assim como um esboço biographico da sua brilhante carreira artistica, trabalho este de que Pinheiro Chagas gostosamente se encarregou e que tem quasi concluido.

Não se publica ainda a lista das damas e cavalheiros que honraram o THEATRO CONTEMPORANEO com a sua assignatura, por não ter sido possivel colligir a tempo os nomes de todos.

ERRATAS IMPORTANTES

(A DOIDA DE MONTMAYOUR)

Pag.	Lin.	Onde se lê :	Deve lêr-se :
4	4	encomodar	incomodar
16	2	commigo	comigo
27	13	encommodo	incommodo
67	22	confessava	confessasse
84	7	parte	porta
94	17	perdia	perdi
105	15	corre	corro
129	22	em	tem
135	19	bebas	beba
163	3	mal	o mal

(DOIS SURDOS)

46	19	e que :	e quer
46	23	incomodar	incommoda :

THEATRO
CONTEMPORANEO,

BIOGRAPHIA DE JOÃO ANASTACIO ROSA

POR

E. A. VIDAL

INDIANA UNIVERSITY
LIBRARIES
BLOOMINGTON

A DOIDA DE MONTMAYOUR

TRADUÇÃO DE

G. CELESTINO

OS DOIS SURDOS

IMITAÇÃO DE

A. E. C. M.

REVISTA THEATRAL

POR

E. A. VIDAL

PQ
1240
P5
T3
V.2

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES
RUA DOS GALAPATAS, 110

1870

AA)

10-23-23

Digitized by Google

JOÃO ANASTACIO ROSA



JOÃO ANASTACIO ROSA JUNIOR

BIOGRAPHIA

DE

JOÃO ANASTACIO ROSA



Não vae longe o tempo em que sobre o theatro e sobre os actores caía a nuvem de um preconceito absurdo. Forma esplendida saida das entranhas da religião, e consagrada por esta maternidade suprema, a arte dramatica foi olhada pelas ñovas sociedades como que envolvendo um lastimoso abaixamento da especie.

A Grecia, com o profundo sentimento que a caracteriza, faz d'esta arte um sacerdocio. Roma pega do estigma em brasa, e marca a deusa no hombro. É que em Roma, digamol-o de passagem, nunca houve a intuição do bello infinito. Paiz dourado pelos réflexos que vinham do olympto grego, não ha n'elle o typo immaterial, a idéa pura, a fórma interna, para cuja manifestação sensível labora e se esforça a intelligencia humana.

Atravessada a edade media, esse periodo de fecundação occulta, o actor encontra ao renascer do mundo moderno o mesmo corte, a mesma solução entre elle e os demais individuos. O manto de Eschylo, desbotado pelo tempo, fluctua-lhe nos hombros como o farraço de um hystrião despresível.

Desvaneceu-se hoje de todo esse juízo falso e insultuoso. O actor entra na linha dos operarios da civilização, trabalha com elles, faz com que o verbo se torne homem, dá a sua carne para n'ella se modelar o pensamento do poeta, e constitue-se, por assim dizer, como que a linha de união entre o mundo em que pairam as idéas, e est'outro em que se reúnem os homens.

O actor cuja biographia esboçaremos a rapidos traços é dos que mais seriamente tem olhado para a responsabilidade do seu posto. Consciencia recta e lucida, sabe que no palco havia d'antes um altar, e acata-o por isso com a reverencia de um bom sacerdote.

Antes de entrarmos, porém, na apreciação d'esta physionomia artistica, retrocedamos um pouco. João Anastacio Rosa é natural da villa do Redondo, e filho de José Manuel da Rosa Munhoz e de D. Merina do Carmo. Pelo que respeita a idade nem elle a assentou no canhenho para auxilio de biographos, nem valia a pena rebuscar no cartorio da parochia o dia certo em que o futuro romeiro do *fr. Luiz de Sousa* germinou n'aquelle abençoado torrão alemtejano.

Demais, a certidão baptismal não é documento de valia em assumptos criticos, e, realmente, o artista nasce no primeiro dia em que se apresenta. É desde então que os commentadores affirmam a sua existencia, e fazem d'ahi ponto de partida para ultteriores apreciações.

A juventude de Rosa passou-se como ellas costumam deslizar sempre. Os primeiros annos da vida tem a inalteravel feição de pareença. Em pequenos todos os rebentos se confundem. Ha n'elles o mesmo verde,

alegrado pelo mesmo sol de Deos. Ao diante a vergon-tea póde ser alamo ou arbusto ; póde vicejar favoneada ou estorcer-se batida. Isso são coisas que dependem do tempo, do logar e do solo.

Continuemos.

Se porventura das inclinações primevas de qualquer se podem tirar horoscopos para o diante, é fóra de du-vida que Rosa ainda no periodo aureo da meninice já deixava entrever a sua bossa ou cocuruto determina-tivo. Como Bocage, poderia elle talvez dizer de si mesmo :

*• Das faixas infantis despido apenas,
Sentia o sacro fogo arder na mente. •*

As primeiras fumadas que denunciaram este fogo não esboçariam decerto no espaço formas muito gen-tís. Rosa concertava as bugiarias dos convisinhos, ap-plicava-se á filigrana artistica, endireitava os aros de qualquer arrecada com a pericia de um verdadeiro *faz tudo*, e seria o maior, o unico d'estes arranjadores prestantes, d'estes responsos vivos, d'estes milagreiros do leque e do broche, se acaso os fados o não tives-sem desviado do trilho.

Segundo os desejos paternos esteve Rosa vacillante entre a lanceta e a garnacha. Ou medico ou frade. Os bons dos seus progenitores queriam fazer d'elle um homem que servisse ao proximo: hesitavam entre o corpo e a alma.

Ou eu me engano muito, ou Rosa havia de ser um franciscano de truz, e ao mesmo tempo um curandeiro de polpa. Sorrir-lhe-hia a gloria na enfermaria do con-

vento. Para frade tem elle a historia prompta, o conto malicioso, e o amor do conforto; para medico tem o culto dos elixires, e anda agora a querer mudar o homem em cepa, enxofrando-o pela raiz.

Rosa, feito frade, e além de frade esculapino, daria mais tarde largas ás tendencias naturaes, e as abobadas do convento resoariam aos monologos tragicos, entoados em canto-chão roufenho pela voz dos seus irmãos reverendissimos.

Como quer que seja, o factó é que Rosa pôde superar os desejos paternos, e fazer com que o deixassem seguir os seus intimos impulsos. A villa do Redondo não era, porém, o sitio proprio para se lhe desenvolverem e cultivarem as faculdades; os desenhos, mais ou menos gibosos, em que elle exercitava a mão e consumia o lapis, precisavam do correctivo dos mestres. Rosa pôz-se a caminho de Lisboa, novo Jasão intrepido, com os olhos da alma alongados para o cavallete onde elle via sorrir, como em placido horisonte, o seu vespero, a sua estrella consoladora.

A arte, a arte! Oh, ninguem sabe o que ella custa aos seus amantes desvellados! Bohemio sublime, aventureiro radiante, paria no meio dos ridiculos farfantes, o artista tem a luta secreta, a vigilia febril, o desanimo terrivel, as contorsões dolorosas. O que querem d'elle? O bem e o bello, o serviçal e o aprazivel. Sentam-se em sua frente, e esperam que se desatem os fructos.

Ah, tu és poeta? pois delicia-me com os teus cantos. Passa-te pelo coração a nuvem negra dos desalentos? — pois sê ethereo, gracioso, risonho, porque eu quero emballar-me nas ondas da tua melodia, como

n'uma redouça voluptuosa. Tu és musico? Pois deixa gorgear o rouxinol, e enxuga as lagrimas da tua penuria, se és Weber, da tua melancolia, se és Bellini, da tua desesperação se és Beethoven. Ah, tu és actor! — pois commove-me. Tenho hoje o appetite elegiaco, a vibração sentimental. Quero enternecer-me, quero sensibilisar-me, e tu és a pilha electrica, feita e sustentada pelos metaes da minha bolsa! Artistas, a vossa missão é sacrificar ao povo. Inspirae-vos á frouxa claridade da vossa vela, emquanto nós nos refocilamos na ociosidade, e accendei a ampla fogueira a que se hão de aquecer os homens.

Quando morrerdes tereis uma corôa de louro no tumulo e a indigencia em vossa casa. Trabalhae, por que nós temos o direito de vos patear, de vos apupar, de vos escarnecer. Nós julgamos. Nós somos a opinião publica. Nós somos a realeza. Sabei que um homem do povo esbofeteou o Christo!

Ets ahi o que as multidões pensam, o que as multidões dizem; emquanto que o artista, o apostolo se exhaure e se extenua para arrancar de sua alma o que ella tem de mais brilhante, e atiral-o em punhados.

Rosa, chegado a Lisboa, entrou para a aula de desenho no Thesouro Velho. A habilidade de que dera mostras nos primeiros annos em vez de entibiar-se, como succede com muitas *creanças sublimes*, ganhou proporções maiores, a ponto que o marechal Raposo o mandou para a Ajuda, a estudar sob a direcção do pintor Taborda.

Duzentos réis diarios foram os fructos colhidos desde logo. O apanho não era de abarrostar famintos; mas

Rosa sabia já n'este tempo que, evangelicamente, o homem não vive só de pão, e que pelo portal do templo da arte não é licito entrar com grandes abadas de pomos. Emfim, o moço pintor sentia-se no seu meio desejado, e porventura coloria elle de azul e de rosa os vastos céos debuxados na sua phantasia!

O adiantamento de que deu provas rapidas assegurava que as tentativas do periodo infantil não eram apenas fogos fatuos. Datam d'esse tempo alguns trabalhos, e entre elles um retrato de seu pae.

O cardeal D. Fr. Francisco de S. Luiz, esse varão illustre a quem tanto devem as letras portuguezas, teve sempre para com Rosa as complacencias de um excellente amigo. Foi elle que lhe obteve entrada no jardim botanico de Ajuda.

A estada ahi foi de uma duração curta.

Accendera-se o facho da guerra civil; o clarão das pugnas fraticidas projectava-se lugubrememente. Era preciso empunhar armas, nobres sempre quando se levantam para reprezar ambições de conquista, mas detestaveis quando significam a lima no mão do obreiro, assoldadado por conta dos cabecilhas ruins. Rosa, apesar da philosophia humanitaria de que hoje é pro-selyto, e de que talvez n'esse tempo tivesse noções intuitivas, viu-se obrigado a trocar Minerva por Bellona, e a depôr os seus queridos pinceis para cuidar nos gatilhos.

A deusa da guerra parece que deixou cair sobre elle a boa sombra das suas azas, porque o soldado bisonho chegou até sargento do quinto batalhão mo-vel. Isto não vem a dizer que o espirito bellicoso do

Espadeiro se incutisse no nosso homem; o que prova é que elle soube traçar rectamente a linha do seu procedimento na milicia.

Dissipados os ultimos fumos, asserenados os animos, e ensarilhadas as armas ainda quentes, Rosa voltou de novo aos trabalhos interrompidos. Para satisfazer ás necessidades urgentes, teve que impor ao braço a missão de machina prompta. *Fá presto*, diria elle como outro seu confrade em pintura. Não sobrava tempo para a meditação nem para o repouso; era indispensavel trabalhar muito, produzir muito, colher os fructos, ainda verdes que fossem, arremeçal-os ao mercado, embolsar os redditos d'este agricultar imperfeito, mas impreterivel, porque a maturação completa é demorada, e a demora não póde quadrar a estes semeadores de poucas geiras.

Rosa era uma especie de centimano retratista. Mal tomava o folego entre uma e outra effigie. Ao contrario de Apelles que trabalhava de vagar porque trabalhava para a immortalidade, elle que tinha diante de si o hoje fatal, não podia perder um momento, desperdiçar um segundo. *Fá presto!* — E o lapis voava sobre o papel, traçando os contornos de um rosto, e de outro, e de outro. Estas obras de fancaria, como se diz em portuguez da gemma, denunciavam em muitos pontos a decisiva vocação do auctor.

A esta faina pictorica veio marcar suspensão o apparecimento de Emilio Doux.

A revolução litteraria imprimira um elevado curso aos espiritos. O theatro, saído do marasmo, aquecia-se ao fogo romantico, e desentorpecendo os membros,

entrava nos grandes combates e nas scenas violentas. Era o periodo da renovação, com todos os exaggeros do enthusiasmo; ás fórmãs convencionaes e pautadas succediam os traços largos e afoitos; á instrumentação e cadencia das composições magistraes e classicas, respondia a melodia apaixonada e ardente dos corações impetuosos. Rosa estremeceu a este bulicio de renascença, e deitou os olhos para o tablado.

Foi com a *Maria Tudor* a sua iniciação nos mysterios, e mysterios que como os da Grecia antiga tem as suas provas solemnes.

O publico estava n'esse tempo sob a influição dos monstros barbaçudos. O *tyranno* reinava em toda a plenitude realenga. Não podia haver guarda-roupa sem trinta punhaes e quarenta frascos de veneno. O actor fallava por uma mascara de bronze. Como na representação das *Eumenides*, as mães abortavam, e dos camarotes para a platéa choviam rios de lagrimas. Nunca a sensibilidade humana passou por um exame tão rude!

Por entre os bastidores acotovellavam-se as victimas e os algozes. Fluctuava na atmospherã um sinistro rumor de soluços e de imprecações medonhas. O theatro da rua dos Condes era um bastardo do *Santo-Officio*. Os grilhões de ferro acordavam lugubrememente o ecco das abobadas; e a bilha de barro junto á palha do encarcerado constituia um quadro, que, pela maneira fera e horrivel, poderia servir de caricatura aos immortaes paineis de Ribera.

A via de triumpho era esta; e Rosa, entrado n'ella, seguiu-a como as divindades de Homero, em quatro

passadas gigantes. O grito, o arranco, o gesto secco, a desalmada inflexão do *tyranno*, tudo elle poz em manobra activa. Chegou a ser recommendado á policia do bairro, como perigoso pela ruindade dos instinctos.

O que lhe resultou d'este cultivo barulhento foi um ataque de larynge inevitavel, ainda que a larynge de um tyranno podesse ser forrada com a crosta de um rhinoceronte secular.

Hercules teve de pegar na roca, e de descançar dos trabalhos puchando pelo linho da estriga; e o Satanaz do *D. João de Marana* teve de se ir banhar em Cauterets, como um delfim inoffensivo. *Les dieux s'en vont!* — Os tyrannos desapareceram.

Corria então o anno de 1846.

Data d'este facto o absoluto reviramento do artista. Como Rosa o confessa, e como o sr. Andrade Ferreira o desenvolve n'um bello periodo da sua biographia, o aspecto da natureza produziu n'elle uma noção do bello muito diversa da que até alli formava. A arte envolve dois elementos inseparaveis (para me servir da excellente philosophia de Lamennais), o elemento espirital ou ideal, cujo typo primeiro é o infinito, e o elemento material, cujo typo primeiro é o finito. Um corresponde á unidade primordial e absoluta; o outro, ás manifestações limitadas, parciaes e diversas. A relação natural d'estes dois elementos, a unidade e a variedade, constitue a harmonia essencial da arte.

Do cimo dos Pyreneos contemplava elle a criação, solemne, harmonica, matisando o aspero com o suave, entresachando o tenue com o grandioso, mostrando nas suas faces diversas o mesmo principio uno e immuta-

vel. Ora como as leis da arte hão de ser impreterivelmente as leis da criação, o artista comprehendeu desde logo que as veredas por elle trilhadas eram seccas e angustas, e que precisava de entrar em novos caminhos amplos, e d'onde se descobrissem horisontes extensos.

Foi nos Pyreneos que Rosa travou relações de amizade com o nosso glorioso patricio Constantino, o *Prometheo das flores*, como lhe chama o sr. A. F. de Castilho.

Na volta para Lisboa, o nosso artista, refundido e convertido á fé pelos espectaculos da natureza, apresentou-se recitando a poesia a *Camões*, devida ao plectro do sr. Palmeirim.

Os jornaes da epoca são unanimes em victoriar o actor pelo modo porque elle soube dar a cada estrophe, a cada verso, a cada palavra a côr propria, o tom verdadeiro, o sentimento adequado.

No *Conde Hermann* revelaram-se plenamente as modificações do seu estylo. Todos nós nos lembramos, ao menos pelas recentes noites de Rossi, do que ha de trabalho na realisação d'esta figura altamente psicologica. É preciso não descurar os minimos cambiantes de uma alma, e tornal-os sensiveis. N'estas intimas dissecações, n'esta anatomia feita aos caracteres dos personagens, n'esta interrogação levantada em frente de uma sombra é que consiste o grande trabalho da arte dramatica. Só em taes circumstancias é que o actor póde dizer de si, como o auctor dos *Profils et grimaces*, que elle commenta o poeta, com os gestos, com os olhos e com a voz; que demonstra o movi-

mento do drama, executando-o; que não só recita a peça, mas realisa-a.

Chegámos a um dos pontos mais notaveis da biographia de Rosa: alludo á *Prophécia*. Não é a larga interpretação do papel de *Tito* que merece, especialmente, o reparo da critica; o que ha digno de menção é a maneira porque o drama se apresentou em scena, vestido e ornamentado.

Coube a Rosa a tarefa.

A braços com dois grandes povos, com duas epochas brilhantes, tendo que evocar o mundo hebreu e o mundo romano, era-lhe indispensavel proceder com o rigor historico e baixar a todas as fontes dos conhecimentos ethnographicos. Os que sabem quanto é difficil e desalentador este estudo de seculos affastados, avaliarão o muito que Rosa teve de compulsar e meditar para estabelecer a norma dos seus trabalhos.

A que subsidios podia elle soccorrer-se? Paginas dispersas, dados confusos, vagos lineamentos, eis o que tinha para fio do laberyntho.

A indução severa tornava-se indispensavel. Ao cabo de um labor cheio de sciencia e de consciencia, Rosa chegou a poder desenhar os modelos para os trajos e adereços.

A sua lucidez na investigação e o seu fino tacto artistico, haviam sido sujeitos a uma prova insigne.

Os mais competentes no assumpto só tiveram palavras de louvor para esta bem afortunada empresa. As glorias de actor juntavam-se outras não somenos.

Em 1853 havia o governo tomado conta do theatro de D. Maria. Rosa cada vez percebia melhor que para

descobrir os segredos da scena ainda tinha que ver e que meditar.

Na esphera de idéas que se lhe dilatara com as primeiras impressões de viagem, não havia ainda a firmeza de principios estabelecidos. Precisava de contornar o que vagamente lhe ondeava no espirito, e de comparar o seu ideal com o que os mestres demonstravam.

D'aqui resultava a necessidade imperiosa de sair do paiz, e de buscar padrões nos theatros afamados. Em 1856, sendo ministro Rodrigo da Fonseca Magalhães, obteve o nosso actor licença de tres mezes, para ir, á custa do governo, estudar a França a arte dramatica.

Estavam, finalmente, realisados os sonhos de tantos annos; a terra de Le Kain e de Talma ia avigorar-lhe os rebentos viçosos. Alli, poderia elle comparar e assentar de vez no modo porque tem de ser attendidos e cumpridos os preceitos da arte.

Vivia então em Paris mr. Fournier, cavalheiro que havia sido consul em Lisboa no tempo da republica. Serviu-se Rosa das relações que com elle houvera para se aproximar dos magnates da scena franceza.

O homem que lhe serviu de introductor no *foyer* do theatro francez, foi Mirecourt, artista de reputação merecida. Este *foyer* dos semi-deoses tem o que quer que seja da magestade do olympto, e os seus moradores não pouco da altivez jupitereana. Enthronisados soberbamente no seu orgulho recachado, imaginam-se com uma aguia aos pés, e tendo na dextra um feixe de raios.

A acolhença feita ao actor portuguez foi triste e fria

como uma noite de inverno. Sentiu-se elle ferido no seu legitimo pundonor, e para evitar os olhares de soslaio d'aquelles hospedeiros enfatuados, foi-se espiarecendo a contemplar os paineis que forram as paredes do templo!

Mirecourt sentia a indelicadeza dos seus concidadãos, mas não podia dar-lhe remedio.

Rosa continuava a contemplar silenciosamente os quadros. Chegou em frente de um cujo auctor lhe era desconhecido, e principiou commentando-o com a larga affouteza de homem entendido. Um dos olympicos ergueu-se então da sua nuvem, e veio para escutar o critico. Era o auctor do quadro, era Jeffroy. Rosa, proseguindo na analyse, ia apontando as excellencias e as maculas. Ao cabo, o pintor revelando a sua paternidade na obra, louvou o apurado commento que d'ella lhe haviam feito, e desenganou-se de que tal homem merecia hospedagem mais culta.

Os que estão costumados á lhaneza de trato dos nossos artistas mal podem comprehender estes empavezamentos ridiculos. O facto é que elles se dão, e que molestem a pessoa a quem se dirigem.

Rosa pensou em não tornar ao *foyer* do theatro. O actor a quem mais tarde Rossi e Salvini, as duas grandes expressões da arte dramatica, haviam de acolher no intimo convivio da fraternidade, doera-se da magestade villã dos seus collegas no officio.

Preparava-lhe, comtudo, solemne desforra o primeiro vulto da scena franceza: Samson, o proprio Samson, estava no outro dia para recebê-lo, com a cordealidade de um character affabilissimo. N'isto havia decerto mera

galanteria; a justa apreciação teve ensejo mais tarde. Coube ao talento de Garrett a demonstração do talento de Rosa.

Samson havia-o convidado para um jantar na sua casa de Charenton; estavam lá, como era de suppor, mais alguns alumnos da arte. O nosso actor premuni-ra-se com uma versão em francez, devida a Fournier, da bella scena do *auto de Gil Vicente*, quando o creador do moderno theatro na Europa se lastima do esquecimento ingrato de Paula.

O dialogo anda no ouvido e no coração de quantos não morreram ainda para a bella e natural simplicidade! Os naturalistas recompõem um individuo de qualquer especie pelo unico estudo de um carpo ou de um tarso; Samson recompoz e completou o actor pela simples audição de um trecho. Rosa patenteára-se. D'então em diante estreitaram-se os laços entre elle e o seu hospedeiro; abriram-se em confidencia amiga sobre os primores e desprimores notados na relevação da arte, e é d'ahi que data a celebre carta que Samson lhe dirigiu, carta em que, mão por mão, disserta com respeito á scena franceza, e ao theatro em geral.

Na sua tornada de Paris, o papel em que nos reapareceu, foi no gracioso myope do *Primo e o Relicario*. Ahi marca-se a terceira epoca da sua vida artistica, e n'ella se encontram as mais judiciosas creações do seu repertorio.

Seria prolixidade esteril o enfiar em rosario todos os titulos de dramas e comedias, em que elle tomou parte; alguns, porém, realçam e impõe-se. Para avaliar a mobilidade com que Rosa passava de uma a ou-

tra interpretação, com que se affeioava aos moldes de uma e de outra figura, basta contrapor o *Alfageme de Santarem* ao maestro Favilla, e Desgenais ao *Romeiro* de Fr. Luiz de Sousa. Cavalleiroso agora, depois phantasticamente ideal, em seguida mordaz, e por fim magestosamente terrivel, sob as diversas mascaras do seu rosto sentia-se o sangue de um homem, quer dizer, essa especie de hypostase ineffavel em que o espirito, o pensamento do poeta se encarna no actor, e se apresenta.

Em 1859 escrevia o sr. Andrade Ferreira o seguinte: — « A indole de Rosa parece ir caminhando para a comedia, para essa comedia agradavel, natural, universalmente aceita, mistura de nobres dotes do coração, annuviados apenas por algumas manchas que trazem os ridiculos ou incoherencias de character. » — Na verdade, o homem que fizera resoar uma especie de tambor de Wagram nas primeiras campanhas theatraes, chegou, por transições crescentes, á limpida melodia dos bons instrumentos. Servindo de cupula ao Ponselet do *Livro negro*, ao Noel da *Alegria traz o susto*, e a quantos mais typos lhe devem a existencia, temos nós o *Marquez de la Seiglière*, com certeza a joia, não direi só, do actor, mas, porventura, do nosso theatro.

No marquez nota-se a assisada mistura da naturalidade franca e da observação minudenciosa. Cuidando nos promenores quasi que imperceptiveis, não foi secco nem recortado. Viu por miudo, e viu em globo; partiu, por assim dizer, do ponto embryonario, e foi dilatando-se, crescendo, e tomando o vulto no seu complexo. Não ha alli só o traço largo, ha o desenho correcto. Entre a dureza perugina, e a rasgada amplidão

da escola opposta estabeleceu elle a sua terceira *maneira*. Diga-se a coisa d'este modo, não para lisonjear o actor emparceirando-o com Raphael, mas para lubrificar o seu paladar pictorico.

O *Marquez de la Seiglière* é uma das creações delineadas em occasião de boa fortuna. Tocar aquella verdade psicologica, e ao mesmo tempo, chegar áquella perfeição de accessorios, é bem logrado esforço, devéras.

Nenhum actor, dos de maior pôlpa, se dedignaria de similhante paternidade.

Em 25 de setembro de 1862 partiu Rosa para o Porto, levando comsigo seu filho, moço a quem vinham sorrindo uns assomos de amor pela arte. A 31 do mez seguinte apparecia no theatro de S. João com o *Marquez de la Seiglière*, abrindo com chave de ouro a grande porta das suas victorias ulteriores.

Como o principal motivo da jornada ao Porto era fazer com que o filho se estreasse, a 13 de novembro apresentava-o Rosa na comedia *As joias de familia*.

A magestade de pae e a auctoridade de mestre imprimiam n'este acontecimento uma significação dupla. O homem das rudes batalhas armando o filho cavalleiro dava solemnidade ao feito. E de boa mão caía a pranchada ritual, que elle, erguendo-se, entrou desde logo em pugnas, ceifando os primeiros ramos de aloendro por entre as bravezas do caminho.

Que Deus o ajude, e que em boas horas lhe vestissem a armadura; não que este paiz mereça as fadigas e as vigalias dos operarios radiantes, mas para ao menos ter a consciencia de que emquanto o artista pejeja com o dragão da indifferença, da insensibilidade e da

ignorancia, elles, os prebendados do acaso, forrageam pelas estradas, devorando os pomos que nunca souberam amanho.

As *Flores e fructos* de Mendes Leal (José) foi a comedia representada em seguida. N'ella se estreou no Porto a actriz Gertrudes Ritta da Silva. Dirigindo-se, depois, para Braga deram ahi sete recitas, nas quaes se incluiu o *Rei e duque*, fazendo Rosa o papel de duque de Albuquerque, já conhecido em Lisboa, e um dos seus melhores.

O theatro academico de Coimbra e o theatro de D. Luiz convidaram-n'o para algumas representações. Rosa accedeu, e a *Pobreza envergonhada*, *Livro negro* e *Ricardo 3.º* foram a sua carta de ingresso.

O calor e enthusiasmo da mocidade universitaria galardoou profusamente o actor, e além d'outros brindes que recebeu, durante a sua estada no theatro academico, teve o diploma de socio.

Em junho de 1863 regressava a Lisboa; e encarregando Pinto de Campos de lhe formar uma companhia de artistas que podesse acompanhal-o em algumas representações, dava em S. Carlos, a 12 de agosto, a tragedia *Ricardo 3.º*, esse rei monstruoso, que, na phrase de Shakespeare, tão horrendo era que até os cães lhe ladravam.

« — *So lamely and unfashionably,
That, dogs bark at me. — »*

Foi n'essa noite que seu filho representou em Lisboa pela primeira vez.

Ricardo 3.º, peça grandiosamente tragica para o publico, teve a sua scena comica entre bastidores. Contemos o succedido.

Estava Rosa pae, como a *bella infanta*, no seu camarim assentado, vestindo-se com a cuidadosa pachorra que lhe é habitual. Dera na face os primeiros traços da caracterisação, preparava a guedelha, desdobrava o vestuario, quando subitamente se ouve silvar o apito do contraponto, e rugir o pano na sua ascensão pausada. Não havia tempo a perder. O actor enverga os calções com a pressa de um homem que sente fogo em casa, atira-se pela escada abaixo, cae no palco, irrompe na scena, esbaforido, tonto, e mal disfarçando o desalinhado do traje. O cinturão bambo ameaçava fuga inevitavel. Os ossos dos quadris não respondiam pelo caso. Rosa tenteava a espada, sopesava-a, erguia-a, e o cinturão perverso a dar rebates de escapula, e a descair sobre as nadegas.

N'isto o actor tem oportunidade para sair da scena, crê-se livre, exulta, mas tendo que reaparecer de novo, grita : — « Pinto de Campos, aperta-me este cinturão maldito. »

O futuro *D. Fr. Caetano*, deita-se a elle com boas unhas, estica-o, põe o dente da fivella no ultimo furo, e Rosa, desorientado, perdido, entra novamente em scena, quasi sem folego, partido, enforcado pelo ventre. O publico victoriava-o calorosamente, os bravos resoavam com estrepito ; mas elle, quando no ultimo quadro offerecia o seu reino por um cavallo, esteve, vae não vae, para modificar a tragedia n'este ponto, e a dar a corôa por um cinturão que prestasse.

Coadjuvado bisarramente por Delfina e Theodorico representou em seguida a *Pobreza*, e depois, renovando a sua escriptura em *D. Maria*, tornou a mostrar-se no

logar que lhe era proprio com a sua mais perfeita criação — *O marquez de la Seiglière*.

D'ahi até a *Lady Tartufo*, trabalhou successivamente nos *Amigos intimos*, *Filho bastardo*, *Cura d'almas*, *Paz domestica*, *Amores de Leão*, *Dianna d'Auberteuil* e *Côrte n'aldêa*. Seu filho que se estreára no mesmo theatro em 31 de outubro de 1863, seguia na carreira, bem auspiciada de principio, e não desmentida até agora.

Tratemos de Rosa Junior.

Este actor que já em S. Carlos havia deixado sentir uma definida tendencia para o genero, começa a recommendar-se á critica desde os *Fidalgos de Bois-doré*.

É n'esse drama que o balbuciar indeciso se torna palavra, que as cordas do sentimento até esse tempo destendidas se retezam e vibram, e que a luz do entusiasmo doura suavemente as feições melancolicas d'aquelle moço — trovador sentimental, apaixonado pela castellã formosa!

Rosa Junior, ainda hoje no atrio do templo, conta na sua vida mais de uma batalha honrosa. Eu hei de lembrar-me sempre do *Francisco II*, dos *Amores de Condé*, figura magestosa e serena, rei ante os conjurados, e amante idyllico ao pé de Maria Stuart. Na primeira noite em que se representou este drama, o publico, frio durante tres actos, acordou ao quarto, e convenceu-se de que tinha mãos para applaudir, que não para outro serviço.

Esta reacção proveiu de Rosa. É que a palavra sahia-lhe da alma, expontanea e singela, colorida apenas pelas tintas do amor; e quando elle sae d'este modo, commove sempre, sensibilisa, porque acha em

nós o ecco, a resonancia, e porque nos desperta sentimentos profundos com o seu tom de profunda verdade.

Nos *Amores de Leão*, na *Côrte n'aldêa*, na *Familia*, e ultimamente na *Judia* tem Rosa Junior continuado a mostrar que estuda e que aprende.

Quererá elle ouvir-nos um conselho?

Em que consiste a suprema victoria do actor? Na absorpção do homem pelo typo. O actor commenta o papel, discute-o, desenha-o, forma-o, e desaparece n'elle, e esconde a sua individualidade. Tem de ser o que o personagem representa, quer dizer, tem de ser Protêo, o qual

— « em quantos monstros ha se muda e se varia. » —

Quem poderia suspeitar que sob a pallidez de *Hamlet* fervia a sanha de *Othello*? Quem nos jurara que o velho *Saul* tinha sido antes o mavioso cantor d'Armida? Em cada transfiguração havia a verdade do typo. Distanciavam-se pelo character.

O que transsuda unicamente é o talento do actor, indicado no modo porque elle realisa o encarne; é o seu geito especial em contornar a figura; é emfim a noção do seu ideal traduzida e manifestada na criação sensível.

Rosa Junior que, pela idade e pela indole, não deve carregar ainda com os lenhos mais brutos, tem vergado por muitas vezes debaixo de um ou de outro madeiro tyranno, com prejuizo da sua guapice juvenil. D'aqui resulta que tendo que assumir proporções fóra da sua craveira apresenta-se contrafeito, torce a verdadeira linha, desvia-se da justa derrota, e póde adquirir um estylo empolado e falso, quando desenvol-

vendo as suas faculdades nativas chegaria a oriental-as brilhantemente.

Aos rapazes não fica bem a severidade catoniana. Um pouco de alegria, um pouco de expansão franca e larga. Deixemos as notas graves e baças para os val-ladores do inverno; quem tem vinte annos canta na chapada dos montes, e desafia as toutinegras para que o façam melhor.

Eu tenho visto Rosa Junior, no genero que lhe é consentaneo, demonstrar plenamente que comprehende a arte, e que obedece ás suas regras. No citado papel de *Francisco II* feriu elle as mais variadas notas da escalla do sentimento, e feriu-as sonoramente, porque se absorveu n'aquelle molde de rei que de todo o ponto quadrava ao pendor do seu talento e ás fórmãs da sua corporatura.

O pae que nos releve esta pequena digressão a respeito de quem elle tanto preza, e a quem nós tanto bem queremos. Com quanto as biographias não sejam logar de predicas, mas sim tribunal censorio, alterá-mos de leve os modelos estabelecidos para indicar, em toda a pureza de consciencia, o que a meditação ha de fortificar no animo do nosso joven amigo.

Rosa Junior é actor para largos commettimentos, e no genero a que se dedica não vemos quem de futuro se lhe anteponha. Garboso, distincto, cabeça bem modelada, figura gentil, tem originariamente os elementos plasticos indispensaveis. Que a onda da inspiração lhe siga o seu curso natural e franco, e vel-o-hemos desentranhar-se em pompas brilhantes.

Quasi chegados ao remate da nossa tarefa, seria im-

possivel deixarmos no escuro outros meritos do creador do *Ricardo III*, os quaes vem completar-lhe a sua phisionomia artistica. Referimo-nos aos trabalhos de estatuarria. Os bustos de Epiphanio e do visconde de Almeida Garrett demonstram uma aptidão pouco vulgar.

Houve tempo em que aos olhos do publico insciente o actor significava apenas o *comediante*, no sentido baixo e trivial da palavra. Consideravam-no como um recitador a tanto por noite, desprovido d'esse material de educação artistica, d'essa variada illustração sem a qual nenhum póde progredir e ascender. Dava-se o caso de um dos folhetins de Marianno Larra. O que se sabe, porém, o que se comprehende, é que o actor precisa de um grande numero de elementos, de uma ampla base para levantar o edificio.

Na arte tudo se prende, tudo se liga, e um ramo é inevitavelmente deducção de outro. O actor, mais do que o homem de tribuna, carece de uma larga copia de predicados. Como todos sabem, e como já alguém o expôz admiravelmente, a arte oratoria tem na sua complexidade um pouco de todas as artes. Participa da architectura pela disposição do edificio, pela traça do discurso; da estatuarria e da pintura pelo gesto, pela expressão, pela *pose*; da dança pela harmonia dos movimentos; da musica pelo accento e pelo rythmo. O actor, declamando, é o orador evidenciando a palavra com a acção, tornando esta o complemento d'aquella. Ora para se conseguir este esmero, precisa-se, por assim dizer, de um estudo inicial, de um justo ponto de partida. Rosa possui estes attributos. Os conhecimentos do desenho, do colorido, da graciosa modela-

ção, provados em alguns quadros, e nos dois bustos a que alludimos, serviram-lhe sempre de auxiliares pres-
tantes nas suas variadas interpretações dramaticas.

Estas coisas discutidas e esplanadas poderiam talvez estabelecer um methodo para o ensino dos actores, se porventura em Portugal se tomassem a serio taes coisas. Infelizmente nós somos um paiz rouco de cantar o hymno de 1640, averso a quanto não seja a baforada patriotica, e extranho ao sentimento da verdadeira grandeza.

Quem escreve estas linhas dizia ainda ha pouco, tratando da galeria de pintura no paço da Ajuda: — « Aquelle magnifico Cienfuegos que arrastava fastosamente o seu capeirão de gentil-homem arruinado, ainda lá tinha em casa um Ticiano querido; mas nós fazemos tinir o montante de Aljubarrota, e adormecemos ao som da musica, sem suspeitarmos ao menos que a arte é um dos primeiros elementos da independencia. »

Rosa pae, affastado hoje do theatro por causa de uma enfermidade impertinente, está longe de merecer isenção da milicia. O ter dado homem por si, como se diz em estylo de caserna, não é bastante para se eximir ao serviço. Não dizemos que lhe convenham os asperos combates, as pugnas mal feridas, as cargas violentas em que d'antes entrava com o denodo de um marechal do imperio; mas as pequenas escaramuças podem reclamar-o, que não ha perigo de ferimentos serios.

Quando Boileau perguntou a Molière, (e note-se que Molière estava de todo quebrado pela doença) o que o retinha no palco, o velho deos da comedia respon-

deu simplesmente: a honra. E a esse tempo vestia elle o chambre de Argan, e fallando verdade a mentir, exclamava no fim do seu admiravel monologo: — « *Ah! mon Dieu! Ils me laisseront ici mourir.* » — Bem amargas lhe deveriam ser estas palavras, sentindo elle a onda do soffrimento a entumecer-lhe e a affrontar-lhe o coração.

Deus me livre de pedir a Rosá que trabalhasse hoje com a alacridade dos seus tempos de rapaz; mas lá tem em França Lemaitre, desdentado e velho, *decrepito leão terror dos bosques*, ostentando de vez em quando os esplendores da sua realza.

A proposito de Frederico Lemaitre accrescentemos uma coisa; em fevereiro de 1856 escrevia alguém de Houteville-house: — « Nenhum governo teria o animo de dar uma condecoração a este homem. » — O rei de Portugal, mais assizado que o autocrata das Tulherias, condecorou Rosa com o habito de S. Thiago.

Foi um galardão merecido, tardio um pouco; mas que sendo apenas mero adorno no peito do actor, foi honra para a mão que lh'o conferiu.

O nosso Antonio Vieira dizia, fallando das ingrati-dões da patria. — « Deixae perguntar ao mundo, e admirar-se de vos não vêr premiado. Essa pergunta, e essa admiração, é o maior e o melhor de todos os premios. » — Quando, porém, ainda que serodio, o applauso expontaneo vem de tão alto, ha n'elle, implicitamente, uma censura aos mandarins da governança, e uma plena satisfação ao amor proprio offendido.

Dezembro de 1869.

E. A. VIDAL.

A DOIDA

DE MONTMAYOUR

DRAMA EM CINCO ACTOS

Traduzido livremente do drama de Anicet Bourgeois e Michel Masson

MARIE-ROSE

POR

GUILHERME CELESTINO

E

**Representado com geral applauso nos theatros de D. Maria II
e Trindade**

PERSONAGENS

O MARQUEZ DE SIMIANE.

AMBROSIO.

SEBASTIÃO, Pintor.

O CONDE DE LORMEL.

CAUSSADE } Rendeiros.

PEDRO ROBERTO }

CATOR, Camponez velho.

POMPIGNAN, Cabelleireiro.

UM CAMPONEZ.

MARIA AUBERT, Mulher de Ambrosio.

URSULA, Mãe de Maria Aubert.

LEONIA DE LORMEL, Esposa do conde de Lormel.

GENOVEVA, conhecida no drama por *Mimi*.

RENÉ, filho de Simiane.

GEORGINA, mulher de Causade.

JOANNA, criada.

UMA CAMPONEZA.

Camponezes e camponezas.

A acção passa-se em 1760.

A DOIDA DE MONTMAYOUR

ACTO PRIMEIRO

Em Marselha. O interior de uma loja de modas. Ao fundo portas para a rua. Portas lateraes no segundo plano. No primeiro plano á direita outra porta. Balcão, cadeiras, etc., etc.

SCENA I

AMBROSIO, e POMPIGNAN

AMBROSIO, tem nos braços algumas peças de fazenda,
está a uma das portas da loja e chama para a rua

Olá, Pompignan !

POMPIGNAN, na rua

Que queres ?

AMBROSIO

Repara n'aquelle official de marinha, que vai para o lado do cáes.

POMPIGNAN

Já reparei ; e depois ?

AMBROSIO

Estou só na loja e não posso sair ; vê se o alcanças.

POMPIGNAN

Ora essa !... E para que?...

A DOIDA

AMBROSIO

Pergunta-lhe se não é o marquez de Simiane, capitão de fragata? Se te responder que sim, dize-lhe o meu nome, e pede-lhe que, sem se encommodar, me diga ao menos adeus... de longe.

POMPIGNAN

Mais nada?

AMBROSIO

Mais nada.

POMPIGNAN

É celebre!

Desapparece na direcção indicada.

AMBROSIO, só, por um momento

Se é elle como supponho, deve ao menos dizer-me adeus quando passa pela minha porta. (Olhando para a rua) Bem! Lá lhe falla Pompignan... O official dirige-se para aqui... não me enganei. Mas eu não posso recebê-lo assim... com os braços presos.

Vai arrumar as peças de fazenda.

POMPIGNAN, a Simiane, na rua

É aqui, senhor official. Perdão!... Se dá licença retiro-me; tenho freguezes na loja.

Desapparece.

SCENA II

AMBROSIO e SIMIANE

SIMIANE, entrando

N'esta loja! Não comprehendo!... Parece que tenho aqui amigos! Mas quem?!

AMBROSIO, aproximando-se de Simiane

Ah! capitão! Não posso acreditar que tão depressa se esquecesse de mim.

SIMIANE,

Como!... És tu, meu amigo! Disseram-me: o logista Ambrosio deseja fallar-lhe! Advinhassem lá! — Acudiria mais veloz ao chamamento se me tivessem dito: quer vel-o o soldado Ambrosio.

Dá-lhe a mão.

AMBROSIO, apertando-lhe cordialmente a mão

Eu bem sabia que ia fazer-lhe uma surpresa agradável.

SIMIANE

Certamente. Mas então deixaste o uniforme, tu, o soldado intrepido; tu, que podias ir tão longe!

AMBROSIO

Muito longe, é verdade! Cheguei até á India; porém apenas acabei o tempo de serviço voltei ao meu paiz a encontrar-me com a minha futura mulher, que abandonára n'um transporte de ciume...

SCENA III

Os MESMOS, e SEBASTIÃO

SEBASTIÃO, entrando da direita, segundo plano

Ciume... de que tenho a honra de lhe apresentar a causa. Claudio Sebastião.

Comprimenta.

AMBROSIO

Fomos creados juntos.

SEBASTIÃO

Sou pintor, alumno da academia real, discipulo de Boucher e de Fragonard... respeitosaente de pé na presença dos meus mestres... á espera que um logar vago permitta que me sente.

SIMIANE

Bem conheço. Foi o sr. Claudio quem no anno passado em Paris pintou para minha cunhada a duqueza de Simiane, o retrato da sua cadelinha Mirza, dando de mamar aos filhinhos.

AMBROSIO

Ah ! tu pintas cães ?

SEBASTIÃO

E faço retratos de familia, tambem !

SIMIANE, a Ambrosio

Então tu, meu amigo, vias n'este senhor um rival ?...

AMBROSIO

E não era sem razão. Com o pretexto de estudar em nossa casa, passava alli mezes inteiros, e muitas vezes o surprehendi com a minha futura.

SEBASTIÃO

Por amor pela arte, meu amigo ! Reconheci na mulher de Ambrosio não vulgar vocação para o desenho, e commetteria uma falta indesculpavel se não cultivasse, se não desenvolvesse aquelle talento ; se não guiasse aquella mão intelligente mas ainda inhabil para reproduzir o que o seu espirito tão bem sabia comprehender, o que os seus olhos tão claramente viam ! Ambrosio julgava-me amante, e eu... era pae ; creava uma artista.

AMBROSIO

Como nada percebo de bellas artes inquietou-me essa paternidade. Parti pois, dizendo á minha futura — Não me tornarás a ver — Apesar d'isso ella esperou por mim com toda a confiança. Quando voltei, reconheci e reparei o erro.

SEBASTIÃO

Sim, graças á minha dedicação ! Para o tranquillisar completamente fingi que adorava uma mulher que não podia aturar e sacrifiquei-me a ponto de casar com ella ! Agora esbu viuvo ! A virtude é sempre recompensada !

SIMIANE, a Ambrosio

E definitivamente estás casado ?

AMBROSIO

E bem casado, posso dizel-o.

SIMIANE

Tanto melhor ! Tudo quanto te diz respeito me interessa, a um que te devo a vida...

SEBASTIÃO

É possível ?!

SIMIANE

Ha cinco annos, na India, surprehendido e preso por um bandede fanaticos, seria sem duvida assassinado aos pés deum dos seus monstruosos idolos...

SEBASTIÃO interrompendo-o

Devia ser sublime ! Parece que estou a ver tudo d'aqui : no interior de um bosque, defronte de um altar rustico, a lamma do sacrificio illuminando ao mesmo

tempo o deus selvagem, os seus terriveis adoradores e a pallida victima !! Podia fazer-se uma coisa sublime !

AMBROSIO

Certamente ! Salvar um homem.

SEBASTIÃO

Eu fallo na generalidade do quadro. Ah ! Se um artista ali estivesse !...

SIMIANE

Felizmente correu em meu auxilio um genroso soldado das nossas tropas coloniaes, e o audaz heroismo d'esse homem foi sufficiente para me arrancar das mãos dos meus algozes. (Pausa) E nunca permittiu que eu lhe pagasse esta divida !

AMBROSIO

Pelo contrario ; eu mesmo marquei o preo ; um signal de amizade na presença de todos, quando nos encontrassemos. Offereceu-me punhados de ouro e eu preferi um aperto de mão.

SIMIANE

Ah ! Meu caro Ambrosio, este encontro talvez o ultimo. Vim a Marselha unicamente para embarcar. Volto para Pondichery.

SEBASTIÃO

Fallou em partir ? Mas então pode sair-do porto ? O vento mudou ?

SIMIANE

D'aqui a duas horas todos os navios podem sair de Marselha.

SEBASTIÃO

Prepara as tuas lagrimas, caro amigo; dentro em pouco ficas livre de mim.

AMBROSIO, a Simiane

Esta viagem muito deve affligir a sr.^a marqueza de Simiane.

SEBASTIÃO, com vivacidade

A sr.^a marqueza?!

SIMIANE, inquieto

Como? Que queres dizer?

AMBROSIO, maliciosamente

Sim; como eu não estava cego quando o reconheci esta manhã; tambem é verdade que o vi na segunda feira, ao cair da tarde, ás portas da cidade, com uma senhora, que, por signal, levava um véo muito tapado. Iam ambos de mãos dadas, contentes e felizes como se tivessem casado na vespera! Gostei de os ver!... (Cala-se. Olha para Simiane que parece contrariado e para Sebastião que reprime o riso) Ora espera! Parece que o sr. Simiane não está contente; e tu... de que te ris?... Diria eu alguma asneira?...

SEBASTIÃO

Ainda peor: commetteste uma indiscrição, tomando a liberdade de reconheceres um cavalheiro que não queria ser visto, dando o braço a uma mulher que não podia ser a sua... porque elle é viuvo...

SIMIANE

E como sabe isso, senhor Sebastião?

SEBASTIÃO

Justamente quando a duqueza sua cunhada me fez a honra de me receber nas suas salas para tirar o retrato a Mirza, chegou a noticia da morte da senhora marqueza de Simiane, que falleceu, ao que parece, quando dava á luz um filho.

SIMIANE

É verdade!... Ah! meu querido René!

AMBROSIO, confundido

Peço então perdão de o ter reconhecido.

SIMIANE

Não tem duvida; comtanto que isto fique entre nós! Ambrosio, vamos separar-nos. Sr. Sebastião, desejo que tenha mil occasiões de mostrar o seu talento.

SEBASTIÃO

Muito obrigado.

SIMIANE, a Ambrosio

A ti, meu amigo, desejo-te todas as felicidades domesticas em companhia de tua mulher.

AMBROSIO

Então peça a Deus que nos dê um filho; porque é a felicidade que nos falta a mim e a Maria Aubert.

SIMIANE, que ia a sair

Maria Aubert!

Pára, como reflectindo.

AMBROSIO

Sim! É o nome de minha mulher!... Parece que lhe despertou uma recordação?!

SIMIANE

Dizes bem ; uma recordação ! Conheci em tempo, ha muito tempo, uma pessoa d'esse nome. (A si proprio) Maria Aubert ! Singular acaso !... (Alto) Adeus, Ambrosio, adeus !

Sae.

SCENA IV

AMBROSIO e SEBASTIÃO

AMBROSIO

Boa viagem... senhor marquez. (Àparte, entrando no balcão á esquerda) Ah ! Elle conheceu em tempo...

SEBASTIÃO

O teu capitão tinha uma intriga amorosa na cidade, Afinal de contas, é necessario ser razoavel ; um viuvo carece de consolação, e...

AMBROSIO, fixando-o com inquietação

Ah ! Tu crês que os viuvos...

SEBASTIÃO

Fallo dos que se lamentam. Bem vês que não me refiro á minha pessoa. Além de que, socega, eu vou partir.

AMBROSIO, caminhando para Sebastião

Ês injusto no que dizes, Sebastião. Na semana passada, quando chegaste, disse-te que considerasses a minha casa como tua ; introduzi-te aqui como amigo, com os olhos fechados.

SEBASTIÃO

É verdade, mas n'essa occasião estavas só ; tua mulher fôra passar oito dias com sua mãe ; e eu devia

demorar-me apenas quarenta e oito horas em Marselha, porque sou esperado em Roma. Afinal, graças ao mau tempo, poudes vêr Maria Aubert; dar os parabens á minha discipula pelos seus progressos, aconselhando-a todavia a que variasse o assumpto dos seus desenhos. Olha: tu não és feio; mas sempre o teu retrato torna-se realmente monotono.

AMBROSIO, com vivacidade

A não ser o meu, que retrato póde ella desenhar?... O de Simiane talvez?!

SEBASTIÃO

Se ella o tivesse visto ao menos uma vez, seria isso possível, porque tem uma memoria prodigiosa; porém o seu talento não chega a ponto de poder reproduzir as feições das pessoas que não conhece... que nunca viu!

AMBROSIO

É verdade, ella não o conhece; porém elle conheceu uma Maria Aubert...

SEBASTIÃO

E depois? Esse nome não se inventou só para tua mulher.

AMBROSIO

Bem sei; mas apesar d'isso, esta idéa incommoda-me... irrita-me... e...

SEBASTIÃO

Sabes que mais? És um louco e estou perdendo o meu tempo a ouvir-te. O navio não espera por mim; vou preparar a minha bagagem. (Movimento para sair; depois,

voltando) Ainda uma palavra, Ambrosio ; acredita que é melhor ser enganado do que ter ciumes.

AMBROSIO

Ora essa !

SEBASTIÃO

Com certeza. O homem enganado é infeliz ; mas o homem que tem ciumes faz a sua desgraça e a dos outros.

Sae pela direita.

SEBASTIÃO, um momento só

Muito obrigado ! O remedio é peor do que a doença.

SCENA V

AMBROSIO e MARIA AUBERT

MARIA, entrando pela esquerda

Bons dias, meu Ambrosio.

AMBROSIO

Ah ! Já estás levantada ? Como te sentes esta manhã ?

MARIA

Muito bem ! (Com alegria e ternura) Sim ! Muito bem !

AMBROSIO

Ora vejamos ! (Contemplando-a) Estás ainda um pouco pallida, porém os olhos estão bons, lindos como sempre. (Abraça-a. Como que reflectindo) Ora dize-me?... Elle conheceu uma Maria Aubert ?

MARIA, surprehendida

Elle ! Quem ?...

AMBROSIO, observando sua mulher

Elle. O marquez de Simiane.

MARIA, com franqueza

Quem é esse marquez de Simiane ?

AMBROSIO

Um antigo conhecimento que fiz na India. Saiu agora d'aqui.

MARIA

Ah! O official de marinha que tu avistaste ultimamente na cidade !

AMBROSIO

Sim! Reconheci-o oito dias mais cedo do que devia, o que me fez commetter uma indiscrição. (Animando-se successivamente) Afinal de contas foi culpa d'elle. Para que é viuvo? Para que tem namoros? É uma historia das que offendem os ouvidos de uma mulher casta, e portanto não fallemos mais n'isso; não me perguntes mais nada; não gosto que falles n'estas coisas.

MARIA, sorrindo

Mas repara que só tu fallas. Eu nada pergunto, nem quiz vêr o tal capitão.

AMBROSIO

Tens razão. Pelo contrario; eu é que queria que o conhecesses! Era mais uma indiscrição da minha parte. Um official elegante, dado a conquistas, introduzillo n'uma casa onde ha uma mulher nova...

MARIA, interrrompendo-o

Quando essa mulher respeita os seus deveres porque ama seu marido, ha sempre dois illudidos: o galanteador que espera, e o ciumento que desconfia.

AMBROSIO

Ciumento! Fui, é verdade; mas estou emendado. A prova é que tiveste a phantasia de ires a casa de tua mãe, a quinze leguas de distancia, e de te demoraes com ella oito dias. Deixei-te partir sósinha, sem te mandar seguir, como um marido que não tem a mais leve desconfiança de sua mulher.

MARIA

Quando souberes o verdadeiro motivo da minha viagem...

AMBROSIO

O motivo?... Então não era para vêr tua mãe que foste a Santo Estevão?

MARIA

Bom! Ahi estás tu inquieto só por uma palavra; e dizes que estás emendado. É o mesmo; nem por isso te quero mal, porque te amo, entendes; amo-te, meu Ambrosio, pela tua coragem em luctares contra a suspeita; amo-te pelo teu coração que me defende quando o teu espirito me accusa.

AMBROSIO

Não, não te accuso! Ainda hontem me confessaste que tinhas perdido no caminho a cruz que te dei quando casámos. Em tempo inquietar-me-ia muito; perguntaria a mim mesmo: que foi feito da cruz? A quem a daria ella?

MARIA

Oh! Que mau pensamento!

AMBROSIO, com vivacidade

Mas não pensei assim ! Disse commigo : Maria perdeu a sua cruz de prata ; tanto melhor, será um pretexto para lhe offerecer uma de oiro.

Tira da algebeira e dá uma cruz de oiro a Maria.

MARIA

Ah ! Como és bom ; como é bonita, e como chega a proposito justamente no dia em que se completa o terceiro anniversario do nosso casamento.

AMBROSIO

Ainda d'esta vez somos só dois a festejal-o.

MARIA, sorrindo

Talvez.

AMBROSIO

O que ? Acaso convidaste alguém ?

MARIA, com ternura

Curioso ? Olha : Acho a cruz linda ; vou já pol-a.

AMBROSIO

Espera : Para que a não percas quero eu mesmo prendel-a. (Ata a fita que prende a cruz em volta do pescoço de Maria) Agora não cairá. Vejamos o effeito. (Pausa) Fica-te cem vezes melhor do que a outra.

MARIA

Não importa ; a de prata era para mim uma recordação.

AMBROSIO

È possivel que a deixasses em casa de tua mãe. Depressa o saberemos, porque já escrevi...

MARIA, perturbada

A minha mãe! (À parte) E ella que não está prevenida... não comprehenderá...

AMBROSIO, que se dirigiu para o balcão

E aqui está a minha carta.

MARIA, tranquilla

Ah! Ainda não partiu! (À parte) Ainda bem!

AMBROSIO

A tua indisposição de hontem não permittiu que eu a acabasse, mas logo vou mandal-a para o correio.

MARIA

Não, não mandes sem que eu volte das compras.

Pega em um cesto.

AMBROSIO

Porque?... Tens que lhe dizer?

MARIA

Tenho sim; uma coisa importante. (À parte) É a hora a que posso encontrar o doutor Hamelin. Quando voltar, Ambrosio saberá toda a verdade; mas só quando eu voltar. E se me enganasse?! (Alto) Adeus. Até logo!

Sáe pela direita.

SCENA VI

AMBROSIO, só

Ella vai por alli? Sim, é tambem o caminho para o mercado. Vou acabar a carta. É necessario deixar espaço para Maria escrever. (Senta-se ao balcão á esquerda para escrever) Mas que terá ella que dizer á mãe Ursula Bompart? Estiveram juntas oito dias, tinham muito tempo para conversar. É porém verdade que os segredos de

uma velha de 65 annos com sua filha não podem ser perigosos para um marido. Além de que, a carta será fechada por mim.

Começa a escrever. N'esta occasião apparece ao fundo uma camponeza velha, caminha para Ambrosio que escreve, e toca-lhe no hombro

SCENA VII

AMBROSIO, e URSULA

URSULA

Todos passam bem n'esta casa, meu rapaz ?

AMBROSIO

Oh ! A mãe Ursula por aqui ? !...

URSULA

Vejo que estás de perfeita saude ; mas minha filha ?

AMBROSIO

Como sempre, boa e bonita. Saiu agora mesmo e não pode demorar-se muito tempo. Mas tudo isto me parece um sonho ! A mãe Ursula, em Marselha, quando ninguem era capaz de a arrancar da sua aldeia !

URSULA

Desagrada-te a minha visita ?...

AMBROSIO

Desagradar-me ; e porque ?

URSULA

Não me mandas sentar.

AMBROSIO

Deixe-me abraçar-a primeiro, minha mãe ; e depois

esteja á sua vontade. Não se encommode; está em casa de seus filhos; está em sua casa.

Apresenta-lhe uma cadeira, depois de a abraçar.

URSULA, sentando-se

Mereces mais um abraço por essas palavras... (Abraça-o)
Não tenho este prazer desde o dia do teu casamento.

AMBROSIO

E sabe que é hoje o terceiro anniversario ?

URSULA

Foi justamente o que cá me trouxe.

AMBROSIO, áparte

Bom; adivinhei; era uma surpresa combinada com Maria, e por isso ella me dizia que não mandasse a carta.

URSULA

Como é agradável descansar quando se chega de longe; e sendo tão bem recebida, descansa-se ainda de melhor vontade.

AMBROSIO

Acaso duvidava?...

URSULA

Certamente. Nós não eramos muito amigos quando tu me deixaste para vires estabelecer-te aqui.

AMBROSIO

Porque me affligia muitas vezes injustamente; pois se ha marido que ame sua mulher...

URSULA

És tu; bem o sei. Tu amas Maria; porém o amor de

mãe é mais excessivo ! De oito filhos que Deus me deu, só me resta Maria. Quando ella veio ao mundo tinha morrido seu pai dois mezes antes, e havia uma semana que eu chorava sobre um berço vazio pela setima vez.

AMBROSIO

Oh ! Bem sei que tem padecido dores cruelissimas !

URSULA

Por isso, e só para evitar um desgosto, um pesar áquella que me restava, dava eu todo o meu sangue como lhe dava toda a minha alma. Nunca recusei coisa alguma á minha querida filha, nem mesmo o marido que o seu coração escolhera, e que teve a coragem de me dizer um dia em que eu me oppunha a que elle ralbasse com minha filha : — Vou-me embora, levo minha mulher ! — Julguei a principio que esta ameaça não se realisaria, porém no dia seguinte perdi tambem a minha pobre Mária ! Foi como se tivesse morrido para mim !

AMBROSIO

Confesso que me excedi talvez n'esse dia ; mas depois... mais tarde... escrevi-lhe e muitas vezes, minha mãe ! Olhe ! Agora mesmo quando chegou ia escrever-lhe.

URSULA

Sim ?

AMBROSIO

É verdade. A respeito da cruz de prata que Maria deixou talvez em sua casa.

URSULA

A sua cruz? Em minha casa? Mas quando?

AMBROSIO

Ultimamente, quando lá estive; porque se mereço que me ralhe pelo meu antigo procedimento, tenho direito a um pequeno agradecimento da sua parte por ter deixado ir sua filha passar oito dias na sua companhia.

URSULA, perturbada e balbuciando

Ah! Minha filha!... Oito dias!... Sim! É possível... Se ella o disse é porque é verdade...

AMBROSIO

Pois que? Não tem certeza?...

Fixa Ursula, que fica ainda mais perturbada.

SCENA VIII

OS MESMOS, e SEBASTIÃO

SEBASTIÃO, entrando com um sacco de viagem

Chega Cesar e a sua fortuna!... Não é muito pesada. (Vendo Ursula) Olá!... A sr.^a Ursula!... Mas que teem?... Para que estão ambos a olhar para mim?...

AMBROSIO

Não gracejes agora. Diga-me, mãe Ursula, quanto tempo esteve Maria em Santo Estevão?

URSULA, perturbada

Eu não posso dizer com certeza... ella te explicará.

AMBROSIO

Responda!

SEBASTIÃO

Mas que novidade é esta ?

AMBROSIO

Deixa-me ! (A Ursula) Responda, já lhe disse.

URSULA, depois de hesitar

Ambrosio, eu não sei mentir. Não vi Maria.

SEBASTIÃO, áparte

Mau ! Embrulha-se o tempo !

AMBROSIO

Não a viu ! (Reprimindo-se) Muito bem. Então mentiu ella ? !

URSULA

Conheço bem a minha filha, e se mentiu foi com hoá intenção.

SEBASTIÃO

Com certeza. Uma coisa pode parecer feia, hedionda, á primeira vista, de longe ; é um effeito de perspectiva. Examinada porém mais de perto, pode ser muito simples, muito natural.

AMBROSIO

Como?! Uma mulher ausenta-se de casa durante oitô dias ; traz noticias de uma terra onde não esteve ; falla de sua mãe que não viu ; e tudo isto é muito simples, muito natural, muito innocente... (irritado) Tudo isto é infame !

SEBASTIÃO, áparte, largando o sacco

Temos desgraça. Já não parto.

URSULA

Ah! Que má idéa que eu tive de vir hoje!

AMBROSIO

Não. Pelo contrario. Foi Deus que a trouxe!

SCENA IX

Os MESMOS, e POMPIGNAN

POMPIGNAN

Ambrosio, venho dizer-te...

AMBROSIO, bruscamente

Está bem! Vai-te! Não me digas nada!

POMPIGNAN

N'esse caso, quero só entregar-te esta cruz de prata.

AMBROSIO, URSULA e SEBASTIÃO

Uma cruz de prata!!

POMPIGNAN

Que deve pertencer a tua mulher, pois tem o teu nome e o d'ella.

AMBROSIO, tirando a cruz das mãos de Pompignan

Sim! Sim! É effectivamente a cruz de Maria.

SEBASTIÃO, a Ambrosio

Vamos! É necessario ter sangue frio. Talvez tudo se esclareça...

AMBROSIO, a Pompignan

Como a achaste?

POMPIGNAN

Não fui eu que...

A DOIDA

AMBROSIO

Então quem foi ?

POMPIGNAN

Foi José, o carreiro.

AMBROSIO

Aonde ?

POMPIGNAN

Para lá de Toulon, perto de Nossa Senhora de Crau.

AMBROSIO

Ouvem ? Para lá de Toulon. Justamente do lado oposto á sua casa, mãe Ursula !

SEBASTIÃO

Mau ! O negocio complica-se.

URSULA

É impossivel. Este homem engana-se.

SEBASTIÃO

Por certo. Um carreiro !... Talvez tivesse bebido de mais. Provavelmente estava embriagado quando disse isso.

AMBROSIO

É necessario que eu o veja ; que lhe falle... Sabes onde mora ?...

POMPIGNAN

Sei : anda comigo.

AMBROSIO, empurrando Pompignan

Vamos ! Vamos ! Perciso saber a verdade. E hei de sabel-a !...

Sae rapidamente com Pompignan.

SCENA X

URSULA e SEBASTIÃO

URSULA

Ahi está Ambrosio com um dos seus accessos de irascibilidade, e d'esta vez tem rasão. Para que lhe mentiu minha filha?...

SEBASTIÃO

Nada comprehendo; mas Maria está sem duvida innocente. Em todo o caso, conte comigo, sr.^a Ursula; não saio d'esta casa enquanto houver algum perigo. (Ouve-se a voz de Maria cantarolando) Ah! Ahi vem Maria!

URSULA

Oh! Ella canta! Então, já estou mais socegada.

SCENA XI

OS MESMOS e MARIA

MARIA, fica surprehendida quando vê Ursula

Minha mãe! em Marselha... em nossa casa! Oh! Que excellente surpresa! Todas as felicidades ao mesmo tempo!

Vae para abraçar sua mãe.

URSULA, detendo-a

Olha bem para mim.

MARIA

Com mil vontades, minha mãe. Ha tanto tempo que a não via!

URSULA, depois de fixar bem Maria, deita-lhe os braços ao pescoço e beijando-a

Não... por Deus... não! A minha filha está innocente.

SEBASTIÃO

Sem duvida.

MARIA

Mas porque dizem isso?! Alguem duvida de mim?...

URSULA

E ainda o perguntas?! Não sabes que logo que aqui cheguei fallei com teu marido?...

MARIA, alegremente

É verdade: nem já me lembrava do meu pobre Ambrosio. A alegria de a vêr, minha mãe, fez-me esquecer tudo.

SEBASTIÃO

Elle fallou na sua viagem...

URSULA

Disse que tinhas ido passar oito dias comigo...

MARIA, sempre alegre

E minha mãe que tudo ignorava, não soube que responder-lhe. Então elle zangou-se, ralhou, disse mil loucuras. Tudo isso é muito natural, minha mãe!... Viu a tempestade; pois prometto-lhe que ha de vêr o bom tempo!

URSULA

Mas tu não sabes o resto. A cruz de prata achou-se.

MARIA

Sim? Tanto melhor; foi mais uma felicidade.

SEBASTIÃO

Achou-a um carreiro... adiante de Toulon... perto de Nossa Senhora de Crau.

MARIA

Honrado homem, que me trouxe a cruz de tão longe.

SEBASTIÃO

Ambrosio partiu como um louco. Foi procurar o carreiro para saber...

MARIA

Porque não esperou por mim? Ter-lhe ia poupado o encommodo de ir perguntar a outro o que eu agora lhe posso dizer.

URSULA

Então, minha filha, não receias a sua colera?

MARIA

A sua colera transformar-se-ha em alegria; ha de agradecer-me e beijar-me. Verá, minha mãe.

Ouve-se ao longe o som de uma sineta.

SEBASTIÃO

Bom! É o signal do embarque...

MARIA

Exactamente, sr. Sebastião.

SEBASTIÃO

Adeus! Não tenho tempo a perder. São felizes, e nada mais tenho que fazer aqui. O navio não espera

por ninguém, e Roma é o caminho da gloria. (Abraça-as)
Adeus! Adeus! Até á volta!

Quando vae a sair encontra-se com uma senhora, de véo,
que entra vagarosamente, examinando as fazendas que estão á vista

URSULA, a Maria

Agora vaes explicar-me...

MARIA, a Ursula, vendo a senhora que entron

Ah! Uma fregueza! Entre para aquelle quarto, minha mãe e fique descançada. Creia que tudó acabará bem.

URSULA

Sim! Acredito-te, minha filha. A tua tranquillidade inspira-me a maior confiança.

Sae pela esquerda.

SCENA XII

MARIA e LEONIA

LEONIA, áparte, examinando as fazendas

Se me demorasse na rua, podia causar reparo. Aqui estarei melhor, para me informar e, se fôr necessario, para esperar.

MARIA, a Leonia

Esta fazenda, minha senhora, é ordinaria; temos outras de muito melhor qualidade.

LEONIA

Ah! Entrei por acaso, sem idéa fixa.

MARIA

Tanto melhor. Quando não ha tenção firme de comprar um objecto qualquer, é justamente quando me-

lhor se compram, muitos. (Passando para dentro do balcão) Vou mostrar-lhe bonitas fitas... rendas finissimas...

Põe duas caixas sobre o balcão.

LEONIA, com hesitação

Perdão. O correio ?

MARIA

É quasi ali defronte ; um pouco mais á direita.

LEONIA

Bem sei. Mas a que horas abre ?

MARIA

Apenas chega a correspondencia. Não póde tardar ; vê-se mesmo d'aqui...

LEONIA, áparte

Simiane sem duvida me escreveu porque não voltou a minha casa desde o regresso de meu marido. Esperarei. (Alto) Deixe-me vêr as rendas.

Senta-se.

MARIA, abrindo as caixas

Veja esta valençiana, minha senhora ; é linda e muito larga. Em rendas, tudo quanto temos é muito bom. Cada peça custa 60 francos.

Sente-se estalar o chicote de um postilhão.

LEONIA

Será o correio ?

MARIA

É sim, minha senhora. Ainda vem no principio da rua. D'aqui a pouco distribue-se a correspondencia.

LEONIA, áparte

Ainda bem. (Alto) Fico com esta renda.

MARIA

Tambem quer filhas? Tenho-as muito bonitas e que são fabricadas mesmo na minha terra, em Santo Estevão.

LEONIA

Como?! É de Santo Estevão?

MARIA

Sim, minha senhora, perto de Lambèse. Conhece ali alguém?...

LEONIA

Não. Positivamente, não. Só alli passei uma vez, era ainda creança, tinha cinco annos e viajava com a minha familia. Quebrou-se a carruagem em que iamos, e por isso fomos obrigados a demorar-nos na povoação durante algumas horas. Perto do sitio onde descansámos, vivia uma pobre mulher, viuva, creio eu, que dias antes tinha tido uma creança...

MARIA, que escuta com interesse

Uma menina, talvez?

LEONIA

Justamente. Era o dia destinado para o baptisado; o padrinho devia retirar-se n'essa mesma noite, e a madrinha, por quem se esperava, não apparecia...

MARIA, continuando a historia

Então alguém se lembrou de pedir a essa menina, que andava viajando, que servisse de madrinha á filha da pobre viuva, e que lhe dêsse o nome de Maria Aubert.

LEONIA

É verdade. Mas como sabe?!

MARIA

Maria Aubert, sou eu, minha madrinha.

LEONIA

A senhora ? f

MARIA

Sim. Maria Aubert Bompart, mulher de Ambrosio.

LEONIA, áparte

Ella ! Ah ! Nunca suppuz tornar a vel-a, aliás não teria escolhido o seu nome para...

MARIA, que durante este áparte sae do balcão

Aqui está como a gente se encontra. Ha n'este mundo acasos bem extraordinarios, quero dizer bem felizes.

LEONIA, com embaraço

Sim, sem duvida. (Áparte) E eu que suppunha não poder comprometter pessoa alguma !

MARIA

Então a minha madrinha vive em Marselha ?

LEONIA

Não ; estou aqui de passagem. Os deveres de meu marido exigem frequentes viagens... Mas não me disse que era casada e feliz ?

MARIA

Completamente feliz, mas só a contar de hoje. Depois de tres annos de esperança, Deus concede-me a ventura de ser mãe. Bem sabia eu que uma novena a Nossa Senhora de Crau seria a benção do nosso lar domestico. Lá fui, sem meu marido o saber ; alias elle

nunca consentiria em semelhante viagem. Os homens julgar-se-iam fracos se tivessem tanta fé como nós ; e no entanto não ha senão uma verdadeira força e que nunca engana : a confiança em Deus !

LEONIA

Vejo que é uma digna e piedosa rapariga ! (Aparte)
É necessario que Simiane não torne a escrever-me com o nome de Maria Aubert.

MARIA

Fallo-lhe de mim, minha madrinha, e esqueço-me de que esperava com impaciencia que chegasse o correio. Agora, vão ser entregues as cartas.

LEONIA

Obrigada ! Vou ao correio e logo por aqui volto. Ponha de parte a renda e algumas fitas do seu gosto... Aqui estão quatro luizes ; nada tem a dar-me.

MARIA

Está dito, minha madrinha.

LEONIA, vae para sair pelo fundo, mas hesita e volta

Passa tanta gente... Não poderei sair por outro lado ?

MARIA

Póde... (Apontando para a direita) Por alli ha uma travessa que vae sair direita ao correio.

N'este momento vê-se o senhor De Lormel atravessar ao fundo ; lança os olhos para dentro da loja ; fica surprehendido, hesita e dá alguns passos para se affastar.

LEONIA, a Maria

Volta-se á esquerda, não ? Até logo.

Abaixa o véu e sae pela esquerda.

SCENA XIII

MARIA e DE LORMEL

MARIA, só

Fico com uma boa madrinha e uma excellente fregueza. (Escolhe algumas fitas, que mette em uma caixa, com a renda) Longe estava eu de suppor que seria ella a primeira pessoa a quem eu diria o meu segredo...

De Lormel que desaparecera, entra na loja.

DE LORMEL, áparte

Foi por força engano ; mas não importa, quero ter a certeza.

MARIA

Oh ! Outro freguez !

DE LORMEL, olhando para todos os lados

É singular ! já cá não está, e eu não vi sair ninguem.

MARIA

Que deseja o senhor ?

DE LORMEL

Perdão. Pareceu-me que não estava só. Ha um instante, estava aqui uma senhora, de vestido verde.

MARIA

E com um véu preto, é verdade.

DE LORMEL

Sim. Mas onde está essa senhora ?

MARIA

Saiu agora mesmo por esta porta.

A DOIDA

DE LORMEL

Ah! Mas apressando o passo, posso ainda alcançá-la.

MARIA

É muito provavel; porém ella volta.

DE LORMEL

N'esse caso, esperarei que volte.

MARIA, continuando a arranjar as fitas e rendas

Foi ao correio buscar uma carta.

DE LORMEL, áparte

Ao correio! Então enganei-me; não póde ser minha mulher, que não se corresponde com pessoa alguma. (Alto) Mil vezes obrigado, minha senhora.

Vae para sair.

MARIA

Não ha de que. (Áparte) É celebre este homem!

DE LORMEL, voltando

Ainda um favor. Sabe quem é aquella senhora?

MARIA

Em primeiro logar sei que é minha madrinha; mas...

DE LORMEL

Sua madrinha! Não preciso saber mais nada... Mil vezes obrigado. (Áparte) Decididamente não é ella; minha mulher não tem afillhadas.

Dirige-se novamente para a porta.

SCENA XIV

MARIA, LEONIA e DE LORMEL

LEONIA, entrando pela direita com uma carta na mão

Escreveu-me!... Aqui, poderei lêr a carta.

DE LORMEL, vendo sua mulher

Ah! Não me enganei. Era minha mulher!

LEONIA, inquieta e áparte

O sr. De Lormel!

MARIA, áparte

Ah! É seu marido?

DE LORMEL

Parece estar muito commovida, senhora! Dir-se-hia que está perturbada!

LEONIA, affectando socego

Não; mas surprehendida de o encontrar aqui. É muito natural.

MARIA, áparte

Tambem este tem ciumes... já sei o que isto é...

DE LORMEL

Vem do correio, não é verdade?

LEONIA, inquieta

Eu!...

DE LORMEL, designando a carta que ella tem na mão

Foi sem duvida buscar essa carta?

LEONIA

Ah! Disseram-lhe?

MARIA, áparte

Fui talvez indiscreta!

LEONIA, com tranquillidade apparente e sorrindo

Se eu quizesse atormental-o!... Mas descance. Esta carta não é para mim.

Então para quem é ?

LEONIA, com vivacidade, designando Maria

Para ella. Veja. (A Maria) Aqui tem Maria Aubert, a sua carta.

Entrega-lhe a carta.

MARIA, áparte

Comprehendo !... Trata-se de salvar uma imprudente. (Alto) Obrigada, obrigada, minha senhora.

DE LORMEL

Então o caso é muito differente. Porém, não comprehendo...

LEONIA

Que eu tivesse a condescendencia, quando chegou o correio, de ir pedir em seu nome uma carta que ella esperava com impaciencia e que não podia ir buscar pessoalmente porque deixava a loja só. Já vejo então que ignora que esta senhora é minha afilhada.

DE LORMEL

Sim ! já sei ! Disse-m'o ella.

LEONIA, a Maria

Entreguei-lhe fielmente a sua carta. Agora posso levar as minhas encommendas.

MARIA

Sim, minha madrinha. Está tudo prompto.

DE LORMEL, áparte

É impossivel que tudo isto estivesse já combinado, porque nem me esperavam.

MARIA, baixo a Leonia

Mas esta carta ?...

LEONIA, a meia voz

Se meu marido a abrisse, estava perdida ! Guarde-a ; e esta noite virei buscal-a. (Alto a de Lormel) Estou ás suas ordens senhor conde. (Confidencialmente) E agora está mais socegado ?

DE LORMEL

Estou completamente tranquillo, sim. E fui talvez um pouco severo, porque pouco antes tinha sido muito contrariado.

LEONIA

E por quem ?

DE LORMEL

Por Simiane.

LEONIA, reprimido-se

Pelo marquez de Simiane ?

DE LORMEL

Sim. Veiu a Marselha e embarcou esta manhã, sem ao menos se despedir de mim.

LEONIA

Partiu ? !

DE LORMEL

Para a India, d'onde talvez não voltará.

LEONIA, áparte

Oh ! É impossivel.

DE LORMEL

Vejo que a indigna um tal procedimento e tem razão! Felizmente, a par d'estas desillusões, ha as alegrias do lar domestico, que são as verdadeiras. Vamos abraçar a nossa filha.

LEONIA, áparte

Partiu! Oh! Esta noite terei a sua carta em meu poder! (Alto a Maria) Até á vista minha afillhada.

MARIA

Adeus, minha senhora.

LEONIA, saindo

Até breve!

De Lormel dá o braço a Leonia, saem ambos.

SCENA XV

MARIA, só

Parece que a minha madrinha tem segredos tambem para mim; mas duvido que ella esteja tão tranquilla, tão feliz como eu quando confessar tudo a meu marido. Mas que esquecimento! Partiu, sem me dizer o seu nome, e não me lembrou perguntar-lh'o. Ora! Mas eu posso sabel-o pelo sobrescripto da carta. (Lendo o sobrescripto) *Maria Aubert, em Marselha.* É extraordinario! Mas então é esta carta effectivamente para mim? Que quer tudo isto dizer? Vejamos. (Abre a carta; depois, como que fulminada, leva as mãos aos olhos) Mas que tenho eu?! Uma tontura! Ah! sim como hontem... um aviso... um indicio... Ah! Deus traga Ambrosio já, para que eu possa

emfim dizer-lhe!... Faltam-me as forças... Sinto-me desfalecer! (Encosta-se a uma cadeira) Ah! Mas eu não estou aqui só! (Chamando com voz fraca) Minha mãe!... minha mãe!...

SCENA XVI

MARIA, URSULA, e depois AMBROSIO

URSULA

Chamas-me, Maria?... Misericordia! Como estás palida! Que tens, minha filha?

MARIA

Não se assuste, é o signal de uma grande felicidade. Eu tambem vou ser mãe.

Perde os sentidos e deixa cair a carta. Ursula acode a Maria.

AMBROSIO, entrando muito agitado

Já sei onde foi achada a cruz.

URSULA

Ainda bem que chegaste, Ambrosio. Ajuda-me a socorrer tua mulher.

AMBROSIO

Desfallecida como hontem! Tem razão, mãe Ursula. Alli, n'aquelle quarto encontrará...

URSULA

Lá vou, lá vou.

Entra á esquerda.

AMBROSIO

Oh! É necessario que volte a si, que me diga...

(Vendo a carta no chão) Uma carta!... Que carta será esta?
 (Apanha a carta, Ursula volta rapidamente, e dirige-se para Maria. Ambrosio lança a vista pela carta) Ah! O seu segredo! Vou emfim saber tudo!

URSULA

Que dizes tu?

AMBROSIO

Ouçã. (Lê) « *O nosso amor não pode agora ser mais do que uma recordação. Restituo-te aos teus deveres, por tanto tempo desconhecidos. Oxalá que o ceu nos perdoe o termos enganado um homem de bem!* »

URSULA

Essa carta não foi escripta a tua mulher!

AMBROSIO, mostrando-lhe o sobrescripto

Que nome é este?

URSULA, consternada

Maria Aubert!

AMBROSIO

E censuravam a minha violencia! (Correndo desvairado para Maria) Ah! É necessario que ella morra!

URSULA, supplicando

Perdão!

AMBROSIO

Não! Nada de compaixão.

URSULA, ajoelhando-se diante de **Maria**

Então... Perdão para seu filho !

AMBROSIO, detendo-se ; com terror

Oh !...

Cae o panno.

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO SEGUNDO

Em Santo Estevão, em casa de Ursula Bompert. Casa modesta ao rez do chão. Porta e janella ao fundo para o campo. Entre a porta e a janella um grande armario. Porta á direita. Mesa, cadeiras.

SCENA I

SIMIANE e MIMI

Simiane está sentado. Mimi limpa o pó e arruma as cadeiras

SIMIANE

Então, não ha duvida, estou em casa da sr.^a Ursula Bompert?

MIMI

Sim senhor.

SIMIANE

E segundo diz, a pobre mulher esteve em perigo de vida?

MIMI

É verdade, e deu-nos serios cuidados. Aos oitenta annos difficilmente se resiste a uma doença. Salvou-a porém uma crise antes de hontem á noite, e sobretudo deve-se o milagre a um excellente medico da Aix que René foi em pessoa chamar. A nossa doente sentiu-se tão bem esta manhã, que quiz ir á egreja; não a pé,

já se sabe, mas n'um carro. Foi René quem a acompanhou, e apesar de não ser dia de festa tocaram os sinos, e disse-se uma missa em acção de graças pelas melhores da boa mãe Ursula. René pagou toda a despeza. Também eu tinha muita vontade de ir á igreja; mas a criada carecia de descanso. Mandei-a deitar, e quando acordar, achará já tudo em ordem. Não fui, é verdade, mas René pedirá a Deus por nós dois.

SIMIANE

Ora diga-me, minha menina, esse bom René que faz tantas coisas, não é o joven marquez de Simiane?

MIMI

Sim. É marquez no seu palacio, em casa de sua tia, a senhora duqueza; porém aqui, onde vem todos os dias, desde que entra até que sae o anno, ninguem lhe chama senão o pequeno René, ou melhor ainda o companheiro de Mimi.

SIMIANE

E quem é essa Mimi? Provavelmente alguma bonita e elegante rapariga?

MIMI, perturbada

Mas...

SIMIANE

Então não quer dizer o que pensa a respeito da tal Mimi?

MIMI, com vivacidade

Não posso dizer mal d'ella; mas também não posso dizer muito bem, porque a Mimi sou eu. (Como que re-

cordando-se) Ora, mas diga-me: o senhor entrou aqui, sentou-se, fallámos na mãe Ursula, em René e em mim; mas para que?

SIMIANE

Para eu saber com certeza o motivo porque René está ausente do palacio ha tres dias.

MIMI

A sr.^a sua tia não pode estar inquieta. Elle preveniu-a de que não nos abandonaria emquanto houvesse algum perigo. Que seriamos nós sem elle. Joanna sentia-se cansada, era elle quem a reanimava; eu perdia a cabeça, era ainda elle quem me dava alguma esperanza. E quando a pobre mãe Ursula melhorou estava ainda um de nós, de joelhos, junto do seu leito; tanto que ella tornando a si, disse: — Não me admiro que Deus me restituisse a saude. Se eu tenho aqui sempre um dos seus anjos a rogar-lhe por mim! E René era esse anjo!

SIMIANE, commovido

Sabes que mais: tenho vontade de te abraçar.

MIMI

E para que, senhor?

SIMIANE

Para te agradecer as boas ausencias que fazes a meu filho.

Abraça Mimi.

MIMI

Ah! O pae de René! Então é o senhor quem elle esperava ha tanto tempo. Como ficará contente quando

o vir. Como deve ser agradável tornar a ver seu pae.
Eu nunca terei similhante felicidade.

SIMIANE

Como! Esta boa velha a que chamas mãe Ursula...

MIMI

É minha mãe de adopção... Achou-me uma noite á
sua porta e recolheu-me por caridade.

SIMIANE, áparte

Pobre creança!

Ouvem-se os sinos.

MIMI

Ah! Acabou-se a missa.

Sente-se o rodar de um carro; rumor fora.

JOANNA, apparecendo á esquerda

Dormi um bom somno. Parece-me que ahí vem a
sr.^a Ursula.

MIMI

Depressa, Joanna, uma cadeira... um banco para a
ajudar a descer do carro. (A Simiane) Vae emfim ver seu
filho.

SIMIANE, a Mimi que vae saindo com Joanna

Não lhe digas uma palavra a meu respeito. Quero
annunciar-me a mim proprio.

SCENA II.

JOANNA, MIMI, URSULA, RENÉ e SIMIANE

JOANNA, entrando em primeiro logar

Coragem! Eis-nos chegados.

Vae preparar uma cadeira á esquerda. Ursula apparece encostada
a Mimi e a René

SIMIANE, á parte, contemplando René

Meu filho !... Ahi está meu filho !

RENÉ

Como anda bem ! Sabe, mãe Ursula, que está muito forte ?

URSULA

Não estou forte, não, meus filhos ; tudo isto é boa vontade. (Ajuda-n'a a sentar-se. Ursula vendo Simiane, diz) Um desconhecido !

MIMI, sorrindo

Não para todos.

RENÉ, que fixa Simiane

Como elle olha para mim, tão commovido ; e eu...
(Dirige-se para Simiane) Perdão, senhor...

SIMIANE

Que quer, meu amigo ?

RENÉ

Ha no quarto de minha tia, no palacio de Simiane, o retrato de um joven official de marinha que todos os dias contemplo com ternura. Vi o original d'esse retrato n'uma epoca de infancia em que a recordação não deixa vestigios na memoria. O senhor tem mais idade do que representa o retrato ; porém elle tem como o senhor a bondade no olhar, a doçura no sorriso. Diz-me o coração que é o seu retrato... que o senhor é meu pae.

SIMIANE, apertando-o nos braços

Sim, meu querido filho ; e um pae bem feliz porque o teu coração me reconheceu.

MIMI

Com certeza, porque eu nada lhe disse.

URSULA

Como, Mimi, pois sabias ?

SIMIANE

Oh ! Fizemos já reciprocas confidencias. Sei quanto o meu René é aqui estimado.

URSULA

Como um filho.

MIMI

Como um irmão.

SIMIANE, a Ursula

Sei tambem o que tem feito por esta pobre creança (Designando Mimi) Uma tal acção dá-lhe muita honra, porém o encargo que tomou é talvez superior ás suas forças. Desejo que o meu regresso seja tambem uma felicidade para alguem. O acaso permittiu que eu encontrasse Mimi, que só tem a senhora no mundo e pôde perdê-la um dia. Deixe-me completar a sua obra. Fallo em nome de René, em nome do seu amigo. Se Deus fez n'este mundo pobres e ricos, tambem disse : « Amae-vos, soccorrei-vos uns aos outros. » René é amado n'esta casa, e é por isso justo que elle tambem as auxilie.

URSULA

Agradeço muito o interesse que toma por minha filha. É verdade que supponho que Mimi é orphã, mas isso não prova que a sua familia esteja para sempre

perdida. Espero ainda que um milagre de Providencia lh'a restituirá. Não posso, pois, como vê, senhor, dis-pôr d'ella! Não nos separe completamente do sr. René; consinta que elle venha de quando em quando vêr-nos, e deixemos o futuro á graça do Senhor.

RENÉ

Oh! Descancem! Hei de vir como é costume. Agora porém estaremos alguns dias sem nos vermos.

MIMI

Alguns dias?!

SIMIANE

Como?

RENÉ

Sim. Temos um noivado: a menina De Lormel casa-se.

SIMIANE

A filha de...

RENÉ

Do conde De Lormel, que me disse ha dias que era o melhor dos seus amigos, meu pae.

SIMIANE

E assim era. Mas desde que parti, ha quinze annos, julguei que se teria esquecido de mim!

RENÉ

Pois não se esqueceu, e muito contente ficou quando soube que meu pae era aqui esperado.

SIMIANE

Elle veiu a Santo Estevão?

RENÉ

Veiu buscar a sr.^a De Lormel, que aqui está ha seis mezes, afim de restabelecer a saude de sua filha. Mimi e a mãe Ursula, conhecem muito bem a sr.^a De Lormel.

URSULA

Sem duvida! É uma generosa e nobre senhora. Todos os pobres d'esta terra bemdizem o seu nome; e muitas vezes veiu ellá a esta humilde choupana. Era muito afeiçoada a Mimi, porque Mimi e a menina Adriana eram amigas. Como aquella senhora ama sua filha! Quantas vezes me disse ella, cobrindo-a de beijos: Sr.^a Ursula, só preso a vida para estar com este anjo.

SIMIANE, áparte

Pobre Leonia!

RENÉ

O casamento far-se-ha no palacio de De Lormel, perto de Montmayour. Disse-m'o o homem que me trouxe a carta, que o sr. De Lormel lhe escreveu, meu pae; carta de convite, sem duvida. Como a cerimonia é d'aqui a tres dias, bastará que partamos depois de amanhã. Virei portanto vêr-te amanhã, Mimi.

URSULA, a Simiane

Dá licença?

SIMIANE

Oh! A minba presença nada veiu alterar, sr.^a Ursula; ha só uma differença: é que em casa de Simiane

teem ambas agora mais um amigo. Vamos René, preciso ver a carta do sr. de Lormel.

RENÉ

Adeus! mãe Ursula. Até ámanhã Mimi.

MIMI

Até ámanhã, René.

Simiane sae, depois de affectuosamente se despedir de Ursula e beijar Mimi, na testa

SCENA III

URSULA e MIMI

Joanna, depois de trazer a Ursula a roca e o fuso, sae

URSULA, fixando Mimi que ficou pensativa, depois da saida de René
Em que pensas, Mimi? Porque suspiras?

MIMI

Eu? Nem o sei! Ora diga-me: crê que o sr. marquez permittirá que René venha aqui sempre?

URSULA

René está um homem. O seu logar não é n'uma aldeia; é no exercito... na côrte.

MIMI

Sim. Ha de ser official, e depois esquece-se de nós.
(Beijando Ursula) Oh! bem sei, que só a minha boa mãe me ha de amar sempre!

URSULA, com ternura

Sim... sempre... minha Mimi. (Áparte) Mas quando eu morrer... quem velará por ella, meu Deus!

MIMI, enxugando as lagrimas

Fallo... fallo... e esqueço-me de que ainda não tomou o seu caldo. Vou dizer a Joanna que lh'o traga, com um copo d'aquelle bom vinho que René lhe mandou, (áparte, suspirando) René pensava em tudo.

Sae.

SCENA IV

URSULA, depois SEBASTIÃO

URSULA

Se eu tivesse morrido, o que seria d'esta creança! Mas Deus ainda me poupou d'esta vez para eu cuidar do futuro de Mimi. Se ao menos me apparecesse um indício... um vestigio! Deus se compadeça de mim!

SEBASTIÃO, que parou defronte da porta

Não tem que ver, não me engano, deve ser aqui. (Entrando) Cá está o mesmo bahu; a grande cadeira, e na cadeira, a mãe Ursula fiando como d'antes na sua roca.

Tira a capa e o chapéu.

JOANNA, entrando sem ver Sebastião, e trazendo n'uma bandeja uma chavena de caldo, uma garrafa e um copo. A Ursula

Aqui está o seu almoço.

URSULA

Não quero nada.

JOANNA

Oh! Pois o caldo está muito bom. Decididamente não o quer?... Então levo tudo outra vez...

SEBASTIÃO, pegando na bandeja

Não leve, aceito eu.

JOANNA

O que?!

SEBASTIÃO

Admiras-te? Pois fica sabendo que eu sou um amigo...

JOANNA

E um amigo, muito sem cerimonia!

URSULA, olhando para Sebastião

Um amigo?!

SEBASTIÃO

Pois não reconhece Sebastião? Não se recorda do tempo em que estive em sua casa? Sebastião... que chamavam o *pinta monos*!

URSULA, com alegria

Sebastião.

SEBASTIÃO

Que em primeiro logar a vae abraçar, e depois conversar, almoçando ao mesmo tempo, se o permite. Tenho ainda o mesmo coração; e o appetite tambem não mudou.

URSULA

Este querido Sebastião! (A Joanna) Dá-lhe o que trazias para mim.

JOANNA

Já me tirou tudo, minha senhora.

SEBASTIÃO, olhando para a bandeja

Realmente é bem pouco. Ó rapariga, vae buscar meia duzia d'ovos... É justamente a hora a que d'antes se

ia á capoeira. Na cosinha encontrarás provavelmente um pedaço de presunto; e junta a isto alguma fructa. Lá em baixo na latada, ao pé do poço, á esquerda, ha excellentes uvas.

JOANNA

Mas este senhor sabe perfeitamente os cantos á casa?

SEBASTIÃO

Melhor do que tu, com certeza. Então para que estás ahi a olhar para mim? Achas-me interessante, não é verdade? Pois fica sabendo que depois de almoçar ainda o sou mais.

JOANNA

Veremos; no entanto vou arranjar os ovos.

Sae rindo.

SCENA V

URSULA e SEBASTIÃO

URSULA, áparte

Sebastião, em minha casa! Sebastião, o amigo, o irmão de Ambrosio! Oh! O indício... o vestigio... que eu tanto pedia a Deus, eil-o talvez.

SEBASTIÃO, comendo

Estou muito contente porque a tornei a ver. E a sr.^a Bompart?

URSULA

Oh! Eu... muito... muito...

SEBASTIÃO, bebendo

Bravo! o seu vinho está mais velho e muito melhor. Á sua saude. Tendo sido chamado para as vizinhanças

de Arles, afim de tomar conta de trabalhos importantes, não podia deixar de vir abraçal-a.

URSULA

Fez muito bem; mas diga-me: Marselha tambem não fica distante de Arles, e nunca pensou em ir tambem a Marselha?

SEBASTIÃO

A Marselha?

URSULA, fixando-o com intenção

Sim; para ver Ambrosio.

SEBASTIÃO

Ora! Ambrosio não está já em Marselha.

URSULA

Não. Mas provavelmente procurou obter informações d'elle.

SEBASTIÃO

Procurei, é verdade; mas em Marselha ninguem soube dar-me noticias de Ambrosio.

URSULA

Ninguem!.. Ninguem!... (Com pesar) Oh! meu Deus!... E eu que esperava...

SEBASTIÃO, levantando-se

Animo! Animo! Se Sebastião sabendo que Ambrosio desaparecera, e que isto a affligia; se o seu amigo Sebastião entrou n'esta casa com o sorriso nos labios e a alegria no coração, foi porque tinha alguma coisa que lhe dizer; bi porque vem fallar-lhe de Maria Aubert; foi porque viu a sua filha!

URSULA

Viu minha filha?!

SEBASTIÃO

Ha tres dias.

URSULA

Minha filha! Ella existe! Está perto de mim! Mas como poude descobrir?

SEBASTIÃO

Por simples acaso, porque, repito, em Marselha ninguem soube dar-me noticias de Ambrosio. Parece-me que já lhe disse que fui chamado de Paris pelo presidente de Lormel, que estando para casar sua filha e durante a ausencia de sua mulher, queria idornar a parte do seu palacio que destina para os noivos. (Rindo) Ah! O pinta monos cresceu, estudou... e alvez não pinte melhor do que d'antes; mas leva mais caro pelo seu trabalho. Havia pois dois mezes que eu estava no palacio de Lormel; tinha acabado os meus trabalhos e dispunha-me para partir. Quiz porém antes explorar os arrebaldes afim de levar comigo alguns desenhos. Nas minhas excursões por vezes notei no fundo de um valle solitario e discretamente occulta por grandes arvores, uma casa com as portas sempre fechadas e com grades nas janellas. Nunca vi entrar nem sair pessoa alguma; e por isso suppuz que a casa não era habitada; porém como estava mui pittorescamente situada comecei a desenhá-la. N'esse dia, abriu-se uma janella; uma mulher encostou a cara ás grades! Dei um grito de surpresa; essa mulher era Maria Aulert!... A bulha que fiz fechou-se de novo a janella. Corri immediata-

mente á porta, bati muito tempo sem ninguem me responder ; mas afinal veiu um homem, lancei-me nos seus braços... era Ambrosio !

URSULA

Ambrosio !... Que tem minha filha presa... Oh ! Mas é necessario que elle m'a restitua.

SEBASTIÃO

Perdão, sr.^a Ursula ; posso dizer-lhe que vi Maria Aubert ; porém não posso dizer-lhe onde ella está.

URSULA

Ah ! Se minha filha não poude justificar-se ; se Ambrosio continua a consideral-a criminosa, é porque Maria está ainda louca, não é sim ?...

SEBASTIÃO

Ambrosio, depois de me obrigar a prometter-lhe que a ninguem revelaria o segredo que descobri, introduziu-me no quarto de Maria. Esperava elle que a minha presença despertaria n'ella a recordação do passado ; porém Maria depois de me vêr, perguntou a seu marido quem eu era. Disse-lhe o meu nome, e este nome machinalmente repetido por ella nada lhe recordou... continuou a desenhar algumas flôres que tinha sobre a mesa, como se nada se tivesse passado. Ambrosio foi sem duvida cruel separando-a de sua filha ; mas elle é tão infeliz ! Não póde duvidar de que Maria é culpada ; e só uma mãe tem o direito de julgar o contrario. Pois bem ! Se elle soubesse o nome do infame que destruiu a sua felicidade, se elle pudesse vingar-se, perdoaria talvez áquella que tão dolorosa-

mente tem expiado o seu erro. D'esse erro não ficaria vestigio algum, porque essa infeliz criança...

URSULA, com vivacidade

Ambrosio fallou-lhe na criança ?

SEBASTIÃO

Disse-me que morreu á nascença ; porém a recordação da filha conservou-se bem viva no coração da mãe ! Maria só tem uma idéa, um só desejo : ir ao cemiterio resar e chorar sobre o tumulo da sua querida filha Genoveva !

URSULA, áparte e soluçando

Oh ! Pobre mãe ! Pobre martyr !

SCENA VI

Os MESMOS, e MIMI, entrando com um prato com ovos

MIMI, áparte

Quem será este senhor que comeu o almoço da mãe Ursula ?

SEBASTIÃO, baixo a Ursula

Tranquillise-se ; repare que não estamos sós.

MIMI

Aqui estão os ovos, meu senhor.

SEBASTIÃO

Obrigado, minha menina. Ora diga me, sr.^a Ursula, tem duas criadas ? Vamos a ver que tal é esta ? (Fixando Mimi) Ah !

DE MONTMAYOUR

MIMI, admirada

Que é isso? O senhor assustou-me.

SEBASTIÃO

Oh! Deixe-me vel-a bem. Olhe tambem pa
A menina é orphã, não é verdade?

MIMI

Sim senhor.

SEBASTIÃO

Foi recolhida pela sr.^a Ursula?

MIMI

Sim senhor. Mas quem lh'o disse?

SEBASTIÃO

Ninguem. Adivinhei, e agora compreendo.

URSULA

O quê, Sebastião?

MIMI

Meu senhor, os ovos esfriam.

SEBASTIÃO, fitando-a com attenção

É o mesmo; já não tenho vontade. (Baixo a Ursula)
ciso fallar-lhe a sós.

URSULA

Leva tudo isso, minha filha, e não volte
quando eu te chamar.

MIMI

Sim, minha mãe. (Áparte) Porque será que
tanto para mim?

SCENA VII

SEBASTIÃO e URSULA

SEBASTIÃO

Sr.^a Ursula, acabo de ver a filha que Maria julga perdida...

URSULA, áparte

Oh ! Meu Deus !

SEBASTIÃO

É inverosímil, é impossível ; mas assim é. Oh ! Não se engana facilmente um pintor ! As mesmas feições, o mesmo olhar ! Esta creança é Maria Aubert, quando tinha quinze annos.

URSULA

Oh ! Cale-se por piedade...

Fecha a porta por onde saiu Mimi.

SEBASTIÃO

Não me enganei, não é assim ? Disse a verdade ?

URSULA

Sim ! Adivinhou o que Ambrosio jurou occultar a todos e sobretno a esta creança ! Ouça. N'aquelle mesmo dia em que partiu de Marselha, Ambrosio sabendo que ia ser pae justamente na occasião em que se julgava trahido, quiz matar minha filha, que enlouqueceu, tal foi o susto que teve ! Durante dois dias e duas noites não abandonei um instante Maria, que tinha accessos horriveis ! No terceiro dia socegou mais, e Ambrosio obrigou-me a ir descansar algumas horas... Para que

obedecei eu, meu Deus?! Quando acordei no dia seguinte, estava só em casa! Ambrosio tinha levado minha filha! Algumas linhas escriptas á pressa diziam-me que elle ia occultar para sempre e aos olhos de todos Maria e a sua vergonha! Voltei para aqui... bem triste... bem infeliz! Mezes depois... alta noite... senti bater áquella janella; uma voz proferiu o meu nome. Era a voz de Ambrosio! Fui abrir immediatamente. A sua pallidez atterrou-me! — «Tranquillise se, disse elle, a sua filha existe». — Depois desembuçando-se, mostrou-me uma creança que dormia tranquillamente nos seus braços!... — «Esta creança, accrescentou elle, é a do adulterio; viverá, porém com a condição de que ninguem saberá nunca que é filha de Maria Aubert... de Maria Aubert, que enganada por mim chora agora sobre um berço vasio». — Prometti; deixou-me a creança e... foi-se para não mais voltar! A creança cresceu; julga-se orphã; todas as noites, nas suas orações, profere o nome de Maria Aubert, sem desconfiar que Maria Aubert é sua mãe!... Mas Deus não ha de permittir que esta pobre creança nunca chegue a conhecer a sua familia; ha de inspirar Maria, que está innocente, e então ella se justificará. Sim, Sebastião; de balde a razão a accusa, de balde seu marido a condemna; diz-me o coração que Maria é uma mulher honrada.

SEBASTIÃO

Pois bem! Deus ha de permittir que ella se justifique; e eu contribuirei com todas as minhas forças para se descobrir a verdade. Sim! Voltarei a Montmayour, e...

URSULA, com vivacidade

Montmayour!! Então, está minha filha em Montmayour?...

SEBASTIÃO

Bom! Lá se foram todos os segredos de Ambrosio! Peça-lhe que não abuse d'esta confidencia involuntaria. A menor imprudencia póde comprometter tudo! Ambrosio desapareceria ainda uma vez, e talvez o acaso não permittisse que eu o tornasse a encontrar.

URSULA

Oh!... Nada direi! Mas que espera?...

SEBASTIÃO

Volver o espirito de Maria Aubert para o passado; mostrar-lhe os sitios que na sua mocidade percorreu; os que mais particularmente a impressionaram; a casa onde foi tão feliz; a boa mãe que ella tanto estremecia. Hei de levar-lhe uma boa collecção de desenhos.

URSULA

Bom Sebastião! Deus o abençoe pelo que vae fazer. Aconteça o que acontecer, a minha querida Mimi terá um verdadeiro amigo... um protector dedicado!... Oh! Agora já posso morrer!

SEBASTIÃO

Não! Pelo contrario! É necessario que viva para ver todos os seus filhos felizes... Ainda os hei de retratar todos reunidos, e será esse o meu melhor quadro! Mas, em primeiro logar os desenhos. Recordo-me de um sitio de que Maria muito gostava. Quantas vezes o desenhámos juntos! A rocha de Magdalena onde Am-

brozio, Maria e eu deixámos gravados os nossos nomes!... (Rindo) A rocha está, sem duvida, ainda no mesmo lugar! Pois bem! Começarei por ella; mas não me recordo bem do atalho por onde costumavamos ir.

URSULA

Vou dar-lhe um guia. (Chamando) Mimi... Mimi...

SEBASTIÃO

Pois ella?...

URSULA

Acompanhal-o-ha até á entrada do atalho, depois...

SEBASTIÃO

Irei ter á rocha com os olhos fechados.

SCENA IX

OS MESMOS, MIMI e JOANNA

MIMI

Chamou, minha mãe?

JOANNA

Que ha de novo?

URSULA, a Mimi

Vaes sair com Sebastião.

MIMI

Com este senhor?

URSULA

Oh! É um amigo! Um verdadeiro amigo, que vem

passar alguns dias connosco. Joanna, tu prepararás para elle...

SEBASTIÃO

O quarto pequeno.

JOANNA

O que tem muitos bonecos pintados na parede?

SEBASTIÃO

Esse mesmo! Ah! N'esse tempo economisava eu muito papel. Não occuparei porém o quarto, senão d'aqui a tres dias; preciso de pinceis, tintas; e só na cidade posso encontrar esses objectos. Da rocha de Magdalena poderei seguir pela estrada real, não é verdade?

URSULA

Póde, sim. Tu, Mimi, acompanharás este senhor até á entrada do atalho da Primavera.

MIMI

Esteja descansada.

SEBASTIÃO

A minha carteira... os meus lapis... Bom! Cá está tudo. A caminho, Mimi. Até mais vêr, sr.^a Ursula.

URSULA

Esperem: tambem quero acompanhal-os.

JOANNA

Ora esta!

URSULA

Só até ao fim do jardim. (A Sebastião) Fez-me muito bem vê-lo. Vamos...

JOANNA

Quer encostar-se a mim ?

URSULA

Não, não ; nunca me senti com tantas forças ; e cá tenho o meu bordão.

SEBASTIÃO, offerecendo-lhe o braço

Encoste-se ao meu braço.

Saem todos tres pela direita.

SCENA IX

JOANNA, depois AMBROSIO

JOANNA, olhando para o jardim

Como ella anda ligeira... ninguem dirá que esteve á morte ! (Levantando a mesa) O medico de Aix fez uma excelente cura ; mas parece-me que foi o viajante d'esta manhã quem completou o milagre. Se eu estivesse doente, queria ser tratada por este doutor.

AMBROSIO, parando ao fundo e com voz commovida

A sr.^a Ursula Bompert ?

JOANNA, áparte

Ainda outro desconhecido ! (Alto) É aqui, meu senhor.

AMBROSIO, com hesitação

Bem sei ; mas queria saber...

JOANNA

Como ella passa, não é verdade ? Esteve muito mal, mas agora vae melhor.

AMBROSIO, áparte

Ainda bem ! Poderei vel-a e fallar-lhe mais uma vez !
(Alto) Ella está só ?

JOANNA

Está, sim, meu senhor.

AMBROSIO, com alegria

Ah ! Tanto melhor !

JOANNA, a Ambrosio, que se dirige para a esquerda

Então onde vae ?

AMBROSIO

Vou ter com a sr.^a Ursula. Não é alli o seu quarto ?

JOANNA, áparte

Tambem este conhece os cantos á casa ! (Alto) A sr.^a Ursula não está no quarto, foi ao jardim.

AMBROSIO

Obrigado ! (Vae a sair para o jardim ; depois detem-se) Apresentar-me assim... repentinamente... causar-lhe uma tal commoção !

JOANNA, que o vê hesitar

O senhor não se engana ; o jardim é effectivamente para esse lado.

AMBROSIO, áparte

Não ; será melhor prevenil-a. (Alto) Vá dizer a sua ama que está aqui um sujeito que lhe quer fallar.

JOANNA

O seu nome ?...

AMBROSIO

Diga-lhe que é Ambrosio.

JOANNA, involuntariamente e fixando-o com curiosidade

Ah ! O genro da sr.^a Ursula ?!

AMBROSIO

Sim ! Mas vá depressa, porque não posso demorar-me.

JOANNA

Vou já. (Áparte) E eu que fazia tão má idéa d'este homem ! Parece mais infeliz do que mau !

Sae.

SCENA X

AMBROSIO, só

Oh ! Não ! Não posso demorar-me aqui ! Julgava poder affrontar todas as recordações do passado, e bastou ver esta casa para desanimar ! Quando entrei senti uma vertigem. (Olhando em volta de si) Tudo aqui me recorda o passado ! Foi acolá, n'aquelle mesmo logar, que pedi a sua mão ; e no dia seguinte quando, inquieto e tremulo, esperava lá em baixo... ao pé d'aquella oliveira... que Maria confessava tudo a sua mãe, foi a esta janella que ella appareceu com a alegria nos olhos e me disse, sorrindo : — « Vem, meu Ambrosio ; minha mãe quer abraçar o seu filho ! » — Foi alli o nosso quarto ! (Abre a porta á direita e diz com surpresa) Nada está mudado ! (Com

ternura) Tudo como d'antes ! Até o ramo de noivado que sua mãe quiz conservar sempre em seu poder ! (Olhando com mais attenção) Mas que vejo ? ! Aquelle vestido ! (Fechando a porta, com colera) Ah ! Comprehando ! É o quarto d'aquella creança que...

SCENA XI

AMBROSIO e URSULA

URSULA, entrando ás ultimas palavras de Ambrosio
Da creança que vem talvez buscar ?

AMBROSIO, descobrindo-se

Deixe-me dizer-lhe em primeiro logar que sou agradecido ao céu, porque até hoje a conservou. Do retiro em que habito não cessei de velar pela sua felicidade, minha mãe. É um dever, bem sei ; cumprindo-o, não mereço mais do seu affecto. Recebo repetidas vezes noticias suas por intervenção de um discreto amigo e vizinho que nem pretende descobrir o recondito asylo onde me abrigo com a minha desventura. Hontem, por uma carta d'elle, soube que estavamos ameaçados de uma desgraça, que Deus queira affastar de nós, e...

URSULA

Veiu, porque julgava talvez que eu tinha morrido, não é verdade ?

AMBROSIO

Não ! Esperava vel-a ainda uma vez ! Se a mãe Ursula morresse, a creança ficaria sem amparò, entregue á caridade publica. Não queria que assim acontecesse,

e portanto vim para lhe dizer que o meio de garantir o futuro d'essa estranha que tem em sua casa...

USRULA, com vivacidade

Estranha !

AMBROSIO

Emquanto a mãe Ursula viver não lhe posso chamar orphã.

URSULA

O senhor tem apenas um vago indicio do crime em que não creio, e nem ao menos tem piedade ! Maria, privada da razão, nem sabe de que é accusada, e para mais a torturar separou-a da filha ! !

AMBROSIO

Ah ! Amaldiçoe-me ! Deus sabe quanto padeço ! Só Elle vê o que se passa no ermo sombrio onde occultei Maria aos olhos de todos ! Sim ! Tenho-a bem escondida, porque é prohibido ter em casa uma doida, ainda que essa doida seja nossa mãe... nossa filha... ou nossa esposa ! Se se descobrisse a verdade, viriam arrancar-a dos meus braços, e é por isso que fugi para longe de todos ; e mesmo na solidão onde vivemos, tremo... tremo por ella ! Se os meus vizinhos tivessem a menor desconfiança, se surprehendessem Maria em um dos seus accessos de delirio, estavamos perdidos ! Ha quinze annos que não a deixo um instante ; ha quinze annos que velo pela sua desgraça como um avarento pelo seu thesouro ! Tranquilla quasi sempre... torna-se a sua loucura violenta, furiosa, quando a tem-

pestade se aproxima, quando o trovão ribomba! Então tenho de abafar os seus gritos... os seus gemidos! Então o receio, as afflicções, são para o algoz; porque a victima nem tem a consciencia do seu infortunio! O passado que me consume a existencia desaparece para ella! E quando o temporal se dissipa, quando a crise passa, Maria olha para mim com a mesma serenidade como se nada tivesse acontecido: eu choro, ella sorri! Tenho o inferno no coração, ella é quasi feliz! Oh! Oxalá que eu tambem pudesse esquecer! Tambem eu queria enlouquecer!

URSULA

Quasi feliz!... Então já ella se não recorda de sua filha?!

AMBROSIO

Mas agora me lembro o fim da minha viagem. Ha em Santo Estevão um convento, onde mediante um dote pôde ser recolhida essa creança. Vou a esse convento pagar o dote e lavar o termo de admissão...

URSULA

N'um convento!... A minha filha n'um convento!...

AMBROSIO, tranquillamente

Ha de entrar para lá amanhã.

URSULA

Amanhã! Engana-me, não é assim, Ambrosio?... Não fará semelhante coisa?... (Sente-se bater á porta do jardim)
Ah! É ella!...

AMBROSIO

Quem?

URSULA

Ella! Aquella pobre creança! Quer vel-a? Oh! Tenho a certeza de que terá compaixão... amal-a-ha talvez!...

AMBROSIO, afastando-se rapidamente

Amal-a! A filha do infame que perdeu Maria! O testemunho vivo de sua deshonra! Não! Não quero vel-a! Não basta a distancia... não basta o odio! Entre mim e ella quero levantar os muros de um convento!

URSULA

Odio!... A uma innocente rapariga!

AMBROSIO

Sim! Odeio-a tanto quanto amo sua mãe! Essa creança é a minha felicidade destruida, quando o meu amor sobrevive á minha vergonha; é a minha vida condemnada ao supplicio do despreso por aquella que ainda amo!... Essa creança é o alimento eterno do meu furor que nem ao menos póde vingar-se! Finalmente essa creança é a desgraça!... É o crime!

URSULA

Ambrosio! Ambrosio!... Pense em Deus!

AMBROSIO

Deus! Que me julgue!... Eu já condemnei!

Sae.

SCENA XII

URSULA, só

Ámanhã, disse elle, ámanhã, virá buscal-a... depois ficará para sempre separada de sua mãe. Não ; é impossível ! Sebastião ha de salvá-a ! Sebastião ?... Mas elle não volta senão d'aqui a tres dias, e é ámanhã ?... Ámanhã... não ; não ha de ser ! Mas que hei de fazer ? Como posso evitar ?... Onde esconder a minha filha ?... Oh ! A minha pobre cabeça enfraquecida pela idade e pela doença, conhece bem o perigo, e nada mais ; mas para salvar Mimi é preciso força... uma inspiração... e eu nada tenho... nada... senão lagrimas ! (Com desesperação) Oh ! Triste velhice que não pode senão chorar !!...

SCENA XIII

URSULA e MIMI

MIMI, entreabrindo a porta á esquerda e mettendo a cabeça

Mãe Ursula, elle já se foi. Posso entrar, não é verdade?...

URSULA, áparte

O que eu procuro!... Se ella podesse dizer-m'o ! Sim ! Talvez ! Deus algumas vezes inspira as creanças !...

MIMI, dirigindo-se para Ursula

Mas não me engano ; está a chorar ! Então porque não me chamou ?

URSULA

Não faças caso das minhas lagrimas; assenta-te aqui, e ouve-me com atenção. Quero pedir-te um conselho.

MIMI, sentando-se aos pés de Ursula

A mim?! Mas eu sou quem sempre lh'os peço.

URSULA

Sim; mas d'esta vez deves aconselhar-te só com a tua razão e com o teu coração.

MIMI

Falle, mãe Ursula, e prometto dizer-lhe tudo quanto me aconselhar o coração.

URSULA, com hesitação

Para bem comprehenderes o que vou dizer-te, imagina em primeiro logar uma pobre velha como eu, e uma creança da tua idade, que estão juntas como nós agora estamos.

MIMI

E não são para lamentar, se forem muito amigas como nós.

URSULA

Mas querem separal-as.

MIMI

Ninguem tem esse direito!

URSULA

Um pae mesmo injusto tem sempre o direito de dispôr de sua filha.

MIMI

Então não é nosso caso, porque a creança tem pae.

URSULA

Sim ! Um pae que amaldiçoou a filha, que a expulsou de casa apenas nasceu ; e no fim de quinze annos vem reclamar-a a quem sempre a tem protegido ! Se até amanhã, essa infeliz não encontrar outro abrigo, seu pae mettel-a-ha n'um convento ! É esse abrigo que eu procuro. Pensa. Diz-me para onde póde ir... onde poderei occultal-a de modo que seu pae não a encontre ?

MIMI

Eu não sei... porque se o pae odeia sua filha, para fazer a sua vontade ha de perseguil-a por toda a parte... e ainda que ella mude de nome, não póde mudar as feições ; e em toda a parte será reconhecida.

URSULA

Nunca a viu !

MIMI, admirada

Ah !

URSULA

Sim ! É completamente desconhecida para elle, e sua mãe julga-a morta.

MIMI

Mas não me tinha dito que tambem tinha mãe.

URSULA

Nem por isso é mais feliz ; porque a pobre mulher só póde chorar, sem ao menos lhe ser permittido defendel-a.

MIMI, com simplicidade

Mãe Ursula. Procura um abrigo para essa creança ; pois parece-me que o achei !... Sim !... Um abrigo onde ninguém irá procurá-la ; onde ninguém poderá descobri-la !

URSULA, com vivacidade

Oh ! meu Deus ! Dize, depressa, onde ?...

MIMI

Em casa de seu pae que não a conhece ; junto de sua mãe que chora por ella.

URSULA

Oh ! Bem disse eu que Deus inspira as creanças !

MIMI

Mas como está agitada, commovida !

URSULA, com resolução

Minha filha, é preciso separar-nos !

MIMI

Como ! Separar-nos !

URSULA

Tu mesma o disseste : o teu abrigo mais seguro é junto de tua mãe.

MIMI

Minha mãe !... (Olha para Ursula que está na maior commoção ; cae de joelhos, põe as mãos) Minha mãe !

URSULA

Sim ! Que soffre, que chora, que precisa ouvir as tuas palavras consoladoras, mas que tu não poderás

talvez salvar ! Para isso seria necessario que lhe disseses : — *sou tua filha* — e este segredo é necessario occultal-o a Maria Aubert !

MIMI, que pouco a pouco se foi levantando

Maria Aubert ! Essa pobre mulher que perdeu a razão !... Maria Aubert... esse nome que eu sempre pronuncio nas minhas orações !... é o nome de minha mãe ?... Mas então (A Ursula) sou tambem sua filha... e posso dar-lhe esse nome que não me é permittido pronunciar n'outra parte ! (Lançando-se ao pescoço de Ursula e beijando-a com ternura) Minha mãe !... Minha mãe !... (Ursula beija Mimi) Mas que mal fiz eu ao sr. Ambrosio para elle me odiar assim ?

URSULA

Deves ignorar o motivo porque teu pae foi injusto e mau ; mas só te digo : tens uma mãe que precisa de ti, e está em Montmayour ?

MIMI

Quando devo partir ?

URSULA

Logo... hoje... immediatamente ! Amanhã será já tarde ! Mas que dirás quando chegares ?...

MIMI

Que quero ganhar a minha vida, trabalhando no campo ou mesmo como criada.

URSULA

Sim ! E d'aqui a poucos dias lá te encontrarás com Sebastião. Segue os seus conselhos e sobretudo nunca pronuncies o meu nome.

MIMI

Esteja descansada! Terei juizo e coragem! Deus permitta que me recebam em Montmayour... e depois... hão de gostar de mim... prometto-lhe que hão de gostar de mim.

SCENA XIV

OS MESMOS e AMBROSIO

AMBROSIO, batendo á porta do fundo

Está só, mãe Ursula?... Sou eu.

URSULA

Teu pae! Se elle te vê está tudo perdido!

MIMI

Não me verá!

Abre a porta do armario que ficando aberta a occulta aos olhos de Ambrosio que Ursula recebe á entrada da porta do fundo

URSULA, indo abrir a porta a Ambrosio

Então que quer ainda?

AMBROSIO

Está tudo combinado com a abbadessa, e venho buscar a sua protegida para a acompanhar ao convento.

URSULA

Já! Ambrosio!... Mas disse-me ámanhã! Peço-lhe que m'a deixe ainda um dia!... Até ámanhã! Eu mesma a levarei ao convento! Peço-lhe isto de joelhos!...

Vae para ajoelhar.

AMBROSIO, levantando-a respeitosamente

Pois seja ! minha mãe ! Tenho a sua palavra, e le-
val-a-ha amanhã !

MIMI, escondida, a Ambrosio, e saindo pela janella

Ámanhã, estarei eu em Montmayour !

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO TERCEIRO

A inundação

Vista pittoresca. No 1.º e 2.º pianos, á esquerda, um celleiro quasi em ruinas; sobe-se para elle por uma escada; um pedaço de muro em ruinas deixa ver o interior do celleiro, e dentro d'este alguns feixes de trigo, lenha, etc. No terceiro plano, a porta da entrada para a herdade. No quinto plano a estrada. Mais longe, um rio, que saiu fóra do seu leito em resultado da tempestade. Algumas das arvores, á beira da estrada do lado do rio estão quasi debaixo de agua. Vêem-se as pontas dos salgueiros, quasi submergidos. No primeiro plano á direita, uma meda deteriorada pela tempestade; nos terceiro, quarto e quinto planos, arvores quebradas ou derrubadas. Quando sobe o panno, ha grande movimento na scena. Os camponezes, alinhados, passam de uns para outros os feixes, que são tirados de um carro. João Caussade, o rendeiro, dirige estes trabalhos e anima os outros camponezes. Ao fundo, passam muitos camponezes, occupados no mesmo trabalho de recolher os feixes de trigo, etc.

SCENA I

JOÃO CAUSSADE, CATOR, CEIFEIROS, e depois GEORGINA

CAUSSADE

Vamos, rapazes, animo! É perciso recolher ao celleiro tudo quanto escapou ao temporal. Que estragos, santo Deus!... Anda, Cator, anda!

CATOR

Não é a boa vontade que nos falta, não; é a força!

Ha oito horas que trabalhamos sem comer e sem ao menos descansar um instante !

CAUSSADE

Oh ! Este temporal fez-me perder a cabeça ! E, em verdade quando o vento sopra com tamanha violencia que leva os telhados das casas ; quando os relampagos são tão repetidos que parece que está tudo a arder ; quando a chuva é tanta que ha cheias por toda a parte, sendo destruido pela agua o que escapa ao vento e ao fogo, não é muito para admirar que a gente não descanse nem se lembre de comer !

GEORGINA, entrando com um grande caldeirão, e seguida de uma criada que traz tigellas e colheres

Sim !... mas quando ha uma mulhersinha que tem juizo, pensa em tudo. Vamos a comer, rapazes.

CATOR, e outros

Viva a sr.^a Georgina !...

GEORGINA

Talvez o caldo não esteja bom... nem sei como foi feito ; mas, emfim, offereço-o de boa vontade.

CATOR

E se á boa vontade juntou umas couves e um bom pedaço de tocinho, ha de estar excellente ! Vamos a isto rapaziada !

Os ceifeiros reúnem-se em volta de Cator e de Georgina que fazem a distribuição

CAUSSADE, a si proprio

Está quasi tudo recolhido ; só falta a meda. Mas dei-

xal-a : seccará mais depressa ao ar livre do que no celeiro.

GEORGINA

Aqui tens, meu amigo, o teu caldo...

CAUSSADE

N'uma tigella ?...

GEORGINA

Os pratos partiram-se quasi todos ; caiu-lhes em cima uma trave. Paciencia ! Passaremos sem elles.

CAUSSADE

Que desgraças, meu Deus, que desgraças !

GEORGINA

Com o tempo e a ajuda de Deus tudo se ha de remediar. Se houver menos trigo, mais carô se venderá depois. Deixa-te de suspirar e trata de comer.

CATOR, aos ceifeiros

A sr.^a Georgina tem razão ! É melhor não pensarmos em coisas tristes. Mais infelizes do que nós são os de Audillac, onde a cheia chegou aos telhados, e que ainda agora estão a pescar os moveis !

GEORGINA

E agora me lembra que talvez a tia Gerard, que mora no valle esteja bem afflicta. Pois vou até lá.

CATOR

Olhe que não poderá passar...

GEORGINA

É o mesmo ; tentarei. Nas desgraças devemos sempre lembrar-nos dos parentes e dos bons amigos.

CAUSSADE

Não quero que te vás expôr ; eu lá vou.

GEORGINA

Tu és mais preciso aqui. Além d'isso não te dê cuidado : do olival avista-se toda a planicie ; se não puder passar, volto para traz. Adeus, rapazes, bom appetite !

TODOS

Obrigado, sr.^a Georgina.

Georgina sáo correndo.

CATOR

Não poderá ir longe, porque o caminho está todo cheio de agua. Não ha nada mais horroroso do que uma cheia.

SCENA II

Os MESMOS, e PEDRO ROBERTO

PEDRO ROBERTO, entrando precipitadamente com uma espingarda na mão

Ha sim, ha uma coisa ainda mais horrorosa ; é um fogo.

TODOS

Fogo !!!

CAUSSADE

Fogo !... Onde é o fogo ?!

ROBERTO

Agora em parte alguma ; mas logo será talvez em minha casa... na tua... na de todos nós.

CATOR

Mas porque ?!...

ROBERTO

Porque?... Porque anda uma doida pelo campo.

TODOS, levantando-se

Uma doida?!

ROBERTO

Sim! uma doida que porá fogo a tudo quanto encontrar, como Jacques Basselin no anno passado deitou fogo á minha casa!

CAUSSADE

Faltava mais essa!... Mas tens certeza do que dizes?...

ROBERTO

Oh! se tenho; eu mesmo a vi, com estes (Apontando para os olhos) que a terra ha de comer.

CATOR

Mas quem é essa doida? Sabe-se?...

ROBERTO

É a rendeira de Montmayour.

CATOR

O que! A mulher de Ambrosio?...

TODOS

A mulher de Ambrosio?!...

ROBERTO

Justamente. E é por isso que a escondiam tanto! Os gritos que se ouviam de noite, eram acessos de loucura!

CAUSSADE

Mas então deixaram-n'a sair?...

ROBERTO

Ora! os doidos sempre acham meio de fugir.

CATOR, a Roberto

Mas como descobriste?...

ROBERTO

Eu lhes conto. Sabem que o muro da minha fazenda dá para o cemiterio, e que até tem uma parte de comunicação para lá. Esta noite, fazia muito calor; aproximava-se a trovoada, e eu não podia dormir. Levantei-me, e para me distrair, disse comigo; vou dar uma volta e de caminho vejo o gado. Quando passava a pequena distancia do muro, pareceu-me ouvir abrir a porta...

CAUSSADE

Qual?... A do cemiterio?...

ROBERTO

Exactamente; mas como eu a tinha deixado fechada hontem, disse comigo — *Estou a sonhar acordado* —. Apesar d'isso quiz tirar-me de duvidas. Não se via nada; eu caminhava ás apalpadellas, com os braços assim (Faz menção); de repente sinto a mão de outra pessoa agarrada á minha... estava fria como neve... parecia a mão de um defunto.

CAUSSADE

Credo! que medo!

CATOR

Eu declaro que gritava logo!

ROBERTO

Tambem eu queria fazer o mesmo ; mas nem poude fallar ! A mão desconhecida apertava a minha... ia-me puchando... e depois ouvi uma voz sepulchral dizer-me : vem !... vem !...

CAUSSADE, com terror

Para onde?!...

ROBERTO

Para o cemiterio !

CAUSSADE

Ai meu Deus ! eu morria de susto !

ROBERTO

Oh ! então tentei fugir, mas a tal mão não me largava ! Afinal, ao clarão de um relampago vi o phantasma que tinha na minha presença : era uma mulher... era Maria Aubert !

TODOS

Maria Aubert !

CATOR

Tudo isso podia ser um pesadello !

ROBERTO

Sim ! nem eu queria acreditar o que tinha visto ! voltei para casa, e apesar, de estar muito calor, acendi o lume na chaminé. Instantes depois, vi mecher a cortina da janella, suppuz que seria o vento, e que tivesse ficado a janella aberta, levantei a cortina, e achei-me em presença de Maria Aubert, que fugira e se escondera alli ! D'essa vez não me enganei ! Que olhos medonhos !

Olhou para mim do mesmo modo que Jacques Basselin ! Fallei-lhe ; respondeu-me com uma gargalhada que me fez estremecer ; quiz agarral-a, e ella escapou-me das mãos como uma cobra ; quiz perseguil-a, e então ella pegando em uma acha accesa fugiu para o campo, deixando na sua passagem um rasto de faiscas e de fumo ! Gritei que acudissem ao fogo, e acordei todos em casa, para que corressem em perseguição da doida ! Quando amanheceu, a tempestade tornou-se horrivel, e ainda nós a procuravamos !...

CAUSSADE

Talvez voltasse a Montmayour ?

ROBERTO

Não voltou ; porque os trabalhadores da casa de Ambrosio saíram tambem em procura de Maria Aubert. Estará escondida em algum celleiro, em alguma meda, e só pelo incendio se descobrirá o seu escondrijo, porque foi tambem pelo incendio do meu celleiro que se descobriu onde estava escondido Jacques Basselin ! Ah ! D'esta vez Maria Aubert não voltará a minha casa, onde está tudo bem guardado. Sigam todos o meu exemplo. Peguem em espingardas ; e enquanto as mulheres guardam as casas, andam os homens á caça. É preciso agarrar Maria Aubert a todo o custo ; e se ella resistir... se quizer fugir... então ?...

TODOS

Então, o que ?

ROBERTO

Dá-se-lhe um tiro !

CAUSSADE

Ora esta ! Isso seria um assassinato !

ROBERTO

Tambem me disseram o mesmo quando eu quiz desfazer-me de Jacques Basselin ! Poupei-lhe a vida ; e uma hora depois tinha a casa a arder. D'esta vez não me acontecerá o mesmo ; primeiro nós e depois vós !

ALGUNS CAMPONEZES

Tem razão ! Tem razão !

ROBERTO

Quem quizer ir á caça, ganha dobrado.

ALGUNS CAMPONEZES

Vamos ! Vamos !

ROBERTO

Então levem paus, enchadas, espingardas, o que puderem arranjar e vamos ter com a doida de Montmayour.

Cinco ou seis camponezes armam-se com o que encontram ao acaso,
e depois saem atraz de Roberto, gritando como elle :

Vamos á doida de Montmayour !

SCENA III

CATOR, CAUSSADE, tres ou quatro CAMPONEZES,
depois GEORGINA, seguida de CAMPONEZAS

CATOR

Obrigado ! Eu não quero ganhar dinheiro por tal preço !

CAUSSADE

Pois sim !... Mas se a doida se esconder em nossa casa ? !...

CATOR

Ora essa !... Enfia-se-lhe um sacco pela cabeça para que não possa morder ; prendem-se-lhe as mãos e os pés e leva-se para a cadeia. Nada mais simples.

CAUSSADE

Cator, o melhor é tu ficares aqui até que agarrem Maria Aubert ! Olha ! Eu sou valente... quando estou acompanhado ; mas... para te fallar com franqueza... quando estou só...

GEORGINA, fóra

Socorro ! Socorro ! Acudam !...

CAUSSADE, muito atrapalhado

Ai Jesus !... Que é isto ?...

CATOR

È a voz de tua mulher.

CAUSSADE

Encontrou talvez a doida !... Valha-me Deus !... Oh !... Mas quando se trata de defender minha mulher, já não tenho medo. (Dá uns passos para sair, mas volta) Vem comigo, Cator.

GEORGINA, entrando

Acudam ! Depressa ! Acudam !

CAUSSADE, com muito susto, agarrando-se a Cator

O que foi, Georgina, o que foi ?!

GEORGINA

Uma rapariga que vae talvez ser victima da inundação. Está já cercada pela agua!...

CATOR

Onde?...

GEORGINA

Lá em baixo, no Calvario. A pobre rapariga já não pôde escapar!... Como o valle está cheio de agua não fui a casa da tia Gerard; voltei, e foi então que uns trabalhadores me mostraram aquella infeliz! Olhem. D'aqui mesmo a podem vêr, de joelhos, talvez já fallecida ao pé da cruz. A agua continua a subir, e se a não soccorrem, acontece por força alguma desgraça.

CAUSSADE

Sim; mas serão duas desgraças se alguém tentar ir até ao Calvario.

CATOR

Seria necessario um barco, e nós não o temos!

GEORGINA

Um barco!... Oh! meu Deus! Pois não haverá um homem de coragem que salve aquella rapariga?...

CAUSSADE, que olha para a direita

Olha!...

GEORGINA, com alegria, olhando para o mesmo lado

Sim! Sim! Ha um!... Olhem!... Olhem!...

CAUSSADE

É um homem a cavallo. Ia pela margem do rio,

viu a rapariga, e entrou corajosamente na agua com o seu cavallo...

CATOR

Mas a corrente é tão forte que o leva !... Pobre cavallo !... Já perdeu o pé...

CAUSSADE

Misericordia !...

GEORGINA

Mas não desanima ! O cavallo vae nadando... corta a corrente... lá chega ao Calvario...

CATOR, batendo as palmas

Bravo ! Bravo !... Que coragem !

CAUSSADE

Lá põe a pequena sobre o cavallo ; volta para o rio...

CATOR

É preciso ao menos indicar-lhe o caminho para os salgueiros.

CAUSSADE

Corram todos á borda do rio. Tu, Cator, sobe alli acima, (Indica-lhe o patamar da escada que communica com o colleiro) e chama por elle.

CATOR, subindo ao patamar e chamando

Olá !... Senhor... Olá !...

GEORGINA

Ouviu e olhou para nós...

CATOR

Siga á direita... á direita, na direcção dos salgueiros.

N'esta occasião vê-se no meio do rio um homem a cavallo, amparando uma rapariga desmaiada; o cavallo com agua até aos peitos, difficilmente se pôde mover.

TODOS

Coragem! Sempre á direita!

AMBROSIO, fóra

Obrigado... obrigado... sei o caminho! Lá chegarei...

Quando chega aos salgueiros desaparece por traz das arvores.

GEORGINA

Salvos!... Estão salvos...

TODOS

Eil-os.

SCENA IV

Os MESMOS, AMBROSIO e MIMI

Ambrosio chega a cavallo, tendo diante de si Mimi desmaiada

CATOR

Oh! mas se não me engano; é o sr. Ambrosio?...

TODOS

Ambrosio!...

AMBROSIO

Eu mesmo, meus amigos, que cheguei a tempo, porque em breves instantes o Calvario estará coberto de agua. A pobre rapariga está desmaiada; enchuguem-

lhe o fato, dêem-lhe uma gota de vinho, e ha de voltar a si. Em todo o caso está salva!

GEORGINA, ajudada por alguns camponezes,
recebe Mimi dos braços de Ambrosio

Vamos já cuidar d'ella, fique descansado. Esta rapariga é sem duvida de alguma povoação proxima, mas não a deixaremos sair d'aqui senão quando já não correr perigo.

Descansam Mimi sobre uma padiola collocada em frente da meda.

CAUSSADE

Mas então não descansa ao menos um instante?...

AMBROSIO

Não, obrigado; não é preciso. A tempestade foi horrivel, e desejo chegar a casa quanto antes. Apesar d'isso não quiz que esta rapariga morresse assim ao desamparo. Ora, mas digam-me, meus amigos, que noticias ha de Montmayour?

GEORGINA

Nenhumas. Mas certamente não aconteceu desgraça alguma em sua casa; e será essa a recompensa da boa acção que acaba de praticar.

AMBROSIO

Oh! Deus a ouça! (Aparte) E proteja Maria!

Falla ao cavallo e sae.

SCENA V

OS MESMOS, excepto AMBROSIO

CATOR, a Caussade

Pobre homem!... Porque não lhe disseste tu?...

CAUSSADE, baixo

Ora ! Nunca é tarde para se receber uma má noticia !

Os camponezes depois de descansarem Mimi, olham para ella. Georgina que por alguns instantes segue Ambrosio com a vista, volta para o lado de Mimi.

GEORGINA

Então conhecem-n'a ? Sabem quem é ?

ALGUNS CAMPONEZES

Não !

CATOR

Em todo o caso é uma bonita rapariga. Enquanto se accende o lume, vou eu reanimal-a.

CAUSSADE

Com quê ?...

CATOR

Com o meu cognac, que é capaz de fazer ressuscitar um defunto. (Dá uma borracha ; Georgina chega-a aos labios de Mimi e faz-lhe beber algumas gotas) Esfreguem-lhe as fontes e os pulsos com o resto, e verão em que instante ella volta a si.

GEORGINA, a uma camponeza

Vae acender o lume. (A camponeza sae) O caso é que ella parece estar já melhor...

CATOR

Isso sabia eu ; está aqui está prompta ! Bem. O tempo melhorou e nós vamos trabalhar. (A Caussade) Se eu tiver noticias da doida cá t'as venho dar. (Alto) Vamos rapa-

zes, já não somos aqui precisos, e temos ainda muito que fazer.

Saem todos e deixam em scena Cassade, Georgina e Mimi.

GEORGINA, a Caussade

Não vês?... Já está melhor; tem as mãos quentes e parece querer abrir os olhos.

MIMI

Onde estou eu?

GEORGINA

Entre amigas; não tenha receio. Bastante cuidado nos deu.

MIMI

Eu?!... Ah! Sim! Perdi-me no caminho... Surpreendeu-me a cheia... Corri até junto de uma cruz... e alli implorei a misericordia de Deus! Tive muito frio... muito medo... e de nada mais me recordo...

GEORGINA

Perdia os sentidos e teria morrido afogada se não fosse salva por um homem corajoso que arriscou a vida.

MIMI

Oh! Quero agradecer-lhe! Foi talvez este senhor...

Apontando para Caussade.

GEORGINA

Elle!... Sim!... Foi o sr. Ambrosio que...

MIMI

O sr. Ambrosio?!

GEORGINA

Sim; o rendeiro de Montmayour. É um homem destemido.

MIMI

Meu Deus ! Pois foi elle ? !...

GEORGINA

Porque se admira ?... Conhece-o ?

MIMI

Eu ?... Não, não conheço ninguém.

GEORGINA

Então não é d'aqui ?...

MIMI

Não ; venho de muito longe.

GEORGINA

Tão nova e delicada como é... A sua familia deixou-a partir assim... só ?

MIMI

Eu não tenho familia.

GEORGINA

Pobre creança ! Mas então como vive ?...

MIMI

Vivo do meu trabalho. Como a colheita vai acabada, queria ir servir para uma casa, e disseram-me que na herdade de Montmayour talvez me recebessem.

CAUSSADE

Em Montmayour ?...

MIMI

Sim... A rendeira está doente ha muito tempo, e eu sei tratar de doentes...

A DOIDA

CAUSSADE

Está arranjada!... Uma doente como Maria Aubert!
Não está má doença!

A CAMPONEZA, voltando

Está o lume acceso, sr.^a Georgina.

GEORGINA

Bem! Então vamos, menina. Tem o fato todo molhado, é preciso enchugal-o. Logo, se quizer, irei eu mesma acompanhá-la a Montmayour. Tenho a certeza de que o sr. Ambrosio se ha de interessar por uma pessoa a quem já salvou a vida.

MIMI

Muito obrigada minha senhora.

CAUSSADE, baixo a Georgina

Tu não irás acompanhá-la a Montmayour.

GEORGINA

E porque?...

CAUSSADE

Chut! (Alto) Vá, minha menina, vá descansar, e depois tudo se ha de arranjar o melhor possível.

GEORGINA, á camponeza

Acompanhe esta menina. Eu já vou também.

Mimi, depois de agradecer a Georgina entra na herdade com a camponeza.

SCENA VI

GEORGINA e CAUSSADE

GEORGINA

Porque me disseste com ar mysterioso que a não

acompanhasse a Montmayour?... Porque não ha de ella ir se tem vontade d'isso?...

CAUSSADE

Tu não sabes o que por lá vae!... Em primeiro lugar, Ambrosio não encontrará sua mulher em casa.

GEORGINA

Porque?... Morreu?...

CAUSSADE

Peior... muito peor... está doida... furiosa! Quiz deitar fogo á casa de Roberto, e agora percorre os campos. Os nossos vizinhos lá foram em procura d'ella, e se a não poderem prender, sabes o que elles dizem?... Que a matam. (Ouve-se fóra um tiro) Ah!

GEORGINA

Oh! meu Deus!... Que foi isto?...

CAUSSADE

Foi provavelmente Roberto que fez o que promettera!... Vamos nós para casa... fechemos as portas...

GEORGINA

Fechar as portas, quando aquella infeliz é perseguida! Pelo contrario, é preciso abril-as para lhe dar abrigo!

CAUSSADE

Não faltava mais nada!... Para ella nos deitar fogo á casa! Eu não sou capaz de lhe fazer mal, mas tambem não quero que ella m'o faça. Mas elles veem para este lado! Toca a safar e a fechar a porta...

Emparra Georgina, entra para casa e fecha a porta. Ao fundo, passam camponezes como que seguindo pégadas. Apenas estes desapare-

cem, sáe bruscamente d'entre os feixes que formam a meda, Maria Aubert. Cabellos caídos. Olhar desvairado, o vestido rasgado. Um lenço vermelho que traz ao pescoço desprende-se e cae no chão.

SCENA VII

MARIA AUBERT

Passaram, e não me viram !.. Malditos ! Por causa d'elles ainda me não foi possível descobrir o tumulto de minha filha !.. Querem agarrar-me ?.. Prender-me ainda uma vez !.. Não !.. Esta noite voltarei ao cemiterio ! O luar ha de ajudar-me ; e então poderei lêr todos os nomes escriptos nas cruzes pretas !.. Quando lêr o de minha filha... Oh ! então serei feliz... nada terei que rejeitar !.. Deus ha de dar-me forças !.. Cavarei a terra com as mãos... e esconder-me-hei ao pé da minha pobre filha !

ROBERTO, fóra e ao longe, á direita

Oh ! Eh ! Bridou !

UM CAMPONEZ, ao longe, á esquerda

Oh ! Eh ! Roberto !

ROBERTO

Nos salgueiros... por aqui...

CAMPONEZES, de diversos lados, e aproximando-se

Por aqui... por aqui...

MARIA

Oh !... Eil-os que voltam !... Se me vêem, matam-me ; e eu não quero morrer ainda... (Depois de percorrer a scena

como que desvairada para se esconder, repara na escada que communica com o celleiro) **Ali!**

Sobe a escada com rapidez e desaparece no celleiro.

SCENA VIII

CAUSSADE, com uma lanterna na mão, abre a porta de casa

Já não ha lenha; e Georgina quer que eu a vá buscar, (Sae fóra da porta) e chama-me poltrão porque accendi a lanterna. Pouco se vê no celleiro, e todas as cautellas são poucas. (Olhando em volta de si) Não oiço nada; não ha perigo. Coragem!

Sobe apressadamente a escada e entra no celleiro.

SCENA IX

ROBERTO, **CATOR** e **CAMPONEZES**, entram todos com precaução e como quem segue pégadas

CATOR

Bem dizia eu, Roberto, que atiraste aos pardaes. A doida não veiu para este lado.

ROBERTO

Já te disse que a vi perfeitamente. (Vendo e levantando do chão o lenço de Maria Aubert) Olha! Que dizia eu?... A prova de que passou por aqui é que deixou cair este lenço; e como era perseguida não passou para diante, e está aqui perto; talvez mesmo em casa de Caussade.

CATOR

Qual historia! Se Caussade a tivesse visto gritava logo por soccorro.

Ouve-se Caussade dar um grito abafado.

ROBERTO

Ouçam !... É a voz de Caussade não ha duvida...

Avançam todos para o lado do celleiro; n'esta occasião Caussade apparece no alto da escada, possuido do maior terror, pallido, tremulo, e quasi se deixa cair pela escada abaixo.

SCENA X

OS MESMOS, CAUSSADE, depois GEORGINA e MIMI

CAUSSADE

Ai Jesus!... Soccorro! Quem me acode!

CATOR

Que é isso, homem?... Que tens?...

CAUSSADE, com horror

Vi-a!...

TODOS

Quem?

CAUSSADE

A doida!

TODOS

A doida?!

CAUSSADE

Sim! Está lá em cima no celleiro... atraz de uns feixes de lenha.

GEORGINA, entrando, seguida de Mimi

Que dizes tu?... A doida está em nossa casa?...

MIMI, áparte

Uma doida!

CAUSSADE

Fui, como me disseste, buscar a lenha; e para escolher a mais secca levantei a lanterna... Foi então que vi dois grandes olhos fixos em mim!

ROBERTO

Não pode deixar de ser ella!... Mas então porque não a agarraste logo?

CAUSSADE

Agarral-a!! Pelo contrario, foi ella quem deitou logo a mão á lanterna.

MIMI, á parte

Oh! Meu Deus!... Se fosse!!... (Alto) E conhecem essa doida?!

ROBERTO

Ora, se conhecemos!... E d'esta vez não me escapa.

MIMI, com vivacidade

Então que quer fazer?

ROBERTO

Uma coisa muito simples: agarral-a e leval-a para a cadeia! Vamos a ella, rapazes, e veremos se é ou não Maria Aubert.

MIMI

Maria Aubert!

CAUSSADE, collocando-se entre elles e a escada

Mas reparem que se lá vão fico perdido!

TODOS

Perdido!... Porque?...

CAUSSADE

Ella tem a minha lanterna accesa!... E disse-me logo: — « Se dás mais um passo deito fogo a esta lenha ». — Agora se a perseguem, cumprirá a sua promessa.

TODOS

Isso é verdade.

MIMI, áparte

Como salvá-a, meu Deus!

ROBERTO

Que faremos então?

GEORGINA

Será melhor enganar-a, e vêr se por boas maneiras ella sae do celleiro. Quando já não houver receio de fogo, então farão da pobre mulher o que quizerem.

CAUSSADE

Sim! Mas quem será capaz de a fazer descer?...

MIMI, com vivacidade

Eu, se quizerem.

GEORGINA

Tu?...

MIMI

Sim! Eu!

CAUSSADE

Mas não sabes que os doidos não conhecem pessoa alguma e que ella é capaz de te matar?

MIMI

É; mas eu não tenho medo.

GEORGINA

Não consinto que te vás expôr assim.

MIMI

Oh! Minha senhora, deixe-me prestar-lhe este serviço, já que tão generosamente me recebeu aqui; peço-lh'o eu. Permiita-me que eu soccorra tambem aquella pobre mulher.

GEORGINA

Parece que a conheces.

MIMI

Não conheço, não, minha senhora. Só sei que Maria Aubert é mulher do sr. Ambrosio, a quem devo a vida. Desejava poder pagar esta divida. Ah! Minha senhora, de joelhos lhe peço, deixe-me salvar Maria Aubert.

Ajoelha.

CAUSSADE

Que excellente coração!

ROBERTO

Mas se ella a matar?

MIMI

Deus não ha de tal permittir!

Levanta-se. Ouve-se bulha no celleiro e um grito de Maria Aubert.

GEORGINA

Ouçam! Ouçam!

MIMI, áparte

É a sua voz! (Alto) Vou tentar tranquillisal-a, entoando a canção que a mãe Ursula me ensinou.

Mimi aproxima-se da escada que dá communicação para o celleiro. Os outros camponezes formam um grupo a distancia. Musica na orchestra.

A DOIDA

MIMI, canta

O anel que tu perdeste
 Aqui o tens, eu t'o dou ;
 Não chores mais, coitadinha,
 E entre nuvens se occultou.
 O anel que tu perdeste
 Aqui o tens, eu t'o dou.

O doce bem que perdeste
 Inda tens de o recobrar,
 Que os anjos do ceu não faltam
 Ao que anda triste a chorar.
 O doce bem que perdeste
 Inda tens de o recobrar.

GEORGINA, vendo entreabrir a porta do celleiro

Lá está ella ! Dirige-se para este lado ! Retiremo-nos !
 Se ella visse tanta gente assustar-se-hia !... É melhor
 deixal-as sós.

ROBERTO, a meia voz aos camponezes

É necessario estar álferta, e ao primeiro signal acu-
 dimos todos.

Afastam-se todos sem ruido. Uns entram para casa de Causade ;
 outros escondem-se atraz da meda e atraz das arvores

SCENA XI

MIMI, e MARIA AUBERT

MARIA, apparecendo á porta do celleiro

De quem era a voz que ouvi ha pouco ?

MIMI, affectando socego e alegria

Era a minha.

MARIA

Uma rapariga ! (Avançando pouco mais) Está só ?

MIMI

Oh! Completamente só.

MARIA

E aquelles homens que me perseguiam ?

MIMI

Já se foram.

MARIA, detendo-se no patamar da escada

Ah ! (Olhando para o ceu) Como o tempo está agora sereno ! Que ar tão puro !

MIMI

É tão agradável trabalhar ao sol ! (Fingindo que arranja um feixe de herva) Porque não desce para me ajudar ?

MARIA

Descer?!... Não ; e se elles me virem ?! Aqui... não corre perigo, porque tenbo o fogo para me defender...

MIMI, áparte

Meu Deus !

N'esta occasião, Roberto que se escondera atraz da meda, apparece no 1.º plano á direita

MARIA

O fogo !... É maravilhoso !... Não sabes talvez como é !... Espera, vou mostrar-te um...

Váe para entrar no celleiro ; Roberto que tem a espingarda na mão, aponta para Maria Aubert, Mimi vê este movimento ; dá um pulo e com as mãos abaixa o cano da espingarda.

MIMI, com terror

Ah !

MARIA, parando e voltando-se

São elles?...

MIMI

Não... não... já se foram.

MARIA

Foram para longe?...

MIMI

Sim!... Para longe... para muito longe...

MARIA

Parece que tambem tens medo!

MIMI

Medo!... Eu!... Não; não tenho medo!...

Affectando indifferença, repete a canção. Musica na orchestra. Maria Aubert enquanto dura a canção desce distraidamente a escada. Mimi, á medida que vê descer Maria Aubert, pede, por gestos a Roberto que se affaste. Quando Maria tem descido a escada, Roberto desaparece por traz da meda.

MARIA

Quem te ensinou esses versos?...

MIMI

Uma santa mulher que me educou.

MARIA

Tinhas razão! estou bem ao sol...

Estende os braços; um d'elles está ensanguentado.

MIMI

Sangue?!... Está ferida?!...

MARIA

Ferida?... Não sei.

MIMI, rasgando o lenço que traz ao pescoço

Espere... espere... (Ligando-lhe o braço) Sofre muito, não é verdade?

MARIA

Não... não sinto nada... senão na cabeça!... Ai meu Deus! Minha pobre cabeça!

MIMI

Então não deve estar ao sol. Venha para aqui: para a sombra.

Conduz e faz sentar Maria n'uma especie de padiola que serviu no começo do acto para deitar feixes de herva. Esta padiola deve ficar pouco á frente e abrigada pela meda. Do modo porque fica collocada, Maria não pode ver Caussade que durante o dialogo que váe seguir-se sáe de casa e sobe vagarosamente a escada do celleiro para ir buscar a lanterna. Maria Aubert, sentada, conserva-se por alguns momentos com a cabeça encostada ás mãos, e como que procurando uma recordação.

MARIA

Aquelles versos!... Tantas vezes os ouvi repetir a minha mãe; e mais tarde, repetia-os eu a Ambrosio... Ambrosio... que ha tanto tempo não vejo! Foi elle quem te mandou buscar-me?...

MIMI, com vivacidade

Foi sim; foi elle.

MARIA, pegando-lhe nas duas mãos para melhor fixar Mimi

Olha bem para mim!... É singular!... Não te conheço... e... já vi este rosto... sim... nos meus sonhos!... Como te chamas?

MIMI

Não tenho nome! Chame-me como quizer.

MARIA, levantando-se

Não tiveste madrinha?... Pois eu tive uma! Queres que te chame Genoveva? Gosto muito d'este nome! Não, não; era o que eu tinha dado a minha filha, e seria elle de mau ágouro para ti! A minha pobre filha... morreu! não é assim?... Chora... chora... minha filha... Ai meu Deus!... Eu já não tenho lagrimas; deil'as todas!...

MIMI, áparte

Pobre mãe!... E não poder dizer-lhe: a filha porque choras, está aqui, ao pé de ti...

MARIA, com vivacidade

Sabes lêr?...

MIMI

Sei, sim; minha senhora.

MARIA

Esta noite irás comigo; e á claridade da lua examinaremos todas as cruzes pretas!... Oh! Havemos de achar.

MIMI

O sr. Ambrosio mandou-me aqui para a acompanhar até casa. Não quer voltar para Montmayour?...

MARIA

Para Montmayour!... Sim!... Sim!... Mas depois... mais tarde!... Oh! Meu Deus!... Andei tanto!... Corri tanto!... Estou morta de cansaço... e depois... não sei porque... tive medo... tanto medo? Promettes não me abandonar... não te separares de mim?...

Torna a sentar-se.

MIMI, vendo Caussade e os outros

Oh ! Sim ! Prometto !

MARIA, faz sentar Mimi ao lado d'ella; depois encosta a cabeça
ao hombro de Mimi

Olha ! Era assim que eu adormecia nos braços de
minha mãe, quando ella me repetia aquelles versos !
Porém agora... não tenho somno... não... sinto-me des-
fallecer.

Cáe em lethargo.

SCENA XII

OS MESMOS, CAUSSADE, GEORGINA, ROBERTO,
CATOR, CAMPONEZES e CAMPONEZAS

CAUSSADE, no patamar da escada com a lanterna na mão
Cá está a lanterna !

GEORGINA

E Maria Aubert ?

ROBERTO

Maria Aubert d'esta vez não nos escapa... (Avançam to-
dos para a agarrarem, mas deteem-se á vista da pobre mulher que dorme
encostada a Mimi) Ah !

GEORGINA

Dorme !...

TODOS

Dorme !...

ROBERTO

Tanto melhor ! Mais facilmente a levaremos á cadeia.

GEORGINA

À cadeia?!...

MIMI

Ella!... Presa!... Oh! Não, nunca!

Encosta mui devagar a cabeça de Maria á parte mais elevada da padiola,
e vem collocar-se entre Maria Aubert e Roberto

ROBERTO

Hein?... Que dizes tu, rapariga?

MIMI

Digo que fiz o que ninguem seria capaz de fazer ;
cumpri a minha promessa, e agora ninguem toca em
Maria Aubert, porque vou leval-a para Montmayour.

ROBERTO

Ora deixa-te d'isso! Se perdemos esta occasião, não
teremos tão cedo outra. Acabemos com isto; é preciso
leval-a para a cadeia.

MIMI, arrebatadamente

Já disse que não. Só se me matarem!

Lança mão de uma foice para se defender, porém Roberto affasta-a
para longe de Maria, que fica assim sem defeza

ROBERTO

Esta está tão doida como a outra! Parece que a
doença se péga!... Rapazes, acabemos com isto!...

TODOS

Está claro... vamos...

N'este momento apparece um homem, que correndo precipitadamente váe
collocar-se entre Maria Aubert e os camponezes excitados por Roberto.
É Ambrosio.

SCENA XIII

OS MESMOS e AMBROSIO

AMBROSIO

Para traz... miseraveis !

TODOS

Ambrosio !...

AMBROSIO, desarmando Roberto

O primeiro que se aproximar de Maria, morre !

GEORGINA

Aquelle defende sua mulher e tem razão. (A Caussade)
Já tu não eras capaz de fazer o mesmo !

ROBERTO

Não vale zangar-se, visinho Ambrosio !.. Bem sabe
o que aconteceu esta noite ; e ainda ha pouco se não
fosse a coragem d'esta rapariga, sua mulher teria dei-
tado fogo á casa de Caussade.

AMBROSIO

Mentes !

MIMI

A sr.^a Maria Aubert não faz mal a ninguem !... At-
tende-me e socega quando lhe fallo. Emquanto eu es-
tiver ao pé d'ella, não ha perigo algum ; e se me per-
mittem quero acompanhal-a sempre.

AMBROSIO

Tu?!

A DOIDA

MIMI

Sim !... De dia e de noite acompanharei Maria ; velarei dia e noite, e respondo por ella.

AMBROSIO

Excellentes coração !... Mas como se explica uma tal dedicação ?

MIMI

Esqueceu-se já do serviço que me prestou, sr. Ambrosio ; mas eu ainda me recordo.

GEORGINA

É a rapariga do Calvario.

AMBROSIO

Ah !... Sim !... Agora te conheço !... Mas não quero fazer pagar tão caro o serviço que te prestei. Além de que, os teus parentes não consentirão.

MIMI

Eu não tenho parentes.

AMBROSIO

Mas teu pae ?...

MIMI

Abandonou-me.

AMBROSIO

E tua mãe ?...

MIMI

Nunca me conheceu !... Recolhida por caridade, passo a vida pedindo de porta em porta que me dêem tra-

balho. Agora acabou-se a colheita e nada tenho que fazer. Por isso, lhe peço, sr. Ambrosio, que me aceite para criada. Não sou muito forte, é verdade, mas não importa ; será bem ganhó o pão que comer em sua casa.

AMBROSIO

Orphã !... Abandonada !... Pobre creança !... Defendeste Maria ; salvaste-lhe a vida, talvez !... Pois bem, irás para minha casa. (Abraça-a com ternura) Ouviram ! Agora, somos dois para defender Maria Aubert. Vamos a saber, Roberto, queres ainda ir denunciar minha mulher?...

ROBERTO, com sentimento

Denuncial-a... Oh ! Não Ha pouco fui talvez severo ; mas a voz d'esta creança ; as suas lagrimas !... Olha, Ambrosio, sinto-me commovido. Nós queriamos levar Maria Aubert, até á cadeia, na padiola ; agora, vamos leval-a mas é a Montmayour... a sua casa. Depois Deus e este anjo hão de protegel-a.

GEORGINA

Bravo, Roberto ! (A Caussade) Tu não eras capaz de dizer aquillo.

CAUSSADE

Pode ser ; mas olha que já o tinha pensado.

CATOR, avançando para a padiola

Revesar-nos-hemos no caminho ; sim rapazes ?...

TODOS

Sim !... Sim !... Vamos todos !...

Preparam-se para levantar a padiola.

AMBROSIO

Obrigado, meus amigos, obrigado.

GEORGINA

Esperem ; se ella acordar no caminho é preciso que veja logo a pequena, que deve estar tambem muito cansada. É melhor levar ambos na padiola.

CATOR

Está dito.

Georgina ajuda Mimi a sentar-se ao pé de Maria, e encosta a cabeça d'esta ao hombro d'aquella

GEORGINA

Bem ! Então, está decidido, sr. Ambrosio. Se a não quizer lá, nós tomaremos conta d'ella.

AMBROSIO

Repito ; esta rapariga de hoje em diante é de casa ; é da familia.

MIMI, áparte

Oh ! Meu Deus ?... Se elle soubesse !...

AMBROSIO

Adeus, sr.^a Georgina. Vamos rapazes ; a caminho. Levantam devagar a padiola com Mimi e Maria Aubert. Os outros campo-
ponezes seguem atraz. Ambrosio junto da padiola. Musica na orchestra.
Quadro.

Cáe o panno.

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO QUARTO

Um jardim elegante. À direita, casa de habitação, para a qual se entra, subindo dois degraus. À esquerda um pavilhão com um banco e uma mesa. A entrada para quem chega de fóra é pelo terceiro plano. Ao fundo, um muro, guarnecido de trepadeiras. Mais ao longe, o campo.

SCENA I

MIMI, MARIA e AMBROSIO

Maria Aubert desenha no pavilhão. Ambrosio trabalha no jardim. Mimi sentada nos degraus á entrada da casa, adormeceu, fazendo meia.

MARIA, comsigo mesmo, como que recordando-se
O meu sonho ! Sempre o meu sonho !

AMBROSIO, com vivacidade
Hein ? O que é ? Que disseste ?...

MARIA, a meia voz
Chut ! Não falles tão alto.

AMBROSIO, moderando a voz
Porque ? Incommodo-te ?

MARIA
Não, mas olha : (Apontando para Mimi) não vês como derme!

AMBROSIO, que se volta para Mimi
É verdade. (Comsigo mesmo, contemplando-a) Coitada ! Ha

uma semana que está em nossa casa e ainda não descansou um instante ; Maria não quer ser tratada senão por ella ; e a pobre rapariga passa as noites sem dormir, e com tanta bondade... com uma coragem !... Que coração !

MARIA, com um gesto de impaciencia

Ambrosio... tira-te d'ahi... não posso vê-la.

AMBROSIO

Ah ! Sim ! Compreendo ! (Comsigo mesmo) Está a tirar-lhe o retrato. (Olhando para Mimi) E não é feia.

MARIA, comsigo mesma, desenhando

Sim ! Este está melhor... muito melhor do que os outros !... Ainda bem... estou contente.

AMBROSIO, comsigo mesmo

Parece que o retrato está parecido... Vamos a vêr... (Olha por cima do hombro de Maria) Oh ! Mas não é o retrato que eu suppunha !... Sempre !... Sempre aquella cabeça de mulher que tantas vezes tem começado, para rasgar depois...

MARIA, mostrando o desenho a Ambrosio

Dizes-me o seu nome ? !

AMBROSIO

O nome d'esta mulher ?

MARIA

Sim !... Tu não o sabes... Ninguem o sabe... Olha !...

Eu conheço-a ; é a minha madrinha ! (Amarrota o desenho e deita-o ao chão) Não quero tornar a vê-la !

Levanta-se e caminha para Mimi.

AMBROSIO, áparte

Sua madrinha ! É a primeira vez que lhe ouço tal nome ?... Será a rasão que volta, ou a loucura que augmenta ?!

MIMI, sonhando

Sim ! Sim !

AMBROSIO, a Maria

Ora dize-me...

MARIA, que parece ouvir o que diz Mimi

Cala-te !... Ella fallou !... Ouve !...

MIMI, adormecida

Sim !... Hei de ir a Montmayour !... Ter medo da doida !... Eu !...

MARIA

Doida !... A doida !...

AMBROSIO, afastando Maria

Não faças caso ; está a sonhar.

MARIA

Tambem eu sonhei... não sei em que noite... mas vejo sempre o meu sonho... o ceu em fogo... os campos inundados !... Eu fugia... fugia... perseguida por homens armados que diziam : — «É aquella... é preciso mata-la... está doida ». — E para lhes escapar feri um

braço! É bem singular a força das idéas no somno: sente-se a dôr como se em verdade existisse o ferimento... (Levanta a manga do vestido) Olha! Sonhei que me feri aqui... (Vendo uma cicatriz no braço) Ah! Mas é verdade... estou ferida... então não foi um sonho!... (Com terror) Estarei eu realmente doida?!

MIMI, acordando

Que tem... que tem, minha senhora?

AMBROSIO, bruscamente

Ahi está! Foste tu que a acordaste... e porque?... Porque fizeste uma arranhadura hontem, quando escorregaste na escada.

MARIA

Ah! Foi hontem?... Hontem!!...

Vae fechar os desenhos em uma pasta.

MIMI, a Ambrosio

Desculpe se adormeci; mas como o sr. Ambrosio estava ao pé da senhora, eu...

AMBROSIO

Não tens de que pedir desculpa. Pelo contrario, a senhora está socegada; eu estou aqui, e portanto podes ir descansar.

MIMI

Muito obrigada, sr. Ambrosio, muito obrigada!... Já não estou cansada!...

Emquanto Mimi se aproxima de Maria Aubert, apparece um criado que faz signal a Ambrosio para lhe fallar em particular

AMBROSIO, caminhando para o criado

Que queres ?

CRIADO

Uma visita.

AMBROSIO

Não recebo ninguém, á excepção de Sebastião.

CRIADO, baixo

Nem mesmo a sua sogra ?

AMBROSIO

Ursula!... Ella em Montmayour ?!

CRIADO

Eu disse-lhe que esperasse na saleta.

AMBROSIO

Manda-a entrar para aqui. (Reflectindo) Não, espera.
(À parte) É necessario que eu saiba o que ella quer, antes de Maria a vêr. (À Mimi) Leva d'aqui tua ama.

MIMI, dirigindo-se a Maria Aubert, que ficou pensativa

Minha senhora, é melhor recolher-se a casa.

MARIA

Pois sim... vamos... (Quando sobe os degraus) Ainda agora dormias n'este logar... e sonhavas !

MIMI

Eu ?

MARIA

Sim !... Has de contar-me o teu sonho, para vêr se assim esqueço o meu. (À parte) Doida !... Estive doida !...

MIMI

Então, vem, minha senhora?

MARIA

Sim, vou.

Entram para casa.

AMBROSIO, ao criado

Faze o que te disse.

O criado sae.

SCENA II

AMBROSIO, depois URSULA

AMBROSIO, um momento só

Ursula n'esta casa! E todavia eu nunca lhe disse onde morava!... Quem me trahiu?!

URSULA, ao criado que a acompanha, e que sae logo

Obrigada, meu rapaz.

AMBROSIO, dirigindo-se ao encontro de Ursula

Minha mãe!

URSULA

Ambrosio! (Olhando em volta de si com surpresa) Ah! Como é alegre, com é bonito este jardim! A minha filha deve estar aqui muito bem.

AMBROSIO

Maria sempre gostou de flores, e enquanto a estação o permite, trabalho para que nunca lhe faltem.

URSULA

Então é verdade, Ambrosio, que ainda ama Maria?

AMBROSIO, fazendo-a sentar

Ah! Já vejo que duvidou do meu amor, e para se desenganar veio vêr-nos. Mas quem lhe disse que moravamos aqui?

URSULA

Já todos o sabem, desde que a nossa pobre louca fugiu de casa. Os que a trouxeram a Montmayour contaram tudo quanto se passou n'esse dia; a terrível noticia foi correndo, e graças ao ceu, quando passou por Santo Estevão, encontrou-me ainda com forças bastantes para empregar a minha ultima viagem.

AMBROSIO

Ultima!... Não ha de ser assim. Agora que sabe o caminho de nossa casa ha de vir vêr-nos muitas vezes.

URSULA

Eu não vim para voltar tão depressa, Ambrosio. Podia supportar o pezar de não vêr minha filha emquanto tinha a outra na minha companhia; mas viver só, na minha casa, não é possível. Parti dizendo comigo: «Não mereci o castigo de Ambrosio; e já que a sua vontade me obrigou a separar-me d'aquella creança; a sua piedade ha de reunir as duas mães».

AMBROSIO, commovido

Não se trata de piedade, minha mãe; desejo; é essa a minha vontade tambem. Está dito; ficará conosco; acompanhará Maria. Ah! Agora nada lhe faltará, porque fica entregue aos cuidados de sua mãe e de Mimi.

URSULA, enternecida e interrogando com hesitação

' Mimi?... (Áparte) Emfim já me falla n'ella ! (Alto) Quem é essa Mimi?...

AMBROSIO

É uma pobre rapariga que encontrei no meio da inundação, em perigo de vida, e tive a felicidade de a salvar.

URSULA, áparte

Ella ! Salva por Ambrosio !

AMBROSIO

Uma hora depois, encontrei-a protegendo, defendendo Maria Aubert. Disse-me então que era orphã ; offereci-lhe a nossa casa ; acceitou, e agora sou muito amigo d'ella.

URSULA, áparte

Bem me tinha ella dito ! (Alto) Desejo conhecer essa rapariga.

AMBROSIO

Pois vae já conhecel-a ! Vou prevenir Maria Aubert da sua chegada, e mando-lhe cá Mimi. (Avistando Mimi) Olhe ! Ella ahi vem !

SCENA III

Os MESMOS e MIMI

MIMI, saindo de casa precipitadamente

Sr. Ambrosio... (Vê Ursula. Pára surprehendida e dá um grito)
Ah !

AMBROSIO

Que é?... Que tens?...

USRULA, com vivacidade

Assustou-se talvez por vêr aqui uma pessoa estranha.

MIMI, sorrindo a custo

Não foi nada, sr. Ambrosio. Vinha muito depressa e torci um pé.

AMBROSIO, com interesse

Doe-te muito?

MIMI

Não; não foi nada. Vinha dizer-lhe que a senhora deixou-me para ir fechar-se no quarto. Chamei; pedi-lhe que abrisse a porta e ella nem ao menos me respondeu.

AMBROSIO

Fizeste bem em vir avisar-me; tenho uma segunda chave do seu quarto. Vou distrair Maria, dando-lhe uma boa nova. Fica tu aqui com a nossa mãe Ursula que estava anciosa por te conhecer.

Entra para a casa.

SCENA IV

MIMI e URSULA, (Apenas ficam sós lançam-se nos braços uma da outra)

URSULA

Minha filha!... Minha querida filha!... Dá-me depressa noticias de tua mãe.

MIMI

Desde que estou em Montmayour ainda não teve acesso algum. Só duas vezes o sr. Ambrosio recorreu a um calmante, sem o qual, ella d'antes não podia dormir. Tive muito medo quando vi preparar o remedio, mas elle disse-me : — Esta pequena dôse é o descanso, algumas gottas mais seriam a morte.

URSULA

A morte !

MIMI

Sim ! Mas aquelle remedio tão perigoso já não é necessario ; Esta manhã procurei o frasco para o deitar fora, e já o não encontrei.

URSULA

Então, Maria passa melhor ?

MIMI

Oh ! Muito melhor ! Parece que todos os dias recupera uma parte da sua memoria. Meu pae diz que só a mim se deve um tal milagre ; e quando diz isto parece tão feliz. E René ?

URSULA

René não se esqueceu de ti ; e no dia seguinte quando não te encontrou em casa, e eu lhe disse que nunca mais tornaria a vêr-te, até chorou ! Pediu-me de mãos postas que lhe dissesse onde estavas ; mas não podendo confiar-lhe um tal segredo, sabes o que lhe disse ? Que tinhas ido servir !... Então elle empallideceu, suffocou as lagrimas e disse : Muito bem : fallarei a meu pae, e

tenho a certeza de que elle não ha de querer que se faça de minha irmã uma criada de servir.

MIMI

Se elle soubesse que eu estou com minha mãe !

URSULA

É necessario que nem d'isso desconfie ! Felizmente ninguem poderá dizer-lhe que estás em Montmayour.

SCENA V

OS MESMOS e SEBASTIÃO, com uma pasta com desenhos

SEBASTIÃO

Não ; ninguem o dirá... graças a mim que (A Ursula) reparo as suas imprudencias.

MIMI

O sr. Sebastião !... O nosso amigo !...

SEBASTIÃO, dando a pasta a Mimi

Guarda-me isto.

URSULA, a Sebastião

Mas eu não o esperava senão ámanhã.

SEBASTIÃO

Cheguei mais cedo, é verdade, e vou dizer-lhe porque ; mas em primeiro logar quero ralhar-lhe, sr.^a Ursula.

URSULA

Ralhar ? E porque ?...

SEBASTIÃO

Porque ás vezes parece uma rapariga de quinze annos, leviana, como quasi todas. Teve a phantasia de partir, e realisou o seu projecto sem ao menos pensar no perigo que ia causar.

URSULA

Qual perigo?...

SEBASTIÃO

A abbadessa do convento que esperava Mimi, vendo que ella não se apresentava, ia escrever a Ambrosio, justamente quando lhe foi annunciada a minha visita.

URSULA

E para que foi o sr. Sebastião ao convento?...

SEBASTIÃO

Fui, no interesse de Mimi, e para pregar uma petal. Mas quando fallei com a abbadessa, mulher de espirito e muito conhecedora de pintura, a minha franqueza de artista transtornou o plano do amigo; confessei-lhe tudo. Ella comprehendeu que mais uma noviça no convento era menos util do que restituir uma filha a sua mãe. Pedi-lhe o maior segredo e offereci-lhe um quadro para o altar da capella. Ella comprometteu-se a guardar o nosso segredo, acceitou o quadro, e depois separámo-nos os melhores amigos do mundo.

URSULA

Effectivamente era necessario prevenil-a. Foi um grande serviço que o sr. Sebastião nos prestou.

SEBASTIÃO, rindo

Ab! Um serviço de oito pés de altura sobre quatro de largura. Todo entregue ao assumpto do meu quadro, decidi-me a vir a pé até aqui, porém não calculei bem a distancia e confesso a minha fraqueza, tive de sentar-me á borda da estrada. Quando me dispunha a seguir de novo o meu caminho, vejo aproximar-se de mim um pequeno carro que conduzia um elegante moço. Este offereceu-me um logar; acceitei da melhor vontade e fomos conversando. Disse-lhe que ia a Montmayour, o que me pareceu causar-lhe certa impressão. Perguntou-me se conhecia aqui alguém; por prudencia respondi-lhe que não. É pena, disse elle, mas não importa; o meu rendeiro Roberto dar-me-ha as informações de que careço.

MIMI

Roberto vive proximo d'aqui.

SEBASTIÃO

O meu companheiro de viagem parecia estar com muita pressa. Apenas me deixou á entrada de Montmayour, partiu como uma setta; depois de reciprocamente proferirmos os nossos nomes: Claudio Sebastião, gritei eu; René de Simiane, respondeu elle.

MIMI

René!

URSULA

Quem elle procura é Mimi.

SEBASTIÃO

Pois conhece-a? Acaso a viu em Santo Estevão?...

A DOIDA

MIMI, com modestia

Todos os dias nos viamos...

SEBASTIÃO. com intenção

Ah! Então já comprehendo.

MIMI

Mas Roberto dir-lhe-ha que estou aqui.

URSULA

E elle vem logo procurar-te. Oh! Meu Deus! Não será possível occultar a verdade a Ambrosio?!

MIMI

Mas é necessario evitar...

SEBASTIÃO

Sim! É necessario evitar; mas como?...

URSULA

Indo ao encontro de René.

MIMI

A casa de Roberto?

SEBASTIÃO

Está claro, e eu lá vou. Onde mora esse tal Roberto?

MIMI

Isso é o que eu não sei bem.

SEBASTIÃO, indicando um criado que passa ao fundo com um regador
Aquelle criado ha de saber. Olé rapaz?...

CRIADO

Prompto, meu senhor.

SEBASTIÃO

Sabes onde mora o rendeiro Roberto?...

CRIADO

Sei, sim senhor. Saindo de Montmayour, váe-se direito pela estrada real até ao bosque, depois toma-se á direita, e chega-se lá n'um quarto de hora. Não tem que errar.

SEBASTIÃO

E no bosque não ha mais do que um caminho?...

CBIADO

Ha dois.

SE BASTIÃO

Dois? Qual é o mais curto?

CRIADO

É o que tem um marco.

SEBASTIÃO

Está bem; seguirei esse.

CRIADO

Então como sáe, lá vou abrir-lhe a porta.

Sae.

SEBASTIÃO, a Ursula

Deus permitta que eu chegue a tempo! (Áparte) Isto em graça; mudei de profissão; passei de pintor a andarilho! (Alto) Adeus! Até á vista.

Sáe apressadamente.

MIMI

Socegue, boa mãe; se tiver de nos acontecer alguma desgraça, não será por culpa de René.

URSULA, applicando o ouvido para o lado da casa
Parece-me que ouvi a voz de minha filha.

SCENA VI

URSULA, MIMI, AMBROSIO, depois MARIA AUBERT

URSULA, a Ambrosio

Então! E Maria?...

AMBROSIO

Fui encontral-a no seu quarto, de joelhos; rezava em voz alta e pedia perdão a Deus... « Deus ouviu as tuas orações, disse-lhe eu; mandou-te tua mãe... a tua boa mãe Ursula. » A principio pareceu duvidar, mas eu accrescentei: « Está no jardim á tua espera... » Minha mãe! Minha mãe! Exclamou ella; e a sua oração acabou por um sorriso!

URSULA

Onde está ella?...

AMBROSIO

Vem abi.

URSULA

E reconhecer-me-ha?...

AMBROSIO, que foi ao encontro de Maria Aubert
Bem vês que te não enganei.

MARIA, hesitando ainda

Minha mãe!

URSULA, affectande alegria

Sim, minha filha! Sim! Sou eu!...

MARIA, com verdadeira e sentida expressão de alegria

É possível ! Minha mãe em Marselha !

TODOS

Em Marselha !

MARIA

Vem festejar o nosso terceiro anniversario ; não é verdade ?... Oh ! Ainda bem ! Deixe-me abraçal-a...

URSULA, áparte

Oh ! Meu Deus ! Não se recorda !

AMBROSIO

O passado deixou de existir para ella !

MARIA, a Mimi

Vae buscar para minha mãe as melhores coisas que encontrares em casa. (Com impaciencia) Vae.

URSULA

Basta uma bebida qualquer

MIMI

Sim, minha senhora.

Entra em casa.

SCENA VII

OS MESMOS, excepto MIMI

MARIA, pegando nas mãos de Ambrosio e Ursula

Ah ! Minha mãe ! Não crimine Ambrosio ; elle já não tem ciumes : é muito meu amigo, e sel-o-ha ainda mais quando souber o meu segredo. Diga-lh'o, minha mãe.

AMBROSIO, a Ursula

O seu segredo ?!

URSULA, baixo

O que me tinha confiado e que a tornava tão feliz. Mas já que ella pensa n'isso, talvez recupere a memoria completamente. • Durante este tempo Maria sobe pela scena, como que procurando alguma coisa. Procura tambem nas algibeiras) Que procuras, minha filha ?...

MARIA

Uma carta... que escondi... mas que já não acho.

URSULA

E lembras-te do que dizia a carta ?...

MARIA

Oh ! Se lembra ! Pois se ainda ha pouco m'a deram...

AMBROSIO

Se eu experimentasse...

URSULA, vendo Ambrosio tirar uma carta da algibeira
Cautela ! Uma imprudencia pode perder tudo !

AMBROSIO, com meiguice

Será esta a carta que procuras, Maria ?...

MARIA

Esta ?... Oh ! Sim ! É esta ! Mas para que lhe puzeram o meu nome ?!... Esta carta não é para mim.

AMBROSIO

Não é para ti ?...

URSULA

Bem o dizia eu !

MARIA

Não !... Não !... Desconfiaste de mim. Ambrosio ; condemnaste-me... e eu não podia defender-me !... Não me recordava... mas agora... graças a minha mãe... recordo-me de tudo... sim... de tudo...

URSULA, com anciedade

Então falla, explica-te ; quem te mandou esta carta ?

MARIA

Sim... sim... esta carta !...

AMBROSIO

Dize-nos o nome do infame que a escreveu ! o nome do cobarde que a não assignou.

MARIA, com terror e susto

Oh ! Já me perguntaste isso, Ambrosio, ameaçando-me ao mesmo tempo !... Fazes-me medo ; mas hoje não estou só... não !... Está aqui a minha mãe... minha mãe que me protege...

Curva-se para Ursula e quasi lhe abraça os joelhos.

URSULA

Mas repara, minha filha : elle não te ameaça, chora.

AMBROSIO, levantando com muito carinho Maria

Não te ameaço, não ordeno ; supplico !... Vamos, Maria, reúne bem as tuas idéas : se esta carta não era para ti, deves saber a quem era dirigida ?

MARIA

Sei... esperem... era dirigida a essa mulher que agora saiu d'aqui.

URSULA

E sabes quem é essa mulher ?...

MARIA

Sim...

URSULA

Então recordas-te ?...

AMBROSIO

Conhecel-a ?...

MARIA

Sim... sim... conheço !...

URSULA

O seu nome ?...

MARIA, afastando-se

É a minha madrinha !

AMBROSIO

A sua madrinha !!

URSULA

Oh ! Fatalidade ! Perdeu a memoria ; desvaira !

AMBROSIO

Não me disse que essa madrinha era...

URSULA

Uma creança que apenas se demorou em Santo Es-

tevão poucas horas e nunca mais alli voltou. Não pode recordar-se d'isso; é loucura!... Oh! É horrivel!

AMBROSIO

Comprehende agora quanto tenho soffrido?!...

SCENA VIII

OS MESMOS, MIMI, trazendo um copo com uma bebida qualquer

MIMI

Aqui está o que pediu.

MARIA, possuida de outra idéa

Onde achaste esse copo?... Não foi no meu quarto?...

MIMI

Não, minha senhora.

MARIA

Não voltes ao meu quarto... prohibo-t'o... Oh! Mas eu fechei bem a porta!

MIMI

Aqui tem, sr.^a Ursula.

MARIA, com vivacidade a Ursula

Não bebas minha mãe! Oh! Não! Não quero que beba!

Deita fora o liquido que está no copo.

MIMI

Que significa...

AMBROSIO, áparte e com terror

Meu Deus!

URSULA, a Ambrosio

Que tem?...

AMBROSIO

O presentimento de mais uma desgraça... (A si proprio)
Mas ella nunca teve semelhante idéa!...

Dirige-se para casa.

URSULA

Onde vae?...

AMBROSIO

Ao seu quarto; ao quarto onde ella esteve fechada.
É necessario que eu veja, que saiba... Oh! Não a deixem... não a deixem...

Entra precipitadamente em casa.

SCENA IX

URSULA, MARIA AUBERT e MIMI

URSULA

Que nova desgraça aconteceria, meu Deus?!

MARIA

Ambrosio deixou-nos; e não quiz acreditar-me. Pois eu tenho uma prova.

URSULA

Uma prova?

MARIA

Foi com certeza minha madrinha quem me deu esta carta!... Parece-me que ainda a estou vendo!... Quer vel-a, minha mãe; posso mostrar-lh'a... está aqui...

Procura entre os desenhos que estão espalhados sobre a mesa.

MIMI

De quem falla ella ?...

URSULA

De uma má mulher que foi a causa de todos os desgostos porque temos passado...

MARIA

Cá está !... Não me engano !... Vejam !... Vejam !...

Apresenta a Ursula o papel, onde desenhava no começo do acto.

URSULA e MIMI

Um retrato !!

MARIA, dirigindo-se a Mimi

Vaes já dizer-me o seu nome !...

MIMI

Eu !...

MARIA, insistindo

Repara... repara bem !

MIMI, depois de se afirmar bem no retrato

Mas... é verdade... eu conheço esta mulher...

URSULA

Tu !... É impossivel !

MIMI

Tambem a mãe Ursula a conhece. Esta mulher é a sr.^a de Lotmel.

MARIA

Ah ! Bem sabia eu que me dirias o seu nome !

URSULA

Effectivamente este retrato parece-se com... Mas a sr.^a de Lormel nunca conheceu Maria... nunca foi a Marselha... Oh! Perde essa idéa, minha filha; a similhaça do retrato é só filha do acaso.

MIMI, pegando no retrato

Oh! Pois hei de sabel-o!...

MARIA

Então não me acredita, minha mãe?... Vae accusar-me... amaldiçoar-me talvez... como fez Ambrosio!...

URSULA

Não; nunca, ainda que fosses culpada! Depois de tantos soffrimentos e torturas, tua mãe, que é uma mulher honrada, perdoar-te-ia!...

MARIA, bruscamente

Então pode perdoar-me, minha mãe.

URSULA

Perdoar-te?!

MARIA

Sim... um crime.

URSULA e MIMI

Um crime?!

MARIA, com simplicidade

Vou matar-me.

URSULA e MIMI

Oh! Meu Deus!

MARIA

Tenho o que é preciso para morrer... alli... no meu quarto...

Faz um movimento para a casa.

URSULA, detendo-a

Não has de ir!

MIMI

Vou chamar o sr. Ambrosio.

MARIA

Ambrosio! Sim! Que venha... que me mate... como matou sua filha!

MIMI

Sua filha!

MARIA

Sim, a minha pobre Genoveva!... Era tão linda... tão meiga!... e Ambrosio arrancou-m'a dos braços!... Se quero morrer é porque a minha Genoveva espera por mim... é porque quero tornar a vêr a minha filha!

MIMI, a Ursula

Mas diga-lhe... diga-lhe que a sua filha ainda vive...

MARIA

O que?... Que dizes?

URSULA

A verdade!

MARIA

Oh! Não é possível!! Enganam-me!...

URSULA

Ambrosio foi cruel, mas não é um assassino; repel-

liu a filha que julgava não ser sua, mas não a matou. (Beijando e abraçando Mimi) Eu que a tive em meu poder durante quinze annos bem o sei.

MARIA

É impossivel !!... Não será tudo isto um sonho !...

Com transporte.

MIMI, a Maria

Sim, vivi quinze annos sem a conhecer ; quando me disseram que era sua filha, disseram-me tambem que minha mãe era infeliz, e por isso vim...

MARIA

Tu... pois és tu !...

Chora, mostrando grandissima commoção.

URSULA, áparte

Chora ! Está salva ! (Alto) Já não queres morrer, não é assim ?...

MARIA, fixando-as a ambas

Graças, meu Deus !... Foi-me restituída a minha filha !... Oh ! agora quero viver !... Achei a minha filha !!!

Abraça Mimi com o maior carinho.

URSULA

Mas é necessario que Ambrosio ignore...

MARIA

Oh ! Não ! Pois quer que depois de tantos soffrimentos eu reprima a minha alegria !... quer que eu trate a minha filha como uma estranha ?! Uma mulher culpada faria isso, mas eu estou innocente, e na presença de Ambrosio, como na presença de todos, tenho o di-

reito de me confessar sua mãe... (Chamando) Ambrosio!
Ambrosio!

URSULA

Imprudente!... Que vaes fazer?...

MARIA

Chamo o pae da minha filha!

SCENA X

Os MESMOS e AMBROSIO

AMBROSIO, entrando, pallido, com um frasco vazio na mão
Chamas, Maria?

MARIA

Meu Ambrosio, eu estava doida, mas já não o estou!
Disse que tinhas morto a minha filha; menti! Peço-te
perdão: a minha Genoveva existe!

AMBROSIO

Ah! (A Ursula) Que foi dizer?

URSULA

Ambrosio! Ella quèria morrer!

MARIA

Terás compaixão de mim, não é verdade?... Sofri
tanto!... Queres que me restituam a minha filha? Que-
res que ella responda á voz de sua mãe? Se ella es-
tivesse aqui não a expulsarias não é assim?... Dize,
meu Ambrosio?!

AMBROSIO

Aqui!... Se estivesse aqui?!

Olha com terror para Ursula e para Maria.

MARIA, áparte, comprehendendo o olhar de Ambrosio
Oh! Aquelle olhar !... Matal-a-bia!...

AMBROSIO, com explosão
Aqui!! Ella aqui!!

MARIA, dando uma gargalhada e fingindo estar doida
Ah! Ah! Ah! Como este pobre Ambrosio olha para mim! Imagina que eu acreditei na mentira de minha mãe. (A Ursula) Não! Não a creio! Minha filha já não existe... Ambrosio disse-me a verdade... morreu! E já que perdi a minha querida filha, (Designando Mimi) não quero vêr aqui esta rapariga! A minha Genoveva devia ter esta idade, se vivesse; não quero tornar a vêl-a... leve-a d'aqui...

Maria vae empurrando Mimi, mas beija-a sem que Ambrosio perceba.

URSULA
Que delirio... meu Deus!

MARIA, baixo a Ursula, e na maior agitação
Não a tornarei a vêr, mas salvo-a!...

Ursula afasta-se com Mimi. Ambrosio corre a sua mulher,
que parece desfallecida.

Cae o panno.

FIM DO QUARTO ACTO

ACTO QUINTO

Uma sala rica, dando, ao fundo, para um parque.

SCENA I

LEONIA e SIMIANE

LEONIA

Agora, senhor, sabe já como a minha carta ficou em poder de minha afilhada.

SIMIANE

E infelizmente Maria Aubert é mulher de Ambrosio... de Ambrosio a quem devo a vida!

LEONIA

E se quinze annos depois, em Santo Estevão, quando a mãe d'essa pobre mulher, julgando falar a uma generosa desconhecida, me confiou a odiosa suspeita e a fatal desgraça que ainda pesa sobre sua filha; se eu não exclamei: — Maria Aubert está innocente; a unica culpada sou eu — foi porque estava alli Adriana. Diante d'aquelle anjo de pureza, faltou-me a coragem para me accusar a mim propria!...

SIMIANE

Ainda bem que a sua presença evitou uma revelação

imprudente... inutil !... Era perder-se sem que Ambrosio podesse saber a verdade ; porque, segundo me disse já, ignora-se onde occultou a sua infeliz victima...

LEONIA

A união que minha filha vae contrair hoje, impõe-me o eterno dever de abafar a voz de minha consciencia. A sua nova familia, tão severa em pontos de honra, nunca lhe perdoaria a falta commettida por sua mãe. Antes do casamento seria repellida a nossa alliança como uma vergonha ; mais tarde, se fosse descoberto o meu segredo, ficava para sempre destruida a felicidade de minha filha, sendo ella a victima expiatoria do meu procedimento passado.

SIMIANE

Bem ! Esse segredo confiado á minha honra, respondo por elle minha senhora.

SCENA II

Os MESMOS, DE LORMEL e depois RENÉ

DE LORMEL, entrando pela esquerda

Minha querida Leonia, tua filha espera-te na sala. Ah ! Pelo que vejo já perdoaste ao nosso fugitivo a sua ausencia de quinze annos, sem ao menos se despedir de nós ?... Acho isso muito justo. No dia em que se casa uma filha tudo se perdoa. São nossos amigos todos os que nos honram com a sua presença.

Aperta cordialmente a mão a Simiane, que faz um leve cumprimento estendendo tambem a mão a De Lormel.

RENÉ, entrando muito agitado pelo fundo á direita
Perdão!... Está aqui meu pae, não é assim?...

DE LORMEL

Que tem sr. René?...

SIMIANE

Está tão pallido, tão commovido!...

RENÉ

Sim! Pallido de colera; commovido de indignação.

SIMIANE

Mas porque te affliges assim?...

RENÉ

Dir-lh'o-hei quando estivermos sós, meu pae.

LEONIA

Nós retiramo-nos immediatamente.

DE LORMEL

Sem duvida, se Simiane assim o exige; porém esta agitação inquieta-me.

SIMIANE

Fiquem. Não sei de que se trata; porém os segredos de René para seu pae podem sempre dizer-se em presença de amigos... (A René) Vejamos!... Falla... explica-te...

RENÉ

Quando tinha a minha idade, se um homem insultasse cruelmente seu pae, que faria?

SIMIANE

Comprehendo o que quizeste fazer, se se deu tal

caso ; porém, acredita-me, meu amigo, é um cobarde ou um louco o homem que se dirige ao filho, a uma creança, quando o pae pode responder-lhe.

RENÉ

Uma creança !... Foi essa a palavra de desprezo que elle proferiu quando lhe offereci o meu sangue em troca do seu ! Como sabe, ia em procura de Mimi. A sua carta auctorisava-me a reclamá-la onde quer que ella estivesse. Apresentei-me na herdade de Montmayour onde serve de creada. Mostrei a carta ; apenas reconheceu a letra, o rendeiro perturbou-se e empallideceu. Tirando immediatamente do bolso outra carta, comprou as letras, e depois possuido de um violento accesso de colera, exclamou : « Ah ! A minha vingança encontra finalmente um homem ! » Então, proferiu o seu nome, meu pae insultou-o, e perguntou-me onde estava escondido ! « Um cavalheiro nunca se esconde, respondi eu ; acompanhe-me, senhor !... » E está aqui perto, esse homem !... Disse-me que se meu pae o não quizer receber, o insultará publicamente.

SIMIANE

Pois elle disse isso ?...

DE LORMEL

Insultar o meu hospede !...

LEONIA

Similhante escandalo ?!

SIMIANE

Mas quem é então esse inimigo ?

RENÉ

É Ambrosio. Meu pae bem o conhece.

SIMIANE

Ambrosio!

LEONIA, áparte

Oh! Meu Deus?

DE LORMEL

Vou fazel-o sair de minha casa.

Toca a campainha.

SIMIANE, mais tranquillo

Perdão, sr. conde. Se é Ambrosio que me quer falar, desejo recebê-lo.

DE LORMEL

Seja!... Mas diante de mim, então.

LEONIA, áparte

Oh! Tenho medo, meu Deus!!

SIMIANE, baixo a de Lormel

Faça retirar a sr.^a condessa.

DE LORMEL

Leonia, tua filha espera por ti.

SIMIANE

René, oferece o braço á sr.^a condessa. (René insiste para ficar) Mando eu!...

DE LORMEL, ao criado que apparece n'esta occasião

Mande entrar esse homem que está lá fora.

Leonia e René entram á esquerda; o criado sáe pelo fundo.

SCENA III

SIMIANE, DE LORMEL e AMBROSIO

DE LORMEL, um momento antes de entrar Ambrosio

Ora diga-me : tenciona ter alguma consideração com um homem que o insultou em presença de seu filho ?

SIMIANE

Não sei o motivo nem qual será o resultado da conversação que vamos ter ; mas devo antepôr a prudencia á colera, porque o homem que assim me offendeu era um amigo meu, e um soldado corajoso que me salvou a vida.

AMBROSIO, entra, vê Simiane e diz a si proprio

Ah ! Eil-o emfim !! (Alto e reprimindo-se) Esteve com seu filho, sr. marquez?... Mandou-me chamar e não está só?... Já escolheu padrinho. Muito bem ; vejo que comprehende o que aqui me traz.

SIMIANE

Não, Ambrosio ! Disseram-me que se excedeu, que me injuriou... mas nada comprehendí ainda.

AMBROSIO, animando-se

N'esse caso, marquez de Simiane, prepara-te : vou repetir-te tudo quanto disse a teu filho !

DE LORMEL, com auctoridade

Aqui não, sr. Ambrosio. Peço-lhes que fallem com o socego e a dignidade propria de homens de bem. Ignoro se essa colera é injusta ou legitima ; mas sei que o insulto, qualquer que seja a causa d'onde provenha,

nunca destróe o bom direito. Julgo pois dever recordar-lhe que está em minha casa. Expliquem-se muito embora ; mas lembrem-se ambos do lugar onde estão.

AMBROSIO

Tem razão, senhor; a colera do homem é inutil quando a justiça de Deus deve decidir.

SIMIANE

A justiça de Deus... decidir entre nós !... Na verdade, perdeu a razão, meu amigo.

AMBROSIO, a de Lormel

Como não permite o insulto em sua casa, prohiba a este homem que me chame seu amigo.

SIMIANE, fazendo um movimento de grande impaciencia

Ambrosio !

DE LORMEL, com severidade a Ambrosio

Accuse-o, já lhe disse, mas não o insulte.

AMBROSIO, a de Lormel

Pois bem ! Julgal-o-ha o senhor mesmo. Pergunte-lhe se conhece a letra d'esta carta.

Dá a carta de Simiane a de Lormel.

SIMIANE, áparte

A carta que escrevi a Leonia !

DE LORMEL, dando a carta a Simiane, sem olhar para ella

Veja, sr. Simiane.

SIMIANE, repellindo a carta

É inutil !... Essa carta foi escripta por mim.

AMBROSIO, a de Lormel, que vae restituir-lhe a carta

Agora, senhor, leia essa carta, que eu surpreendi nas mãos de minha mulher. Para condemnar o culpado é necessario conhecer o crime !...

SIMIANE, áparte

Aquella carta... lida por elle... na minha presença !...
Que castigo, meu Deus !

DE LORMEL, lendo

« O nosso amor não pode agora ser mais do que uma recordação. Restituo-te aos teus deveres, portanto tempo desconhecidos ! Oxalá que o ceu nos perdôe o termos enganado um homem de bem. » (A Simiane) Será com effeito esta a carta que escreveu ?

SIMIANE

É sim, sr. conde.

AMBROSIO

Não podia negal-o, porque tenho outra carta assignada com o seu nome, e na qual, ainda esta manhã, reclamava a sua filha !...

SIMIANE

A minha filha !

AMBROSIO

Sim ! Uma rapariga de Santo Estevão a quem seu filho, hoje, diante de mim, dava o nome de irmã. Ah ! Mas agora poderão chamar-lhe orphã, porque se a providencia me não desviar o braço hei de matar seu pae.

DE LORMEL, a Simiane

Tem alguma coisa a dizer para se justificar, meu amigo ?...

SIMIANE

Não. Confunde-me esta serie de circumstancias que se reuñem para corroborar o erro em que está este infeliz!..

AMBROSIO

O erro?!

SIMIANE

Ambrosio, pela minha honra declaro que nem conheço sua mulher; mas nada mais posso accrescentar. Apra se quizer pode dispôr da minha vida. Já que não é offendido será ao menos o algoz!

Faz um movimento.

DE LORMEL

Aind um instante. Parece-me que se o sr. Ambrosio não foi offendido, é inutil baterem-se.

AMBROSIO

Entãelle que declare quem é essa mulher que faltou aos eus deveres... quem é esse homem de bem que ellelitz ter enganado,

SIMIANE

Nunca, nunca o direi.

AMBROSIO

N'esse iso, como não declara o nome, disse eu a verdade, o sr. marquez (Com ironia) mentiu!

SIMIANE

Ambrosi!... Ah! É agora possivel o nosso duelo. Precisava essa palavra para ter o direito de aceitar o teu desal

DE LORMEL

Já que assim o querem, cumpram ambos o seu dever, batendo-se; porém a nossa ausencia pode causar suspeitas entre as pessoas que nos esperam. É necessario que o sr. de Simiane appareça comigo na sala. D'aqui a uma hora prometto deixal-os completamente livres.

AMBROSIO

É o tempo de que preciso tambem para escrever algumas cartas e fazer as minhas ultimas disposiçes!... É necessario prevenir tudo, porque a sorte dasarmas é o segredo de Deus.

DE LORMEL, designando a direita

Entre alli. No fim da galeria fica a bibliothec; onde poderá escrever.

AMBROSIO

Muito obrigado... Fico á sua disposição, sr de Simiane.

SIMIANE

D'aqui a uma hora estarei aqui.

AMBROSIO, depois de olhar para de Lormel
que faz um signal de assentimento

Tenho duas garantias: (A Simiane) a sua cagem...
(A de Lormel) e a sua honra.

Entra na Bibliotheca.

SCENA IV

DE LORMEL, SIMIANE, depois LEON

DE LORMEL

Simiane.

SIMIANE

Sr. conde.

DE LORMEL

Sabe que este duelo será um crime se realmente Ambrosio está enganado?... Vencedor ou vencido, o meu amigo diffama a mulher d'aquelle infeliz.

SIMIANE

Peço-lhe que não fallemos mais n'isto ; o resultado não podia infelizmente ser outro.

DE LORMEL

Reconhece então que essa mulher é culpada?...

SIMIANE

Eu ! Silencio. Ahi vem a condessa.

LEONIA, entrando seguida de um criado que sáe logo pelo fundo
Ah ! Estão sós !... E aquelle homem ?...

DE LORMEL

Ambrosio ?... Já se foi.

LEONIA

Mas a sua terrivel colera...

DE LORMEL

Desappareceu, depois de algumas palavras de explicação.

LEONIA, olhando para de Lormel e Simiane

Ah !

SIMIANE, que vê que ella não acredita

Para prova da verdade, para a tranquillisar, eu e o sr. de Lormel vamos para a sala juntos.

Vens tambem, Leonia?

LEONIA

Vou já. Quero primeiro dar algumas ordens.

De Lormel e Simiane entram á esquerda.

SCENA V

LEONIA, só, reparando muito em Simiane e de Lormel quando vão saindo

Este socego... este accordo entre elles !... Não ; a visita de Ambrosio, nada revelou ao sr. de Lormel. Mas quem será a pessoa que me procura e que não quiz dizer o seu nome ?... (Olha para o parque. N'este momento o criado designa Leonia a Ursula que apparece ao fundo com Mimi) Ursula e aquella rapariga !... (Tranquillizando-se) Souberam talvez do casamento de Adriana. Mas é extraordinario, no mesmo dia em casa de Lormel, Simiane, Ambrosio e a mãe de Maria Aubert !...

Durante o que precede Ursula e Mimi chegam á porta da sala.

SCENA VI

LEONIA, URSULA e MIMI

MIMI, ao fundo e a Leonia

Minha senhora, a mãe Ursula pergunta se podemos entrar.

LEONIA, dirigindo-se para Ursula

Sim, podem entrar.

MIMI, baixo a Ursula

Tal qual o retrato, avósinha.

URSULA, a meia voz

Fizeste bem em me trazeres aqui. Depois do que se passou não podes voltar a Montmayour sem a justificação de tua mãe.

LEONIA, sentando-se

Sentem-se.

URSULA, recusando

Muito obrigada, minha senhora.

LEONIA

Queira explicar-me o mysterio d'esta visita. Mandou dizer que queria fallar-me e não quiz declarar o seu nome.

URSULA

Desculpe, minha senhora. N'um dia como este, se viessem dizer-lhe está alli Ursula Bompert, de Santo Estevão, por certo não me receberia; e eu tinha grande necessidade de lhe fallar.

LEONIA

E em que posso ser-lhe util?

MIMI

Oh! Minha senhora! O que nós queremos depende só da senhora...

URSULA

Em primeiro lugar devo dizer-lhe que a Providencia concedeu-me uma grande felicidade. Tornei a vêr Maria Aubert.

LEONIA, perturbada e levantando-se

Sim?... Mas... sempre doida... não é verdade?

MIMI, que observa Leonia

Tremeu quando fez aquella pergunta?

URSULA

Oh! muito menos, minha senhora, muito menos doida... E tanto, que afinal recordou-se de que toda a sua desgraça provem de uma carta que uma mulher lhe deu, dizendo: «Guarde-a; se meu marido a visse, estava perdida!»

LEONIA, com susto

E sua filha não lhe disse o nome d'essa mulher?

MIMI, examinando sempre Leonia e baixo a Ursula

Não vê, avósinha, como ella se perturba!

URSULA, a meia voz

Bem vejo, minha filha, bem vejo! (Alto, a Leonia) O seu nome... não o sabe! (Movimento de Leonia) Mas nem por isto a verdadeira culpada deixará de ser descoberta, porque se Maria Aubert ignora o seu nome, recorda-se bem da physionomia d'essa mulher, e tanto que ainda esta manhã desenhou o seu retrato.

LEONIA

O retrato?!

MIMI, apresentando o desenho

Elle aqui está.

LEONIA

Não preciso vê-lo!... Mas para que se dirigem a mim?...

URSULA

Oh! Veja este retrato, minha senhora, e se conhe-

cer essa mulher, iremos procural-a, como viemos aqui; eu... a mãe d'essa pobre victima... ella... (Mostrando Mimi) a filha de Maria Aubert que seu pae repelle e renega porque julga minha filha culpada. Dir-lhe-hemos: «Não queremos perdel-a, oh! não! Desejamos saber a verdade para desenganar Ambrosio, e só elle o saberá! Juramos que guardaremos segredo». Ella não deixará de attender ás nossas supplicas, que, de joelhos, serão acompanhadas das nossas lagrimas. Quem poderá recusar uma reparação d'esta ordem a oitenta annos de probidade e a quinze annos de innocencia e de desgraça?!...

Caem de joelhos, soluçando, aos pés da senhora de Lormel.

LEONIA, áparte

Ah! Penso em minha filha! É necessario ter coragem! (Alto) Pelo que vejo, sou eu a culpada, e julga vêr em mim essa mysteriosa desconhecida que não existe talvez senão na imaginação de uma doida?!

URSULA, indignada e levantando-se

Ah!

LEONIA

Desculpo o erro de uma mãe que reputa sua filha innocente e quer justifical-a; porém a minha indulgencia tem limites. Se diz mais uma palavra esqueço-me do respeito que devo á sua idade e ao seu infortunio.

URSULA, com altivez e firmeza

Pois bem! Essa palavra, senhora condessa, quero dizel-a: entrei aqui na duvida, e saio convencida.

LEONIA

Porém não vê que seriam necessárias outras provas...

URSULA

As provas?... São a grande perturbação que a senhora não pode occultar quando eu lhe disse que tornára a vêr minha filha; o seu movimento de terror quando soube que ella recuperára a rasão! As provas?... leu-as esta creança na sua physionomia, assim como agora a minha consciencia as lê na sua pallidez!

LEONIA

É de mais, senhora! Retiro-me para não a ouvir mais, e vou dar as minhas ordens para não a encontrar aqui quando voltar.

URSULA

Expulsas!... Expulsas por ella!...

Leonia dirige-se para a porta do fundo á esquerda. N'esse momento sae-lhe ao encontro Maria Aubert

SCENA VII

OS MESMOS, MARIA AUBERT, seguida de SEBASTIÃO

MARIA, dirigindo-se para Leonia

Ha immenso tempo que a procuro, minha madrinha!

LEONIA. áparte

Maria Aubert! (Alto) Engana-se; eu não a conheço.

TODOS

Ah!

MARIA

Como ! Pois não estava em Marselha ha quinze annos ; não me disse, quando me confiou aquella carta que tem sido a causa de todas as minhas desgraças : *Até á vista, minha afilhada ?!* Ah ! Senhora, para mostrar tamanha audacia, é preciso que tenha muito medo !

LEONIA

Medo ?!... Póde acusar-me !... O mundo julgará entre a memoria incerta de Maria Aubert e a palavra da condessa de Lormel.

SEBASTIÃO

Perdão, minha senhora, não são esses todos os documentos do processo. (Tirando um papel da algibeira) Aqui está um que á cautela fui buscar aos papeis da familia do meu amigo Ambrosio. É uma certidão tirada dos livros da egreja de Santo Estevão. A certidão de baptismo de Maria Aubert contem os nomes do padrinho e da madrinha. Sua filha casa-se hoje, e o tabellião que está fazendo a escriptura do casamento, na sala, poderá verificar se antes de casada a senhora condessa de Lormel não se chamava Leonia de Brevannes... madrinha de Maria Aubert.

LEONIA

E quando fosse verdade que eu estivesse em Santo Estevão, prova isso a minha presença em Marselha ha quinze annos, em casa d'esta mulher ?

MARIA

Oh ! Não sou eu que estou doida, agora é a senhora ! Esquece-se de que tenho uma testemunha da sua presença em minha casa, em Marselha ?

LEONIA

Uma testemunha !

MARIA

Sim !... Seu marido... que alli a surpreendeu !

LEONIA

Mas... afinal... digam ; com que fim me armam esta cilada ?...

MARIA

Queremos poupar a Ambrosio um crime... um assassinato ; porque me disse Sebastião que meu marido veio aqui unicamente para matar o homem que elle reputa ser meu amante.

LEONIA, com horror

Simiane !

URSULA, com vivacidade

Ah ! Então conhece-o ?

SEBASTIÃO

Está claro : Maria Aubert não proferiu tal nome.

LEONIA

Estou perdida !!... Ah ! (A Maria) Peço-lhe perdão para o meu nome... piedade para minha filha !

MARIA

Perdão para o seu nome ?! Mas o meu nome é o de uma mulher honrada e vale bem mais do que o seu !... Piedade para sua filha ?... Acaso a estima mais do que eu estimo a minha ?!... Enquanto a senhora gosava a vida impunemente, eu expiava a sua falta... e isto durou quinze annos... quinze annos de martyrio ! Agora

é de mais, senhora !... Chegou a sua vez !... (Com energia)
Restituo-lhe a sua vergonha e quero que me restitua a
minha honra !...

URSULA, avistando Simiane que chega da esquerda

O sr. de Simiane !...

SCENA VIII

Os MESMOS, SIMIANE, depois AMBROSIO,
depois DE LORMEL, e tres individuos mais

MARIA

O sr. Simiane !... Vamos a ver se tambem diz que me
não conhece !

LEONIA, baixo a Simiane, vindo da esquerda

Descobriu-se tudo ! É Maria Aubert !

SIMIANE, com admiração

Maria Aubert !

AMBROSIO, apparecendo á direita

Sim ! Maria Aubert, que eu accusei durante quinze
annos, que ainda ha pouco condemnava... Maria Au-
bert que está innocente !

SIMIANE

Innocente !

MIMI

Meu pae !

MARIA

Ambrosio !

Caem ambas nos braços de Ambrosio.

AMBROSIO

A reparação não é ainda completa. Para que me per-

dões é necessario que eu te vingue. Não foi impunemente que se fez de Maria Aubert uma victima e de Ambrosio um algoz!

SIMIANE

Então quer positivamente a deshonra de uma mulher quando se lhe offerece a vida de um homem!

AMBROSIO

O seu sangue derramado seria apenas mais uma no-
doa no meu nome!

SIMIANE

Que pertende então?

AMBROSIO

Que Maria Aubert, accusada publicamente seja publicamente justificada. Conheço a verdadeira criminosa e pronunciarei o seu nome na presença de todos, se não me der immediatamente uma prova bem evidente da innocencia de Maria.

LEONIA, a Simiane, avistando seu marido e as tres testemunhas que entram

Salve-me!... Salve-me!... Já que me perdeu!...

SIMIANE

Farei o que deseja, Ambrosio. René deixou-me ler no seu coração. Ninguem duvidará da innocencia de Maria Aubert... ninguem terá o direito de suppôr que esta creança e René sejam irmãos. Diante do sr. de Lormel, testemunha de accusação, peço-lhe (A Ambrosio) para meu filho a mão de sua filha.

Movimento geral.

AMBROSIO, abraçando e beijando sua mulher e filha

Maria !... Minha filha !... Poderá o meu amor reparar mal que lhes fiz ?...

SEBASTIÃO, a Ursula

Bravo !... Amanhã começo o meu quadro de familia.

MIMI

E tambem ha de incluir René.

Cae o panno.

FIM.

OS
DOIS SURDOS

COMEDIA EM UM ACTO

DE

JULES MOINEAUX

ACCOMMODADA Á SCENA PORTUGUEZA

POR

A. E. C. M.

E

Representada pela primeira vez em Lisboa, no theatro de D. Maria II,
a 26 de feveiro de 1867

PERSONAGENS

DAMASO.....	PINTO DE CAMPOS.
PLACIDO	C. POKLA.
BONIFACIO.....	BISARRO.
EGLANTINA	MARIA DAS DÓRES.
UM GUARDA RURAL	JOSÉ ANTONIO.
UM JARDINEIRO	LEAL.

ACTUALIDADE

A scena passa-se em uma casa de campo,
a tres leguas de Lisboa

OS DOIS SURDOS

ACTO UNICO

Saleta, dando para o jardim. Uma *console* á direita com uma jarra de flores : outra á esquerda com um candieiro. Porta ao fundo. Outra porta no primeiro bastidor, á direita : outras duas nos primeiro e segundo bastidores, á esquerda. Janella no segundo bastidor, á direita. Por cima da *console* da direita está pendurada uma espingarda. Á esquerda uma mesa com alguns jornaes de modas, livros, papel, tinteiro e pennas. Á direita um *sophá*, uma mezinha de costura, com um cestinho, bordados, uma campainha, etc.

SCENA I

EGLANTINA e depois BONIFACIO

EGLANTINA, lendo sentada ao pé da mesa

Nem a *Delfina do mal* me desenfada ! Desisto... (Atira com o livro para cima da mesa) Ai ! Meu Deus ! Que monotonia ! Que aborrecimento ! (Vai sentar-se no *sophá* e examina as flôres que estão nas jarras) Flores de quatro dias, pelo menos ! Ora vejam isto ! Não sei em que cuida aquelle Bonifacio ! (Toca a campainha : entra Bonifacio com uma carta na mão) Bonifacio, vai immediatamente renovar as jarras ! Tu não vês que flores estas ? !

BONIFACIO

Vou já, menina. (Dirije-se para a mesa) O sr. seu pai ainda não veio, sr.^a D. Eglantina ?

EGLANTINA, levantando-se vivamente

Não. Porque? É alguma visita?

BONIFACIO

Não, minha sr.^a; é uma carta.

EGLANTINA

Uma carta... Logo vi! São as unicas relações de meu pai! Tudo por escripto! N'esta casa desaprende a gente de fallar!

Torna a sentar-se.

BONIFACIO

E é verdade. Está fazendo tres annos que o sr. Damaso ensurdeceu, e nunca mais quiz receber pessoa alguma! (Deita fóra as flôres) Deu-me ordem permanente e inalteravel para despedir todas as visitas, respondendo a quem perguntava por elle... « Não está em casa » e a quem perguntava pela menina... « Não está visivel ».

EGLANTINA

Ah! Bonifacio! Que vida estúpida e semsaborona que eu passo! Como me enfastio aqui!

BONIFACIO, limpando o vidro do candieiro

E então eu, menina?! Eu, que o sr. Damaso tomou ao seu serviço por causa da *laringia*, ou como é que elle diz... em summa pela minha voz volumosa e retumbante, (Descendo) vêr-me obrigado a *conversar* com elle todo o santissimo dia! Que duetto, menina! Tenho de vociferar como um missionario, quando se trata de algum negocio de segredo, e de berrar como um desesperado, sempre que perciso fazer-lhe alguma pergunta. É uma tal empreitada!... Deus me dê paciencia e... boas goellas!

EGLANTINA

Mas... esse celebre medico de surdos, esse especialista allemão, a quem o papá escreveu, já não estará em Lisboa?

Desce.

BONIFACIO

Não sei, menina. Elle nem sequer respondeu á carta do sr. Damaso! Como acabará isto!... Cá por mim já sei a sorte que me espera: dentro em seis mezes, ou me salta fóra a tal *laringia*, que seu pai tanto gabou, ou se me desfazem os pulmões. O timbre da minha voz, de dia para dia se vai tornando mais cavernoso. Já começo a andar rouco, e não tardará que falle só por pantomima... como um palhaço, ou um mudo.

Faz signaes.

EGLANTINA, rindo

Ah! Ah! Ah!

BONIFACIO

A menina ri-se?! Pois olhe que o caso não é para isso!

EGLANTINA

Desculpa. Tenho tão poucos motivos de alegria! Vêr-me enclausurada aos 19 annos, sequestrada completamente á sociedade!

BONIFACIO

Assim é. No logar da menina muito me havia de custar! E então eu que tenho um genio tão violento!

EGLANTINA

Meu pai embirrou em me não casar! Pois comprehendendo-se porventura que, tendo-lhe já pedido a minha

mão seis ou sete pretendentes, alguns d'elles partidos muito vantajosos e que de certo me convinham a todos os respeitos, meu pai os rejeitasse a todos redondamente! ?

BONIFACIO

É verdade! Diz sempre « Não é este o genro que eu phantasiei ». Não é assim que elle diz, menina? É o seu estribilho! Que diabo terá o sr. Damaso *phantasiado* para genro?

EGLANTINA

Eu sei lá! D'esse modo já não haverá um rapaz que queira arriscar-se a pedir a minha mão! Contam todos com uma recusa formal!... (Suspira) Nem, ao menos, aquelle moço tão elegante, com quem o anno passado dancei toda a noite no baile da prima baroneza...

BONIFACIO

Bem sei! A menina já me tem fallado do senhor seu *par*... um bom *par* de vezes! É um janota bem tirado das canellas... veste no rigor da moda... mostra ter educação muito fina... Emfim, pelo que a menina diz, é um modêlo! Se elle a pedisse em casamento...

EGLANTINA, levantando-se e passando para a esquerda

Estou bem certa de que era esse o seu desejo! A maneira porque olhava para mim... as suas delicadas atenções... Porém, constou-lhe provavelmente a resposta que o esperava, e... ter-se-ha resignado! (Bate com o pé no sobrado) Oh! Bonifacio! Morro de aborrecimento! Não imaginas como me enfada esta vida!

BONIFACIO, áparte

Creio! Creio! Está impaciente por casar! (Alto) Ah!

vem o senhor seu pai! Mas... que fiz eu da carta? Ah! Ella cá está.

Toma-a da *console* da direita.

SCENA II

OS MESMOS e DAMASO

DAMASO, entrando vagarosamente e lendo n'um livro

« A surdez é uma das enfermidades mais insupportaveis ao homem... » E é! Sim senhor! Isto é a pura verdade!

BONIFACIO, aproximando-se-lhe

Meu senhor! Meu senhor! Uma carta...

Levanta-a defronte do nariz do amo...

DAMASO

Ah! Estavas aqui, Bonifacio!... E minha filha tambem! Porque me não disseram que tinha vindo esta carta?

Vai assentar-se no sofá.

EGLANTINA a Bonifacio

Será ainda um pedido da minha mão? Se eu podesse lêr por cima do hombro do papá...

Aproxima-se do sofá.

BONIFACIO

Não vale a pena, menina! Não precisa incommodar-se. Eu já sei o costume. Elle lê-me todas as cartas! Como se não ouve, cuida lêr só para si, mas lê em voz natural. É assim que eu conheço todos os seus pensamentos. Pensa em voz alta, julgando que está a fallar lá para os seus botões. É summamente commodo... n'esse ponto!

DAMASO, que abriu a carta e olha para a filha

Curiosa! (Levanta-se) É para mim a carta... só para mim, e talvez contenha assumpto confidencial! (Passa para a esquerda e lê alto) « Meu caro Damaso : creio que encontrei um excellente partido para tua filha ; um moço elegante, bem comportado, com excellente educação, espirituoso, e além d'isso rico! — o que, a meu ver, não prejudica coisa alguma. » (Fecha a carta) Estás mortinha por saber o conteúdo d'esta carta! Pois não o saberás!...

BONIFACIO, baixo a Eglantina

Então, não lh'o dizia eu?

DAMASO, a si mesmo

Pois sim! Terá o meu amigo Thomaz muita razão, mas... não é este o genro que eu phantasiei!

BONIFACIO

Ouve-o? São as palavras sacramentaes!

EGLANTINA, impaciente

Sempre com a tal *phantasia*! É incrível!

BONIFACIO, baixo

Não se impaciente, sr.^a D. Eglantina! Atraz de tempos, tempos vem!...

EGLANTINA

Pois não hei de impacientar-me?! Já se viu coisa semelhante! Toda a vida esta monotonia! Não entra aqui uma figura humana... e o papá embirrando em não me casar! Oh! É mister que isto acabe por uma vez... e ha de acabar! Ha de acabar, que t'o digo eu!

BONIFACIO, áparte, tomando a jarra de cima da mesa

E já não é cedo! Bravo! que a pequena assanhou-se: está como uma bicha!

São pelo fundo.

SCENA III

DAMASO, só, retomando o livro

« A surdez é uma das enfermidades mais insupportáveis... » (Interrompendo-se) Todavia já teve para mim alguns encantos... enquanto viva minha mulher, Deus lhe perdôe! A dureza do meu ouvido punha-me ao abrigo dos seus berros desentoados! (Sorriso de satisfação) Coitada! Foi o que deu cabo d'ella! Conheceu que com os seus ralhos e vociferações não lograva ferir-me o tympano, e... um bello dia... em um accesso de ira concentrada... *crac*... adeus mulher! Porém, agora, que — graças á Providencia! — estou viuvo, confesso que me seria muito agradável ouvir bem. (Suspira) A minha cura foi apprehendida por varios medicos, mas todos fizeram *fasco*! Já não quero nada com allopatas, nem com homœopatas: dispensava-lhes as *patas*, a troco de mais sciencia para me livrarem d'esta maldita enfermidade! Tive esperanças n'um celebré charlatão estrangeiro, que por ahí se apregooou como infalível na cura instantanea da surdez, ainda a mais rebelde, por um processo *electro-acustico-galvanico*: — é isso... *electro-acustico-galvanico*! — escrevi-lhe para que viesse a esta aldeia, mas não veio, nem sequer teve a delicadeza de responder! Consultemos o livro! (Lê) « É preciso examinar se a membrana do tympano é espessa e perfurada, se os ossinhos do ouvido existem ainda... »

(Mette o dedo minimo no ouvido) Creio que sim... cá sinto os taes ossinhos! (Lê) «Se a trompa de Eustaquio está obstruida...»

(Interrompendo-se) O que? A trompa de Eustaquio! Terei eu a dita trompa obstruida? Ora esta! Vou perguntal-o ao Bonifacio. (Chamando) Bonifacio!... ó Bonifacio!

Continúa a lér.

SCENA IV

DAMASO e **BONIFACIO**, que entra ás ultimas palavras e deixa cair a jarra que traz na mão, a qual se quebra no sobrado

DAMASO, sem se voltar, chamando outra vez

Bonifacio!

Continúa a ler.

BONIFACIO

Não ouviu nada! É sempre assim, benza-o Deus! É um regalo quebrar alguma coisa! Elle não dá por isso!

DAMASO, gritando, mas sem tirar os olhos do livro

Bonifacio!

BONIFACIO

É creatura com quem a gente não se incommoda! É o que tem de bom. Eu, cá por mim, estou ao pé d'elle tanto á vontade como se estivesse sósinho no meu quarto!

DAMASO

Bonifacio!

BONIFACIO

Pois sim, cança-te! Vai gritando, que eu só te responderei quando tiver apanhado os cacos. (Deita os cacos pela janella) Agua vai!...

DAMASO, levantando-se

Bonifacio! Onde estará elle mettido?! É perciso que eu

vá procural-o!... (Vê Bonifacio ao pé da janella, e grita-lhe ao ouvido)
Bonifacio !

BONIFACIO, dando um salto

Credo ! Vai para o diabo que te leve, bruto dos quintos !

DAMASO

É a quinta vez que te chamo ! Tu estás surdo ? !

BONIFACIO

Pois não, meu palerma !... Eu é que estou surdo !

DAMASO

Hein ?

BONIFACIO, cantarolando

Está dito então, tão... tão... tão... tão...

DAMASO

Não percebo !

BONIFACIO

Me gustan todas... me gustan todas... pero esta Rubia me gusta más ! E agora ?

DAMASO

Falla mais alto !

BONIFACIO

Ah ! Queres outra, meu lagarto ?

Canta.

Foi o padre capellão
Quem de dentro respondeu
Secegue tia Anastacia,
O gato não se perdeu !

Foi bonito ?

DAMASO

Ah! sim! É possível. Ora, anda cá; aproxima-te e examina se tenho obstruída a trompa de Eustaquio...

BONIFACIO, surprehendido

Eustaquio! Qual Eustaquio? O rapaz que guarda as vaccas?!

DAMASO, offerecendo a orelha

Vê lá...

BONIFACIO

Que veja eu!... O que? (Gritando) O que?

DAMASO

Dentro do ouvido... a trompa de Eustaquio!

BONIFACIO

Está maluco! Pensa que tem uma trompa dentro do ouvido!

DAMASO

Vês alguma coisa?

BONIFACIO, olha, pegando-lhe na barba e na cabeça

Eu não vejo nada!

DAMASO

Que dizes?

BONIFACIO, gritando

Nada!

DAMASO

Ó Bonifacio, parece-me que se te vai enfraquecendo o órgão vocal! A tua voz já não tem o alcance que d'antes tinha!

BONIFACIO

Vou agora mandar raiar as goellas... como uma peça de artilheria.

DAMASO

Paciencia ! Gosto de ti porque és um rapaz esperto...

BONIFACIO

Olá se sou !

DAMASO

E dedicado...

BONIFACIO

Isso é que não !

DAMASO

Estimo-te porque te identificaste com a minha pessoa, a ponto de me adivinhares os pensamentos !

BONIFACIO

Ah ! Isso é uma grande habilidade !

DAMASO, a si mesmo

Ora, vejamos que hei de eu comer hoje, que me regale?... Um ou dois perdigotos ! (Alto) Ó Bonifacio, sabes o que eu quero para o jantar ?

BONIFACIO, gritando-lhe ao ouvido

Perdigotos !

DAMASO, estupefacto

Maravilhoso ! Adivinhou-me o pensamento ! Tirou-me a palavra da bocca... mesmo quando ia a solta-la ! É admiravel ! Bonifacio, hei de recompensar os teus serviços : serás contemplado no meu testamento ; — não te digo por'ora como, mas prometto-te que o serás !

Senta-se ao pé da meza e continúa a ler.

BONIFACIO

Com 600\$000 réis — já o sei. Tiveste o cuidado de o pensar alto diante de mim. E persuade-se este pateta que o aturava se não fôsse o legado !

GRITOS, fóra

Agarra !... Agarra !...

BONIFACIO

Que barulho é este ?

Corre á janella.

DAMASO

Conformo-me plenamente com a tua opinião (Sente-se um tiro: Damaso cuida ser um espirro de Bonifacio) *Dominus tecum !* Onde apanhaste esse defluxo ?

BONIFACIO

Cuida que espirrei ! (Ri) Não foi mau espirro ! Mas... quem andarás aos tiros dentro da quinta ? ! (Olhando novamente) Ora esta ! Que tal está o desaforo ! (Gesticulando para fóra) Eh lá ! Ó patrõesinho ! Eh lá ! Olhe que está n'uma propriedade particular ! Não se entra aqui como villão por casa de seu sogro ! Isto não é roupa de francezes ! Não ouve ? Eh lá !...

DAMASO

A quem estás tu a fazer gestos da janella abaixo ?

Vai á janella.

BONIFACIO, apontando-lhe

Olhe ! É um caçador !... Ou antes um larapio de caça, que os criados perseguem, e que foge quebrando as paliçadas, pisando os alegretes, saltando por cima dos canteiros... Ai, que maroto ! Olá... ó seu caçador de má morte !...

Ruido de vidros quebrados e de madeira estalando.

DAMASO

Ai... o maldito! Dá-me cabo de tudo! As redomas, que cobriam os melões, já estão em migalhas! O guarda persegue-o, mas ainda o não apanhou. Oh! Lá entra na estufa! Alli é que é cercal-o! Às armas! Às armas, Bonifacio! Dá cá a espingarda! Ah! Eil-a alli.

Vai buscal-a.

BONIFACIO, pegando na vassoura

Prompto, meu amo! Vamos a elle!

DAMASO

Á estufa, Bonifacio!... Á estufa!

BONIFACIO

Passe v. s.^a adiante...

Damaso sáe primeiro, pelo fundo, á esquerda. Bonifacio segue-o. Ouve-se o estrondo d'um movel que cáe, e entra Placido precipitadamente pela 2.^a porta á esquerda, com uma espingarda çaçadeira na mão.

SCENA V

PLACIDO, só

Parece-me que fugiu para aqui! (Entra vestido de çaçador, mas na maior desordem; fecha a porta; caminha com precaução, curvado e com o dedo no gatilho da espingarda; percorre a sala, olhando por baixo dos moveis) Não o vejo! Nada.. nem sombras d'elle! Onde se metteria? (Põe a espingarda sobre a mesa, limpa o suor e senta-se) Pois era um coelho que valia bem dois patacos! Qual?... valia um tostão pelo menos! Foi-se: paciencia! Mas... qual paciencia, nem meia paciencia! Perdel-o, depois d'uma estopada d'estas! Para o çacar... ou antes para o não çacar, levantei-me de madrugada, e vim para o campo. Não tinha ainda andado meio kilometro,

e já o Melampo me levantava um coelho... o animalejo em questão! Ponho a arma á cara... *cha-péo!* O coelho partiu, mas o chumbo é que não partiu atraz d'elle! Deito a correr em seguimento do bicho, sem o perder d'olho e indo ao mesmo tempo pondo outro fulminante; vejo-o embrenhar-se n'uma moita... ao tempo que passava um saloio de varapau; grito-lhe de cá... ao saloio, não foi ao coelho... «Bate esse matto; ganhas cinco tostões»... e isto por um coelho que valia seis vintens... ou, quando muito, sete! O camponio bate com o cajado e faz sair o animal; o meu cão torna a tomar-lhe o rasto, e persegue-o de perto... o coelho, não o saloio; aponto e... *pum!* D'esta vez partiu o tiro, e partiu tambem o coelho: só ficámos eu, o saloio e o Melampo! Eu, com cara d'asno; o saloio, a rir a bandeiras desprezadas; e o meu cão (*suspira*)... esse, coitado,... não partiu porque estava morto! Levou toda a carga na cabeça! (*Suspira*) Um cão que valia cinco libras!... E tudo por causa d'um maldito coelho, que mal valia oito vintens! Dei a corôa ao saloio, que se não fez grave; derramei uma lagrima de saudade sobre os restos mortaes do Melampo, e tornei a carregar... Eis senão quando, n'uma volta da estrada, avisto novamente o meu coelho, mas... fóra do alcance do chumbo! Deito a correr na direcção que elle levava... e o endiabrado roedor obriga-me a um *marche-marche* de duas leguas... até que cahi extenuado de fadiga e de somno! Fecham-se-me os olhos, e minutos depois eu perseguia ainda o meu coelho... mas em sonhos, o que realmente é menos fatigante! Julgava-me nos Pyrinéos; o coelho... saltando montes e valles, e eu sempre atraz d'elle! Atravessou

toda a Hespanha... e eu tambem! Pouco me importava!... Era em sonhos! Chegamos a Gibraltar; elle salta ao mar, eu salto igualmente; mas... não sei se foi pelo frio da agua, ou se pelos movimentos da natação, o caso é que despertei sobresaltado, e... que hei de eu ver, logo que abri os olhos?! Adivinhem, se são capazes!... O meu coelho, roendo pacificamente um talo de couve... e isto a tres metros de distancia da minha espingarda! Era um sarcasmo pungente... uma provocação audacissima! Levanto-me furioso; agarro no instrumento de morte, e recomeço na perseguição do meu phantastico coelho; elle salta uma paliçada; eu salto atraz d'elle; elle cáe sobre as patas dianteiras, e eu cáio da mesma sorte; porém elle firma-se nas trazeiras, e eu, privado de eguaes vantagens physicas, dou uma volta, e firmo-me... no espinhaço! N'esse momento sinto clamores, e reparo em não sei quantos homens que correm sobre mim com enchadas, gadanhos, alviões, forcados, manguaes, roçadouras, etc., etc., finalmente um arsenal aratorio completo! Então... perco a cabeça... e perco tambem de vista o meu coelho, que suppuz ter-se enfiado por esta casa dentro! Enquanto fujo aos saloios, que me perseguem, persigo o coelho, que me foge... persigo-o com raiva! Chego aqui, depois de ter feito um destroço dos meus peccados... mais de vinte libras de estrago!... Naturalmente terei de as pagar, o que... feitas as contas a tudo... prefaz um total de 113\$000 réis, além das custas d'uma acção de perdas e damnos, com a competente multa, que pôde calcular-se em dezoito ou vinte libras; sommando assim a extravagancia d'esta manhã... conta redonda

200\$000 réis, em bom metal sonante... por um coelho que não cacei; e o qual, mesmo caçado, valeria... o muito... o muito... 200 réis! É negocio d'um por mi-lhar! (Bulha dentro) Mau!... Elles ahí vem! Toca a safar... não ha remedio!...

Pega da espingarda, corre para a porta do fundo, e acha tomada a passa-gem por Damaso, que entra com o jardineiro; recúa, corre á 2.^a porta da esquerda, e dá de cara com Bonifacio; dirige-se á outra porta, e en-contra-se com um guardador, armado de chuço.

SCENA VI

O GUARDA, PLACIDO, BONIFACIO, DAMASO,
o JARDINEIRO com um forcado na mão

GUARDA

Eil-o cá está!

JARDINEIRO

É este mesmo!

DAMASO

Está bloqueado! Agarrem-n'ó!

PLACIDO

Hein? Bloqueado!...

Tenta escapar-se.

GUARDA, agarrando-o pelas abas da ingleza

Está preso! Largue a espingarda!

Placido quer reagir, mas cede em presença da attitude do jardineiro que lhe encosta as pontas do forcado ao peito.

PLACIDO

Está dito. (Aparte) Evitemos maior escandalo! Agora é que eu estou arranjado!

DAMASO

Então o senhor teve o atrevimento de introduzir-se na minha quinta, forçando a paliçada, e de vir disparar tiros mesmo debaixo da janella do meu quarto ?!

BONIFACIO

Com o risco de chumbar o patrão... ou outra pessoa !

DAMASO

Ha de ir á policia correccional... Olé !

PLACIDO, áparte

Venha de lá mais essa ! Maldito coelho !

DAMASO, gritando

Como se chama ?

GUARDA

O seu nome ?

BONIFACIO

Não ouve ?! Diga o nome...

PLACIDO

Meus senhores, eu... se vim aqui...

BONIFACIO, ao ouvido de Damaso

Seviancki ! Chama-se Seviancki ! Naturalmente é um polaco.

PLACIDO, áparte

Polaco ! E esta ! Vá lá... serei polaco : era a que me faltava !

BONIFACIO a Placido

Eu bem lhe gritei, cá da janella : « Não se pode en-

trar... é uma propriedade vedada, não é logradouro
commum »... mas, era o mesmo que fallar a um surdo !

PLACIDO, áparte

Surdo ! Este velhaco suscita-me uma idéa...

DAMASO

Que diz elle ?

BONIFACIO

Não diz nada ! (Ao ouvido) Nada !

PLACIDO, áparte

Talvez pegue ! Ensaie mos. (Alto) Senhores, peço-lhes...

DAMASO

O que disse elle ?

PLACIDO, fazendo signal de escrever com o dedo na palma da mão
Uma folha de papel...

BONIFACIO, surprehendido

Para que ?

DAMASO

Que diz elle ?

BONIFACIO, gritando

Pede papel !

DAMASO

Não ouvi...

PLACIDO, olhando para a mesa, vé o papel e tinteiro,
e vai sentar-se a escrever

Ah !

BONIFACIO

A quem irá elle escrever ? !

PLACIDO, levanta-se e dá o papel a Bonifacio

Tome lá ! (Áparte) Que parvoice a minha ! Aceito o papel de surdo, mas não o de mudo !

BONIFACIO, dando o papel a Damaso

Leia v. s.^a !

DAMASO

Que vem isto a ser ? Como elle escreve mal ! (Lendo)
« Meu senhor, desculpe o não lhe responder, pois sou victima de uma completa surdez ! » (Com alegria) Surdo !
É surdo !

GUARDA

Surdo !

BONIFACIO

Surdo !.

DAMASO

Então, seriamente o senhor é surdo ? (Mimica) Surdo ?

PLACIDO, afirmando por mimica

Sim senhor !

DAMASO

Surdo ! Ah ! Bonifacio, é o genro que eu tinha phantasiado !

Ri-se com satisfação.

BONIFACIO

Ora essa !

PLACIDO, áparte

Bravo ! Agora ri-se ! Já se vê que gostou... Estou mais tranquillo.

DAMASO, a si mesmo e mirando Placido

E não se apresenta mal este moço !... (Alto) Deixem-

nos sós! (Para o guarda) Desculpe, sr. Barnabé: eu respondo por tudo. Tenho que conversar em particular com este cavalheiro!

BONIFACIO

Em particular! Não ha de ser mau! Aposto que se ouve na cidade!

Sáem o jardineiro e o guarda.

DAMASO, a si mesmo

É exactamente o genro que eu havia phantasiado!

BONIFACIO, áparte

O genro que elle phantasiou! Um damnado de um surdo! Outro surdo em casa! Dois é que eu não aturo!

DAMASO, a Placido

Tenha a bondade de sentar-se! (Placido não se mexe) Que ventura! Não ouve nada... mesmo nada! (Mais alto) Queira assentar-se! (Mimica)... assentar-se!

PLACIDO, áparte

Melhor! Agora mimoseia-me com as suas atenções! Merecer-lh'as-hei na qualidade de surdo, ou na de polaco? Sempre era bom saber-se...

DAMASO, áparte

Boa phisionomia!... Figura elegante!...

Faz-lhe novamente signal para sentar-se.

PLACIDO

Depois de v. s.^a...

Mostrando o sophá.

DAMASO

Como?...

PLACIDO

Só depois de v. s.^a...

Mimica.

DAMASO

Ah! (áparte) E é muito bem educado!

Assentam-se ambos.

BONIFACIO, áparte

Ora os meus peccados! Não me dirão o que eu hei de fazer á minha vida com dois espantalhos d'estes?!

DAMASO

V. s.^a admira-se naturalmente da minha benevolencia... da minha subita affabilidade; pois fique sabendo que, pela sua enfermidade, inspira-me o mais subido interesse!

PLACIDO, áparte

Ah! É na qualidade de surdo que me torno interessante! Que boa lembrança eu tive!...

Bonifacio tem-se approximado.

DAMASO a Bonifacio, levantando-se

Que disse elle? Oh! Com mil demonios!... E se não fôr solteiro?!... (A Placido) O sr. é celibatario?

Estende-lhe a orelha.

PLACIDO, áparte

É celebre a pergunta! Que se importa elle com isso? De certo não pretenderá casar comigo!

BONIFACIO, áparte

Oxalá que seja pai d'uma duzia de filhos, pelo menos!
(A Placido, gritando) V. s.^a é casado... pois não é?

PLACIDO, gritando tambem

Não senhor!

BONIFACIO

Raios te partam ! Tem a desfachatez de ser solteiro, este patife !

DAMASO, com alegria

Pelo mexer dos labios, pareceu-me que disse « não ». (A Placido, gritando e gesticulando) O sr. é solteiro ?... (Mais alto) solteiro ?

PLACIDO

Sou, sim sr.

DAMASO, estendendo a orelha

Que foi o que disse ?

PLACIDO, impacientado, mas gritando mais

Disse que sim... que sou solteiro. Sáfa, que é surdo como uma parede mestra !

DAMASO

Parece-me que disse « sim » (Levantando-se com alegria) Solteiro ! É um genro que me cáe das nuvens ! (Alto, tornando a sentar-se) V. s.^a quer dar-me a honra de jantar comigo ?

PLACIDO, áparte

É amavel este velhote ! (Gritando-lhe ao ouvido) Aceito com alegria !

DAMASO

Ao meiodia ? ! Quer jantar ao meiodia ! Lá me parece muito cedo ! Não importa : como almocei pouco... (Puxa do relógio) Bonifacio ! Que apressem o jantar : põe tres talheres, e que venha a sopa para a mesa ao meiodia, e não ás duas horas, como é costume !

BONIFACIO, inclinando-se

Pois sim, velho javardo!

DAMASO

Vai tratar d'isso, anda, meu rapazola!

BONIFACIO

Lá vou; não tenhas pressa, grande basbaque!

DAMASO

Já são onze e um quarto: não percas tempo, vai...

BONIFACIO

Se não fôra o legado, que me prometteste, já ha muito que te tinha mandado pentear macacos, meu rhinoceronte desdentado...

DAMASO

Bem o sei! Bem conheço a tua dedicação, meu Bonifacio!

Este sáe pelo fundo, resmungando outra insolencia.

SCENA VIII

DAMASO e PLACIDO, sentados

PLACIDO

Então v. s.^a tolera este insolente?

DAMASO

É verdade! É um excellente rapaz, muito dedicado, muito attencioso... a perola dos creados!

PLACIDO

Bem se vê! Realmente, este cidadão ouve tanto como um frade de pedra.

Damaso levanta-se, fecha a janella, tirando a espingarda, que lhe deixára

encostada ; vai fechar a porta do fundo, e põe a espingarda a um canto. Placido segue estes movimentos com inquietação.

DAMASO, tornando a sentar-se

Agora, meu caro sr., conversaremos (grita) confidencialmente!

PLACIDO

Se é este o diapasão das suas confidencias, vou ficar rouco... e com enxaqueca para oito dias!

DAMASO

Meu amigo, eu sou muito franco: « Pão... pão, queijo... queijo! » — é a minha maxima. E por isso devo fazel-o sciente de que, se o convidei para jantar, não foi... para comer...

PLACIDO, áparte

E esta! Então para quê?!

DAMASO

Se o sr. fôsse casado, tel-o-hia mandado para a cadeia ; porém, como é solteiro, o caso muda muito de figura!

PLACIDO, áparte

Cada vez entendo menos!

DAMASO

O sr. é solteiro, e eu sou pai d'uma filha... casadoira. Verdade é que ignoro ainda se o sr. lhe agrada...

PLACIDO, áparte

Deus tal não permitta!

Pegã no chapeo, que havia posto sobre o velador.

DAMASO

Mas o factó é que me agrada a mim! Convém-me

este casamento, e... sem mais rodeios, offereço-lhe a mão de minha filha.

PLACIDO, levantando-se estupefacto, áparte

Esta agora é melhor! Naturalmente a rapariga, se não é surda como o pai, é vesga ou corcunda!...

DAMASO, levantando-se tambem

Cincoenta mil crusados de dote...

PLACIDO, áparte

Então, decididamente, é porque tem duas corcundas... como um dormedario! (Alto e cumprimentando) Meu sr...

DAMASO, retendo-o

Espere! Vou explicar-me: Eu tinha uma idéa fixa. Podia v. s.^a ser formoso como Apollo, ou rico como o barão de Rotschild, e comtudo, se não tivesse a qualidade que me seduz, não o convidaria, nem tão pouco o acceitaria jámais para meu genro. Porém... Tenha a bondade de seguir o meu raciocinio!

PLACIDO

Faço a diligencia...

DAMASO

V. s.^a não notou talvez que eu sou... alguma coisa duro do ouvido?

PLACIDO

Era difficil de notar!

DAMASO

Pois sou; sou um pouco surdo... é verdade!

PLACIDO

Palavra d'honra?!

DAMASO

Hein?

Faz corneta acustica com a mão.

PLACIDO, gritando muito

Acredito por m'ó asseverar!

DAMASO

Para me curar? Tenho consultado muitos medicos, mas debalde! Voltando porém ao meu raciocinio: Eu vivo n'esta quinta, isolado com minha filha. Ella só me vê a mim, só falla comigo...

PLACIDO, áparte

Deve divertir-se immenso!

DAMASO

Imagine o sr. a triste vida que eu passaria entre minha filha e um genro, como se me tem offerecido tres duzias... um homem no perfeito uso dos seus ouvidos! Ella e elle conversariam entre si, como duas pessoas que ouvem bem, de sorte que, para eu não ficar absolutamente em jejum, e morrer para ahi de semsaboria, teria de gritar-lhes constantemente: «Hein?... Mais alto!... Que estão dizendo?» Era impossivel! Tornar-nos-hiamos reciprocamente insupportaveis! Ao passo que, tendo um genro surdo como v. s.^a... (com ar de satisfação) que é ainda mais surdo do que eu, não se dava tal inconveniente! Como todos os surdos, o sr. fallaria muito alto com minha filha; ella teria de responder-lhe na mesma affinação, e assim faria eu necessariamente

parte da conversa, sem esforço, sem me incomodar, e sem o impertinente auxilio d'um porta-voz. Percebe, agora a minha idéa?

PLACIDO, áparte

Soberba, sim sr. !... É magnifico de egoismo este papá !
Bonifacio entra pela porta da esquerda com um bilhete de visita na mão.

DAMASO, estendendo-lhe a mão

Toque!... Está dito então ! O sr. terá uma mulher bonita, elegante, espirituosa... e, em summa, adoravel !

BONIFACIO, furioso, áparte

Bonito ! Estou condemnado a aturar dois estafermos de dois surdos !

PLACIDO, áparte

Como assim ! Pois ella não é surda, nem corcunda, nem torta ? !

DAMASO

Antes de apresental-o a minha filha, não será fóra de proposito que v. s.^a componha o desalinho da sua *toilette*. Quero que agrade logo á primeira vista, e a encadernação faz muito ao caso ! Estou certo de que agradará, pois assim o desejo ! (Mostrando-lhe a primeira porta á esquerda) Entre no meu quarto, e arranje-se, faça-se bello... conquistador... irresistivel !

PLACIDO, áparte

Tudo isto será muito bom, mas eu não vinha preparado para um casamento á queima-roupa ! Deu-me na telha fingir-me surdo, e agora não vejo meio de livrar-me d'esta entalção ! Maldito coelho !

DAMASO, empurrando-o para o quarto

Entre, não faça cerimonia: lá tem escovas, pente, collarinhos (Gritando) e estojo de barba.

Placido entra admirado.

SCENA IX

DAMASO e BONIFACIO

DAMASO, exultando

Eu bem sabia que havia de encontrar, mais hoje mais amanhã, esse genro que tinha phantasiado! (A Bonifacio) Ah! És tu? Põe a meza quanto antes, e não te esqueças de que somos tres... eu, minha filha, e o seu futuro marido. É negocio feito! Offereci-lhe a mão de Eglantina... e elle acceta. Está lá dentro a embonecar-se, a fazer-se formoso... (Ri) Que trazes ahí? Um bilhete!

BONIFACIO

D'um sujeito que mandei entrar para o escriptorio, meu... sendeiro podre!

DAMASO, pondo os oculos e lendo o bilhete

Justos ceos!

BONIFACIO, assustado

Que será?

DAMASO

É elle!... Elle!...

BONIFACIO

Elle... quem?

DAMASO

Vou já! Oh! Bonifacio! Hoje é para mim um dia de venturas!

São correndo pela porta da esquerda.

SCENA X

EGLANTINA, entrando vivamente pela direita, e vendo sair o pai
Que terá o papá esta manhã?!

BONIFACIO

O que tem? Descobriu o melro branco dos seus sonhos, ou — melhor diria — a coruja dos meus pezadellos! A menina bem sabe... o tal genro *que elle havia phantasiado!*

EGLANTINA

Sim! E então?

BONIFACIO

E então... já o caçou!

EGLANTINA

Ah! Meu Deus!... Mas onde está elle?

BONIFACIO, apontando

Acolá... n'aquelle quarto, enfeitando-se para agradar-lhe.

EGLANTINA

Já o viste?

BONIFACIO

Vi, sim, minha sr.^a.

EGLANTINA

É joven?... elegante?... bonito?

BONIFACIO

Olhe, sr.^a D. Eglantina: a menina lembra-se de ouvir fallar do sacrificio d'Abrahão?

EGLANTINA

Lembro ; mas que analogia póde haver ?...

BONIFACIO

Pois o sacrificio d'Abrahão fica a perder de vista ao pé do que seu pai lhe prepara !

EGLANTINA

Queres assustar-me !

BONIFACIO

A menina acha que o sr. seu pai, na qualidade de surdo, deixa alguma coisa a desejar ? É uma perfeição... não é assim ? Pois bem ; ainda ha obra, n'esse genero, mais bem acabada !

EGLANTINA

Que queres dizer ?

BONIFACIO

Quero dizer que, em comparação com o noivo da menina, seu pai ouve maravilhosamente... sentiria tocar os sinos em Roma !

EGLANTINA

Ah ! Meu Deus ! Que horror !...

BONIFACIO

É como lhe digo ! É assim mesmo o genro que elle havia phantasiado ! Eis o marido que o papá lhe reserva para embellezar a sua existencia !

EGLANTINA

Oh ! Mas eu não consentirei em tal ! Fazer-me esperar tanto tempo para... Oh ! Não quero ! Não... mil vezes não !

BONIFACIO

Faz muito bem, sr.^a D. Eglantina! Tenha firmeza! Seja homem! Não se póde dispensar o seu consentimento, portanto recuse-o!

EGLANTINA

Jámais o darei!

BONIFACIO

E trate de me pôr ao fresco aquelle sr., que alli está dentro, dando o laço na gravata e escanhoando a tromba, como se estivesse já em sua casa!...

EGLANTINA

Immediatamente! Ah! Não me conhecem! Tenho mais resolução do que pensam! Por mal ninguem me leva! Não casarei contra vontade de meu pai, mas não consentirei tambem que me casem contra a minha vontade!

BONIFACIO

Bravo! Muito bem! Nem mesmo se faz mister que o intruso cá jante. A sr.^a D. Eglantina bem podia dar-lhe o desengano formal antes da sopa!

EGLANTINA

De certo! É logo que o veja...

BONIFACIO

Então vou chamal-o (Chamando á porta da esquerda) Sr. Se-
viancki! Sr. Seviancki! (A Eglantina) Demais a mais é
um polaco! (Continúa chamando) Sr. Seviancki! (Gritando muito)
Uma pessoa, que deseja fallar-lhe...

SCENA XI

OS MESMOS e PLACIDO

PLACIDO, saindo do quarto e vendo Eglantina

Ah! Meu Deus! É ella!...

Vai para Eglantina.

EGLANTINA

Que vejo! O sr. Placido!?

BONIFACIO

Olá!... Acharam-se conhecidos!?

EGLANTINA

O meu par da walsa!

PLACIDO

A minha interessante walsista!

BONIFACIO, desce

Ah! Pois é este!?...

EGLANTINA a Bonifacio

Este sr. não é surdo, nem polaco!... Que estiveste tu para ahí a tagarellar?

PLACIDO, áparte

Adeus! Adeus!

BONIFACIO

Polaco não será, mas surdo!... É como o lagarto da Penha de França! Quer a menina vê?...

PLACIDO

E não poder eu prevenir este maldito lacaio!

BONIFACIO, com voz natural

O sr. agradou ao sr. Damaso; não obstante, a sr.^a D. Eglantina vai mandar-lhe ensinar a porta da rua...

PLACIDO, áparte

Como se entende isto ?!

EGLANTINA, vivamente, como reprehendendo-o

Bonifacio !...

BONIFACIO

Não tem duvida ! Não ouve nada ! (A Placido) E portanto... é pegar no casquete e pôr-se a andar, que já não vai sem tempo !

PLACIDO, áparte

Que supremo goso eu teria em applicar a este insolente um pontapé bem puxado ! (Alto) S. ex.^a é summamente benevola em acolher a minha sollicitação de um modo tão favoravel !

BONIFACIO, rindo

Vê ? E que tal ? Ah ! Ah ! Ah !

EGLANTINA, severamente

Bonifacio !

BONIFACIO, continuando a rir

Pensou que lhe estavam dirigindo um cumprimento... e ficou todo lisongeadado ! Ah ! Ah ! Ah !

PLACIDO, áparte

Deixa estar tratante, que as não deitas em cesto rôto !

EGLANTINA

É singular ! Quando o encontrei no baile da prima Baroneza não era surdo !

BONIFACIO

Não ?!

PLACIDO, áparte

Mau ! A situação complica-se... (Alto a Eglantina) Minha sr.^a, fui victima de uma imprevista desgraça, pouco depois da noite em que tive a honra de dançar com v. ex.^a Cahi de um cavallo, feri-me na cabeça, e fiquei com esta horrivel enfermidade. Não ouço nada !

EGLANTINA

Pobre rapaz ! Mal empregado !...

PLACIDO

Não ouço, é verdade ! Não ouço os indifferentes, mas creio que ouviria a v. ex.^a, cuja recordação ficou tão profundamente gravada na minha memoria... e na minha alma ! Os meus olhos, contemplando com enthusiasmo esse rosto encantador, perceberão tudo, comprehenderão maravilhosamente !... Oh ! Falle, minha sr.^a... falle !... e o pobre surdo ouvirá !

EGLANTINA, commovida

Será possível ? !

PLACIDO

V. ex.^a disse « Será possível » Não foi ?

EGLANTINA

É exacto !

PLACIDO

Percebi pelo movimento dos labios ! Eu tenho feito um estudo particular sobre os labios... das mulheres bonitas.

BONIFACIO

Que historia é esta ? ! Então elle ouve pelos olhos ?... Naturalmente vê pelos ouvidos !

Sobe.

PLACIDO, áparte

Este diabo não se safará d'aqui ?

BONIFACIO, voltando

Ora ! Se advinhou o que a menina disse, foi por acaso... mero acaso !

EGLANTINA

Creio que sim ! Tens razão (A si mesma) É pena ! Porém, eu hei de passar toda a vida com um marido surdo ? Oh ! Isso não ! É impossivel !

São com vivacidade.

PLACIDO, seguindo-a até á porta

Então... deixa-me só ? !

BONIFACIO, rindo

Pois que pensavas tu, meu badameco ? Imaginavas que ella ficaria aqui a aturar-te ? Como vinhas lampeiro ! Forte entrujão !

Placido dá-lhe um grande pontapé no posterior.

SCENA XII

PLACIDO e BONIFACIO

BONIFACIO

Hein ? Que é lá isso ? !

PLACIDO, perseguindo-o em volta da meza

Eu te digo se sou entrujão ; toma ! (Outro pontapé) Eu te ensino quem é o badameco ; toma !...

Outro pontapé.

BONIFACIO, assustado

Então elle ouviu ? ! Não é surdo !

Vai sentar-se no sophá.

PLACIDO, fazendo-o levantar por uma orelha

Chut ! Bico calado ! Sim ; oiço perfeitamente... para ti... e para ella ; mas continuo a ser surdo para o sr. Damaso. Se me denuncia, se soltas a mais leve piada a este respeito, digo-lhe a maneira porque o tratas, e depois arranco-te ambas as orelhas. Entendes ? Eu bem ouvi as insolencias que dirigiste a teu amo, patife !

BONIFACIO

Ó meu sr., por quem é, não lhe diga nada ! Não me deite a perder ! O patrão quer contemplar-me no seu testamento... e v. s.^a não terá tão mau coração, que queira arrojar á miseria um pobre rapaz !

PLACIDO

Pois bem ! N'esse caso, silencio... por silencio !

BONIFACIO

Está dito ! E demais, sr. Seviancki, desde que sei que v. s.^a tem bons ouvidos, muda o negocio de figura. Tomára eu que v. s.^a casasse com a sr.^a D. Eglantina ! Convém-me perfeitamente !

PLACIDO

Bom é isso.

DAMASO, fóra

Bonifacio ! Bonifacio !

BONIFACIO

Ahi vem meu amo. Cautella com elle ! É malicioso e desconfiado como um orango-tango ! Se v. s.^a se descuida, está o caso transtornado !

PLACIDO

Descança. Para conquistar a mão da sr.^a D. Eglantina serei de chumbo, serei de marmore... em summa, um tiro de peça não me fará voltar a cabeça. Verás!

DAMASO, dentro

Bonifacio! Bonifacio!

BONIFACIO, subindo á scena com Placido

Está impaciente pelo jantar. Eu vou á cosinha, e v. s.^a desça para o jardim. Mas... quando eu tocar a campainha, não ouça!

PLACIDO

Fico sciente. (Voltando) Olha cá!... Mas eu não almocei e tenho fome a valer!

BONIFACIO, empurrando-o

Não tem duvida... eu irei buscal-o.

Sáem ambos pelas duas portas do fundo, e Damaso entra pela da esquerda mostrando a maior alegria

SCENA XIII

DAMASO e depois EGLANTINA

DAMASO, só, com enthusiasmo

Oh! prodigio dos prodigios! Oh! milagre da sciencia! Oh! grande homem! Cantando espalharei por toda a parte o teu nome preclarissimo, incomparavel Empirico! E tambem o teu maravilhoso *electro-acustico-galvanismo!* Já ouço! Já tenho os meus ouvidinhos no exercicio regular das suas importantes funcções! Que jubilo!

EGLANTINA, entrando pela porta da direita

Ah! É o papá? Estava fallando sósinho?!

DAMASO, com expansão

Oh! Querida filha, vem abraçar-me! Sou feliz... muito feliz! Outra vez! Ainda outro abraço! Prepara-te para uma agradável surpresa!

EGLANTINA, tristemente

Ora! Já sei...

DAMASO

Como! Pois sabes que já não sou surdo?!

EGLANTINA

Já não é surdo!... O papá!?

DAMASO

Não. Estou curado, perfeitamente curado, em menos de um quarto de hora! Veio o grande homem!... O insigne Empirico fez, em poucos minutos, o que não souberam fazer em tres annos todos os alopathas, homœopatas e raspalhistas, nacionaes e estrangeiros, que me limparam as algibeiras, deixando-me entupidos os ouvidos! Viva o grande homem!

EGLANTINA, com explosão

Viva! Oh! Que felicidade!

DAMASO, tapando os ouvidos

Mais baixinho! Mais baixinho! Alegra-te, folga, mas com menos ruido! Eu ouvia pouco, mas agora... creio que ouço de mais! Os meus tympanos estão d'uma sensibilidade!... d'uma sensibilidade!... d'uma sensibilidade!...

EGLANTINA, áparte

Se o allemão curou o papá, tambem pode cural-o a elle ! (Muito alto) Oh ! Meu querido papá ! Como estou contente !

DAMASO

Põe surdinas ! Põe surdinas ! Murmura-me o que hou-veres de dizer !

EGLANTINA

É verdade ! O habito... (Gritando muito) Ora, o meu que-rido papá !...

DAMASO

Oh ! Pelo amor de Deus ! Surdinas ! Surdinas !

EGLANTINA

Perdão ! Esqueceu-me... (Mudando de tom) Ó papá, eu vi-o !

DAMASO, sorrindo

Quem ? O restaurador dos meus ouvidos ? Sempre eu estou ouvindo muito bem !

EGLANTINA

Não, sr... Elle !

DAMASO, sorrindo com satisfação

« Elle » Disse « Elle ». Não me escapa uma palavra ! Mas... elle quem ?

EGLANTINA

O noivo que o papá me escolheu !

DAMASO, sorrindo

Noivo ? Ah ! É verdade ! Não me lembrava de seme-lhante creatura ! Mas... como estou ouvindo bem !

EGLANTINA

Eu, ao principio, estava desgostosa ; até fui chorar para o meu quarto ! Depois...

DAMASO

Pobre pequena ! Está bom ; não chorarás mais.

EGLANTINA

Eu já não choro, depois do que o papá me disse... E elle parece um excellente rapaz ! Nós já nos conheciamos !... Encontramo-nos...

DAMASO, interrompendo-a

Bem. Bem. Não fallemos mais em tal casamento !

EGLANTINA

Porém... não foi mesmo o papá que lhe offereceu a minha mão ?!

DAMASO

Fui... quando eu era surdo. Agora, Deus me livre de tal ! Dar minha filha a um maroto d'um surdo ?! Jámais !

EGLANTINA

Mas se o papá se curou, tambem elle póde curar-se !...

DAMASO

Huuuum ! É muito surdo !... Aquillo é incuravel !

EGLANTINA

Comtudo... se o celebre especialista experimentasse...

DAMASO

É impossivel, já t'o disse ! E demais, já se foi embora.

EGLANTINA

Elle irá procural-o. O pobre rapaz...

DAMASO

Não me tornes a fallar n'esse horroroso surdo! Fiz a tollice de convidal-o para jantar; e agora... não quero passar por um selvagem, por isso jantará; mandarei servir-lhe dozes dobradas de tudo que vier á meza, mas tratarei de o pôr a andar logo que engula o bocado.

EGLANTINA, despeitada

É o costume... Mais um casamento que falha!

DAMASO

Não te afflijas, que já tenho á mão outro pertendente! A carta, que recebi esta manhã, fallava-me d'um interessante mancebo...

EGLANTINA

Esse... rejeito-o eu! Não o quero!

DAMASO

Então que é isso, minha filha?! Repara que é um partido excellente! Um rapaz rico, de boa familia...

EGLANTINA

Não o quero, já disse! Não quero!... Não quero!...

Bate o pé no sobrado.

DAMASO

Porque? Ora escuta!...

EGLANTINA

Não escuto nada!... Não, não, mil vezes não! Não casarei, muito embora! Ficarei para ahi uma solteirona, ou hei de casar a meu gosto!

São furiosa.

SCENA XIV

DAMASO, só

Ouvi bem! Ouvi demais!... Que geniosinho o da tal creança! É de raça! Como a sr.^a mãe, sem tirar nem pôr! É toda o retrato de minha mulher, Deus te perdôe! Ora esta! O brejeiro do surdo fez perder a cabeça á rapariga! E lembrar-me eu de que, ainda em cima, me ha de comer o jantar! Um homem, que eu não conhecia... que me entrou em casa como um malfeitor, destroçando tudo, dando tiros, fazendo toda a sorte de tropelias!... E além d'isso, um estrangeiro... um polaco! Como livrar-me do tal figurão?! Já sei... vou cobril-o de grosserias; vou fazel-o jantar de modo que elle proprio quererá ir-se embora, dispensando-me da intimação solemne! E fará muito bem, pois... se lhe passa pelo bestunto a velleidade de ficar... policia cor-reccional te valha! Acção em juizo por perdas e danos na minha propriedade! (Ouve-se tocar muito de rijo uma campainha) Santo Deus! Que ruido infernal! Parece um toque a rebate! Haverá fogo em casa? (Vai á janella) Ah! É a chamar para o jantar (Gritando) Basta! Basta! (Olhando para o jardim) E aquelle desgraçado, acolá, impassivel! Está no jardim lendo tranquillamente, e esta bulha nem sequer o fez levantar a cabeça!... Não deu por tal (Ri) Ah! Ah! Ah! Bonifacio irá avisal-o. O meu Bonifacio! Como ficará contente em sabendo da minha cura milagrosa! (Chamando) Bonifacio! É um creado dos de lei! D'estes são raros, hoje! Bonifacio!

BONIFACIO entra resmungando

Goéllas tens tu! Ah boa corda!...

DAMASO, dirigindo-se para elle

Oh! Bonifacio, ha dias muito felizes!...

BONIFACIO

Vai á fava!

Põe o que traz sobre a meza.

DAMASO, como aturdido

Que diz elle? Á fava! Eu não mandei fazer favas para o jantar...

BONIFACIO, pondo a meza

Ahi tens a sopa, pedaço de um glotão!

DAMASO, áparte, olhando em volta

Aqui não está outra pessoa... e por consequencia é comigo que elle falla!

BONIFACIO, continuando a pôr a meza

Anda, sendeiro, que se não fôsse o legado, já ha muito que te teria mandado para o diabo que te carregue.

DAMASO

Ai, que scelerado! Eu cáio das nuvens!

BONIFACIO

Odre dos quintos! A minha vontade era emborcar-te esta terrina pela careca abaixo...

Sáo.

SCENA XVI

DAMASO e PLACIDO

DAMASO

Era d'este modo que elle me fallava! Cada palavra, cada insolencia! Deixa estar, mariola, que eu te porei no olho da rua com uma tranca ás costas! (Vendo entrar Placido) E a ti tambem, se fôr mester, meu janota fo-rasteiro!

PLACIDO, áparte

Palavra de honra que estou com apetite ao jantar !

DAMASO, áparte

Entretanto, não ha remedio senão affectar cortezia...
(Alto, com amabilidade) Arrependido da tollice de o haver
convidado, faço votos para que o jantar se lhe converta
em veneno no estomago !

PLACIDO, áparte

O que?! Este vegete tem desarranjo na bola !

DAMASO

Fica certo de que não has de repotrear-te á minha
meza, nem te darei tempo para fazeres o chylo !

PLACIDO, áparte

É maluco... não ha que ver !

DAMASO, graciosamente

Aqui tem uma cadeira. (Placido vai para sentar-se) Não,
esta não, que é estofada. Reservo-a para mim...

Vai buscar outra.

PLACIDO, áparte

Ah ! Percebo ! Desconfia da minha surdez, e que:
experimentar-me. Pois sim ! Não cáio na esparrella.
Para cá vens tu de carrinho !

DAMASO, trazendo-lhe outra cadeira

Esta, que tem o assento de pau, é mais incommodar
offereço-lh'a...

PLACIDO, áparte

Não dêmos o braço a torcer ! Vou disfructar este pe-
daço d'asno, que tem pretensões a finorio. (A Damaso)
Não se pode ser mais grosseiro, nem mais mal creado !

DAMASO, áparte

Hein ? Elle o que disse?... Seria comigo ! Aqui não está outra pessoa...

PLACIDO, com ar amavel

Terei em v. s.^a um bruto de um sogro... a quem brevemente darei uma ensinadella mestra ! Olá !...

DAMASO, áparte

Eu, teu sogro, animal ! Era mais facil dar minha filha a um carrejão, ou a um limpa-candieiros !... (Com ar amavel) Queira sentar-se n'essa taboa dura: ficará pessimamente, mas isso pouco me importa !

PLACIDO

Obrigadissimo, velho urso pellado!...

DAMASO, áparte

Senta-se á mesa.

Ah ! Esta agora é mais forte ! Se não fosse não sei porque...

PLACIDO, gritando

Não teremos a satisfação de gozarmos da companhia de sua filha, ao jantar ?

DAMASO, áparte

Pois não ! Berra bem alto ! Esganiça-te ! Já vais ver como te ouço ! (Alto, servindo-o) Esta sopa está detestavel, vou servir-o com abundancia.

PLACIDO

Regale-se com ella, que não merece coisa melhor !

DAMASO

Está estorrada e fria... não quero privar-te de saboreal-a, meu valdevinos esfomeado !

PLACIDO

Obrigado, grandissima cavalgada! És muito feliz em ser pai de tua filha, aliás já te tinha partido um prato no focinho; assim mesmo!...

DAMASO, áparte

Ah! Insulta-me! Isto é de mais! (Chamando) Bonifacio! (Bonifacio entra trazendo um prato coberto) Tira a sopa e o cosido. Eu não quero hoje cosido; esse senhor ainda não o provou, mas é o mesmo... Comesse a sopa depressa!

BONIFACIO põe o prato na meza e descobre-o

Perdigoto com couves...

PLACIDO

Famoso pitéo! Perdigoto! Seja bem vindo para me indemnisar da sopa com bispo!

DAMASO, servindo-o

Eu não gosto de couves: permitta-me que lh'as offereça, guardando para mim o perdigoto...

PLACIDO, áparte, levantando-se

Ah! Este velhaco apura-me a paciencia!

DAMASO, idem

Não tem mais vontade? Tanto melhor! Mais cedo o verei pelas costas. Bonifacio, charutos! Um havano puro para mim: para elle basta um d'esses... negros, de 10 réis.

PLACIDO, procurando conter-se

Ah! que se não fôsse...

BONIFACIO, passando por elle, quando vai á esquerda buscar os charutos

É experiencia! Elle é manhoso, mas o sr. não cáia na esparrella!...

DAMASO, áparte

Que historia será esta de *experiencia* e de *esparrella*?

BONIFACIO

Eu ainda lh'as digo peiores! Ora escute...

DAMASO, áparte

Muito bem! Vamos a ver...

Faz murro.

BONIFACIO, apresentando-lhe a caixa de charutos

Toma, velho caturra... jumento... mostrengo... sacripante!

DAMASO, assentando-lhe dois murros

Toma lá tu, brejeiro, toma!...

BONIFACIO, aturdido

Tambem este!... Como o outro ainda agora!...

DAMASO, furioso

Ah! Tu ainda m'as dizes peiores? Eu sou um jumento?... um caturra?... um sacripante? Mandas-me á fava, e se não fôsse a promessa do legado...

Pontapé.

BONIFACIO, como desvairado

Ouviu tudo! Já não é surdo! Estou arranjadinho!

Passa á esquerda.

SCENA XVIII

OS MESMOS e EGLANTINA

EGLANTINA, entrando

Que bulha foi esta?

PLACIDO, estupefacto, a Damaso

Como assim! Pois o sr. não é surdo?!

DAMASO

Ouço perfeitamente, graças a Deus! Ouço até demais! E, se quer, vou repetir-lhe as amabilidades com que me mimoseou!...

PLACIDO a Eglantina

Pois seu pai já ouve?!

EGLANTINA

Sim... ha meia hora apenas!... Uma cura milagrosa!

BONIFACIO a Damaso

E o patrão não me preveniu!

Desce.

DAMASO

Previno-te agora... de que vais já para o meio da rua!

PLACIDO, baixo a Bonifacio

Não importa, tomo-te para meu criado!

DAMASO, muito alto a Placido

E o sr. receba as minhas despedidas! Não tem aqui que fazer!

EGLANTINA

Ó papásinho; peço-lhe eu... a sua Nini! Gosto tanto d'elle!...

PLACIDO

Que ventura! Sou amado?!...

EGLANTINA, dando um grande grito

Ai Jesus! Pois o sr. ouviu?!

Abaixa os olhos com confusão.

DAMASO

Que quer isto dizer? Pois elle ouve, com effeito?! Então, o sr. tambem já não é surdo?! .

PLACIDO

Nunca o fui... senão por amor, sr. Damaso! Debutei hoje n'este interessante papel, para conjurar a sua co-lera; e continuei a desempenhal-o até agora, unicamente para merecer a honra de ser seu genro!

DAMASO

Isso nunca! Depois das injurias que me dirigiu, é impossivel!

PLACIDO

Ora! Apenas algumas vivacidades!... Recorde-se v. s.^a do que disse, e convirá em que foi o primeiro a...
— Todavia... e apesar de tudo, sr. Damaso, não duvidarei pedir-lhe humildemente perdão...

DAMASO, depois de hesitar

Então... retire o « *urso pellado* ! »

PLACIDO

Está dito : retiro o *urso pellado*.

EGLANTINA

Foi o papá que o provocou; e visto que elle retira o *urso pellado*...

DAMASO, rindo

Realmente, se o sr. ouviu tudo o que eu lhe disse!...
Ah! Ah! Ah!

PLACIDO, rindo tambem

E se o sr. percebeu o que eu lhe respondia!... Ah!
Ah! Ah!

DAMASO

Então, nenhum de nós era surdo? Ah! Ah! Ah!

BONIFACIO, rindo tambem

Foi boa chalaça ! Ah ! Ah ! Ah !

DAMASO

Ó descarado ! Tu ainda ahí estás ? ! Já ! Fazer a trouxa, e rua, se não preferes ir a toque de caixa ! Fóra d'aqui no mesmo instante !

BONIFACIO, baixo a Placido, com ar lacrimoso e passando á esquerda

Lá vão pela agua abaixo os 600\$000 réis em perspectiva !

PLACIDO, baixo

Dou-t'os eu no dia em que receber o dote. (Para Damaso, com ar supplicante.) Então, meu caro sr. Damaso ? !...

EGLANTINA

Então, papásinho ?!...

DAMASO

Se ella quer... que lhe hei de eu fazer ! Consinto. (Placido corre a Eglantina) Deus os faça santos, meus filhos, mas não tragam dia de jejum ! (Para Bonifacio) Fóra d'aqui, patife !

Corre atraz d'elle com uma bengala, e cáe o paano.

FIM.

REVISTA THEATRAL

No volume antecedente principiava a nossa revista queixando-se da falta de movimento dramático. Mercê de Deus, de então para cá desenvolveu-se um abençoado prurido, leve em absoluto, mas importante se attentarmos no estado de exinanição que por largo tempo nos trouxe vencidos.'

Soldados instructos deixaram as fileiras onde briosamente haviam militado, mas outros vieram alistarse, e rodear a bandeira que mãos robustas encravaram na scena patria.

Não direi que na epoca presente, a qual é cortada por mais de uma circumstancia nefasta, as letras possam assumir em Portugal o grande papel que lhes pertence. Aqui ha motivos sobejos para a atrophia completa. O movimento observado significa a nobre reacção dos animos corajosos. A despeito de tudo, lida-se e edifica-se. É de crêr que a reacção prepondere, e que o dia de amanhã ganhe em luz e em transparencia. A politica, minotauro insaciavel, devora, como o filho de Pasiphe, os mais illustres e promettedores. D'aqui resulta que o jornal prevalecendo ao livro, e o pamphleto amargo substituindo a pagina eloquente,

fazem com que seja preciso redobrar de energia para furar as ondas engrossadas.

E esta energia não falta em muitos.

Em quanto o machado salvador anda a esnocar e a alizar o tronco social, ha passaros que cantam por entre a ramada, sem se distrahirem com o bulicio dos trabalhadores.

Demos começo á revista falando de um drama que levantou celeuma, que estremou partidos, que acirrou contendias, que foi apupado como é destino de todas as coisas que prestam, e que no fim de tudo vive, e viverá, porque tem em si condições duradouras.

Trata-se do *D. Fr. Caetano Brandão*, drama de Silva Gayo.

Quando se annunciou o apparecimento d'esta obra, devida á penna de um homem já notavel pelo seu livro *Mario*, a expectação publica' desenvolveu-se, como era natural e impreterivel. De um lado os aruspices tiravam presagios bons, e do outro ouvia-se a voz dos oraculos irritados. O drama appareceu, e o pleito foi serio.

A primeira accusação, a mais violenta, a mais acerba, provinha de que no drama de Gayo se agitavam paixões identicas ás do drama de Garrett.

O depoimento caia pelo absurdo.

No theatro, como em todas as revelações das artes bellas e nobres, a individualidade é que põe o cunho original. Não ha entrechos privativos, nem assumptos reservados; cada qual amassa o limo terreno, e modela-o á sua imagem. N'este modelar, n'este fazer o homem á propria similhança é que reside a indefecti-

vel originalidade. O exemplo veio do Eden, e Deus foi o primeiro a estabelecer a regra universal.

O facto ainda não recebeu censuras.

O geito, a feição, o característico, a distincção que se marca entre homem e homem procede d'esse reflexo de casta, de familia ou de linha sanguinea, pela qual grupamos os que pertencem a uma determinada paternidade.

Porque Pedro Paulo pintou o descimento da cruz, não deixou Sequeira de o memorar nas suas telas immortaes.

Um facto social é de todos.

Fr. Luiz de Sousa, esse trabalho peregrino do mestre de todos nós, prende-se pelo assumpto com o *D. Fr. Caetano Brandão*, do mesmo modo que com o *Captivo de Fez* ou com o *Enoch*.

Em cada um d'estes medalhões está uma effigie distincta; só o metal é que é identico.

Disseram tambem que o principio material e o espiritual, postos em briga, eram uma infeliz ostentação de vaidade universataria, porque a questão entre espiritualistas e materialistas estava morta. Contra isto poderia protestar muito livro recente, e a vasta coorte dos pantheistas.

Ora, no drama de Gayo, o que se dá em espectáculo, o que se sujeita á prova, são estas immaterialidades, estas abstracções que se chamam caridade, gratidão, abnegação, e amor paterno.

A França lá está agricultando no campo da torpesa. As peças teúdas e manteúdas, o reportorio selecto, a idéa em volta da qual giram as mais delicadas intel-

ligencias, a *ordem do dia* limita-se á apresentação da familia gangrenada e esphacelada por todos os cancos moraes.

E o publico apinha-se em frente d'estes quadros, como em frente de um panorama risonho, e os maridos cujo nome insultam, e os velhos cujas cans maculam, e as esposas cuja innocencia profanam, e a sociedade, em fim, cuja honra, cuja vida, representada na mollecula familia, é arrastada e reboçada como um andrajo sordido, applaude, acclama, victoria o escriptor, que em vez de traçar com letras de fogo o roteiro esplendido do futuro, escreve apenas um rotulo de infamia no portal de todas as casas, como em Sodoma os enviados marcavam as habitações peccadoras para sobre ellas cair o fogo do ceo.

No *D. Fr. Caetano Brandão* existem, eminentemente, as qualidades austeras e reanimadoras. Precisamos de erguer os olhos para contemplar a serenidade d'aquellas fronte. É tudo superior e limpido. Ha sombras que caem do destino, mas nenhuma d'ellas empana as consciencias. Os infelizes sentem-se tranquillos. Que importam as lagrimas? A má fortuna póde, como um sopro de vento, arrazar o ninho onde se acoitavam as aves, mas ellas não deixarão por isso de voar, enlevadas no ceo!

Margarida, Aleixo, Luiz Alvares e Diogo Peres são as quatro figuras sobre que assenta o drama. O arcebispo é apenas a palavra de caridade e de esperanza, brilhando sobre o redemoinho das paixões, como vespero consolador. Paira sobre a acção, mas não é d'ella parte integrante; acepilha os caminhos do desenlace,

mas está fóra da machina que os ha de percorrer, n'este caso em verdadeira marcha de triumpho.

É este, ao que nos parece, o ponto vulneravel do drama. *D. Fr. Caetano Brandão* toma demasiado o papel de director espiritual, é conselheiro benevolo e não protogonista de feito, mostra-se como um cura de almas, candidamente evangelico, mas não tem a larga, a franca, a magestosa physionomia que caracteriza o mais sympathico dos nossos prelados.

Silva Gajo assellando com este trabalho os foros de um homem de letras conspicuo, póde ter como dramaturgo um ou outro ponto accessivel á critica. O seu dialogo, sempre bello, é por momentos diffuso. Ha scenas em que se palpa o livro. Livro eloquente, paginas de oiro para todos, mas que não scintillam tanto na recitação theatral como na leitura pausada.

Não sendo o que estamos fazendo um esboço de apreciação litteraria, mas apenas uma revista ao correr dos acontecimentos, levantaremos mão de tão aprazivel assumpto, para passarmos aos que lhe succedem.

É dever, porém, memorarmos o desempenho.

A Tasso pertenceu o primeiro logar. Paixão, fogo, enternecimento, vigor pathetico, delicadeza nas minimas transições, propriedade no gesto, verdade na palavra, sentimento profundo em todos os lances, tal foi o conjuncto de bellezas naturaes com que elle deu forma áquella grandiosa criação de Luiz Alvares. *Et verbum caro factum est*. Emilia Adelaide (*Aleixo*), é o moço cuja alma desabrocha ao calor dos generosos affectos, e que na primavera dos annos esvoaça como pomba

entre balesdos imprevistos. No ultimo acto realçou belamente.

Emilia das Neves, comquanto a indole do seu talento não seja em rigor a do papel que lhe foi confiado, teve occasião para mostrar em plena luz as joias do seu diadema.

Theodorico foi respeitavel e discretamente sobrio; Pinto de Campos um tanto falto de commoção, mas grave; e os demais actores, cuidadosos em bem desenharem os seus perfis.

O drama *D. Fr. Caetano Brandão*, retirou-se da scena entre applausos para dar lugar á *Judia* de Pinheiro Chagas. A igreja ia transformar-se em *ghetto*. O mais candido dos padres luzitanos cedia lugar ao mais sinistro dos nossos reis.

Contraste formidando! As almas acariciadas pelo anjo bom, iam confranger-se na presença do monstro.

Á caridade respondia a intolerancia; appareciam as azas do abutre.

Falemos da *Judia*.

Ainda resoavam nos ouvidos de todos os justos applausos com que fôra recebida a *Morgadinha de Val-flor*, quando Pinheiro Chagas, trabalhador cheio de luz e de animo, apresentou o novo filho da sua intelligencia. A *Judia*, mostrando os ultimos momentos de um reinado glorioso, e entrando em seguida nos limbos de uma monarchia detestavel, traça rasgadamente a physionomia d'essa epoca, movendo dentro d'ella calorosos affectos. O que n'este drama se observa, principalmente, é o merito de uma iniciação no genero.

Fugindo dos moldes consagrados, cria outros mais amplos.

No desenho dos caracteres, digamol-o com franqueza, parece-nos haver desvios, ou hesitações, quando menos. A protagonista, que no 1.º acto se eleva ás regiões do lyrismo, é uma alma de sensitiva que se transfigura ao diante. Mal a podemos conhecer, aspera e inçada de cardos, quando depois se irrita e braveja furiosa. A sua natureza idyllica reage contra aquellas scenas violentas.

D. João III, colorido um tanto amovelmente, revela-se no conselho e na ultima phrase do 5.º acto. Pinheiro Chagas substituiu-a por um dito de contricção, o que marêa e desfigura o typo.

No livro deve o auctor manter o desfecho originario, e deixar que da bocca d'esse rei iniquo parta o sopro que ateou as fogueiras da inquisição.

Vasco de Menezes é a creação heroica da peça. Altiivo, nobre, de figados lavados, como se dizia n'aquelle tempo, contrapõe-se, pela lealdade e pela pureza da alma, ao rebanho de consciencias vendidas que formam cauda á realzeza. Quando no domingo de paschoela a corja infame dos tonsurados e dos miseraveis caía sobre uma raça laboriosa, elle, o soldado da fé, levantava da hecatombe uma creança moribunda, e occultava-a sob o seu manto aos olhos da canalha sediciosa.

Damião de Goes, simplificado até pagem recoveiro de missivas, poderia ser dispensado do encargo, dando por si qualquer mocinho sabedor de latins epigrammaticos.

Apezar d'estas maculas no desenho de algumas fi-

guras, a composição é bella no seu complexo. Ha vigor e enternecimento, graça e musculatura, brisa e tempestade.

A acção corre logicamente, e o espectador segue-a, embebido na musica de um estylo delicioso. O 4.º acto, sobretudo, é de uma energia altamente viril. Sente se a garra do leão, n'aquellas scenas alumiadas pelo mais vivo esplendor do talento.

A *Judia*, representada pela primeira vez em 9 de novembro, no beneficio de Emilia Adelaide, teve um desempenho digno da peça e dos interpretes. Especialisaremos a creadora da *Morgadinha*, intelligencia sagaz no desenho completo dos vultos, actriz que sabe conservar o typo subordinando-o a uma linha geral e caracteristica, — e depois d'ella mencionaremos Tasso, o homem dos rasgos deslumbrantes e da vehemencia sincera.

Na *Judia*, Rosa Junior a quem pertenceu o papel de D. João III, houve-se com uma descripção perfeita. Foi natural, sem esforço nem alambicamentos posiços. Deu á figura o tom sinistro que ella requer, sem descambar no insupportavel farricoco.

O restante dos actores contribuiu para a harmonia do conjuncto.

Como começámos fallando do theatro de D. Maria, (primazia esta que elle merece), sigamos os acontecimentos, e em vez de acatar a ordem chronologica, observemos em cada theatro a serie de trabalhos postos a publico.

Fallemos, portanto, da *Lei dos morgados*, ultimo drama, representado em beneficio de Theodorico.

Apreciando uma obra do sr. Cascaes, — homem cuja rectidão de character está acima de todo o elogio, — podemos ser francos, sem que esta franqueza vá magoar o escriptor encanecido, nem cercear-lhe um apice dos seus foros de dramaturgo.

A *Lei dos morgados*, que mais cedo teria sido um lavor de propaganda, vem hoje consagrar um grande facto. Provando a ruindade de uma instituição nefastamente leonina, fal-o com o pathetico dos elevados sentimentos.

Haverá, porém, no drama uma generalisação absoluta? Não será antes uma excepção, uma individualidade, um successo que não pode ter applicações largas, como esteve em mente do seu auctor? O sr. Cascaes, querendo demonstrar os males que poderiam derivar dos morgados, creou em D. Diogo um typo de filho segundo, que decerto não representa as qualidades e as tendencias de todos os outros. Não é uma synthese, é mera personalidade. Depois, as infamias de D. Diogo não procedem tanto da sua posição social, como da malvadez dos seus instinctos.

Os que nascem depois não se tornam; por via de regra, algozes dos que vieram primeiro. Nem o esbulho legal, nem a privação de partilha no que é de todos, nem quanto havia de mau n'esses privilegios concedidos a um unico, auctorisavam o proceder indigno do invejoso.

Se á figura de D. Diogo se dessem os traços sympathicos de D. Francisco, e a este a côr sombria de um mau irmão, o thema era levado ás mesmas conclusões, e com maior comprazimento do publico.

Assim não; o homem que deve symbolisar a parte

da familia opprimida e espoliada, a victima de uma instituição cruel, o que tem de captar os animos e recommendar-se pelo seu direito natural e pelos seus infortunios relativos, indis põe quantos o veem e ouvem, torna-se repugnante pela emulação tacanha e pela perfidia soez, e faz convergir os affectos no que deveria ser regeitado pela opinião commum.

Desculpe-nos o illustre escriptor estes reparos ditados pela mais sincera consciencia; obras que não se discutem são as que nem d'isso valem a pena. Mas quando apparece um trabalho de intuitos serios, e firmado por um nome que nada tem a receiar, porque está firme e solido, a critica pode exercer-se, urbana e grave, mas com desafogo leal.

A *Lei dos morgados*, escripta portuguesissimamente, e com um fino toque de observação, pecca por mais de um lado quanto ao desinvolvimento da idéa.

Demonstrar a injustiça do principio, procedendo inversamente, seria muito mais regular e mais proprio. No caso sujeito, a primeira obrigação da sociedade seria deitar a grilheta aos pés d'aquelle irmão traiçoeiro. e depois cuidar na extinção do morgadio.

Aquelle homem, fosse o que fosse, havia de mostrar sempre os colmilhos agudos. É ruim de entranha, e d'essa má fonte é que saem todas as suas resoluções ignobeis. Ponham-no no fastigio das grandezas, e elle invejará, como a Satanaz de Milton, alguma coisa que lhe fôr superior.

— • *Some other Power*
As great, might have aspired. —

Apezar de tudo, a *Lei dos morgados* é uma peça digna de ser applaudida. Tem realmente em si condições de grandeza.

Theodorico escolheu com mão de mestre; fez um papel notavel pelo desempenho, e enriqueceu o repertorio com um lavor de subida monta.

Cabem-lhe as primeiras honras.

Dos mais interpretes devemos citar Tasso, pelo apaixonado vigor, Emilia das Neves, pela magestade de dôr que imprimiu em algumas scenas, e Rosa Junior que no ingrato papel de D. Diogo se houve com uma gallardia admiravel.

Assim é que se prova a intelligencia amadurecida pelo estudo.

Mudemos agora de scena.

Entremos no *Principe Real*.

O titulo que nos escorrega da penna é *Os solteirões*.

Eu confesso de antemão, que sou um pouco suspeito quando fallo de Sardou. Para mim, este fazedor de comedias e dramas, é um espirito futil, um frecheiro do exito, um homem que explora o filão do gosto, mas que nunca produziu um monumento. É malicioso no dialogo, vivo, scintillante, e sabe atar em pavêa as suas espigas chôchas, mas nunca d'essas espigas ha de cair um bago louro, nem d'ellas ha de sair o pão para esta humanidade faminta.

Os *solteirões* são, como todas as obras de Sardou, uma variante do seu thema dilecto. Trata-se da sociedade pelo lado feio e negro, agitam-se paixões sem nobreza, e vem um maço de cartas, ou uma carta sim-

plesmente, desenlaçar o enredo, que nem sempre andou pelos caminhos mais justos.

O desempenho foi, todavia, magistral.

Virginia, pela naturalidade do dizer, pelo sabor infantil dos lances, pelo suave colorido da innocencia inexperiente, é hoje a nossa primeira ingenua. Não ha alli nada torcido, nada falso. Não faz boquinhas para fingir singeleza ; é singela espontaneamente, lealmente, bellamente.

Santos elevou-se á altura dos seus avantajados creditos. No 4.º acto, assignaladamente, teve uma d'estas explosões da alma que commovem sempre, porque rebenta n'ellas a verdade da paixão, com todo o seu calor affectuoso.

O seu typo de *solteirão* pertence á galeria dos mais correctos da nossa scena.

Não nos esqueçamos de Antonio Pedro. Sem desvios picarescos, nem opilações de graça pesada, este graciosissimo actor faz rir, mas rir sem estrondo, sem farfalhice, d'este riso provocado pelo bom sal comico, hoje em dia meio proscripto pelas platéas desmioladas.

Os *solteirões* firmam-se sobre estes tres esteios poderosos. O mais, são accessorios que procuraram harmonisar entre si, — conseguindo-o em parte.

Como é curto o espaço que temos para esta revista, abster-nos-hemos de memorar a fiada de comedias-nhas chistosas, que n'este theatro se succederam com applauso publico. N'ellas se vê sempre que o dedo de Santos encaminhou e dirigiu os alumnos, e que ha alli, n'aquelle theatro modesto, um artista de proporções herculeas.

O *Gymnasio*, remoçado e alindado, anda agora, ao que parece em quadra mais prospera.

Cultivando um genero de peças apparatusas, que tanto vive no gosto da nossa gente, tem dado, verdade seja, alguns espectaculos dignos de apreço.

O *Lago de Killarney* tem sido para elle uma especie de Jordão miraculoso.

O que é o *Lago de Killarney*? É uma peça do sr. Bocicault, inglez tão meu conhecido como do leitor, e que de tempos em tempos se desbatoca, dando vasão a qualquer enredo sinistro.

O facto não impede, comtudo, que o publico se interesse, e que applauda, apezar de algum cavalheiro mais discreto ter bocejado n'um ou n'outro lance compativel com o somno.

Os actores Rodrigues, Valle, Silveira e Abel sobresahiram na primeira linha dos do genero masculino, pertencendo todos os gabos e todos os incitamentos, pelo que respeita ao sexo amavel, á actriz Lucinda Simões, que é *uma menina e moça* cujas prendas de intelligencia estão muito acima do commum.

Citemos ainda, com relação ao *Gymnasio*, o beneficio de Valle, em que elle fez o *Creado de dois amos*, com o sainete dos nossos graciosos antigos.

Este actor, nativamente chistoso, precisa de não adormecer sobre os faceis louros que lhe arremçaram á scena. Tem muito de si para caminhar e progredir. Está em meio da montanha sagrada; e é bom que não tome o applauso dos que o estimulam pelo hymno solemne da apotheose.

D'ahi ao cume ainda vae um tracto longo; porem Valle

não é dos alfenins da arte, que se derretem com as humidades do tempo.

Mas vamos, e o que tem feito a Trindade? A Trindade é a folgasã, a patusca, a ruidosa, a desinquieta, que só está bem no bulicio e nos cantares, no trocadilho e na *gambade*. Não toma a serio a vida, porque a toma como ella é na verdade. Metteu-se de amores com Offenbach, e d'este convivio saiu a innumera prole dos Bobeches de todas as cores e formatos. A Trindade está sendo uma especie de sorriso no meio d'este chumbado e mazorrall estado de coisas. Gosta do drama, mas prefere a opereta; tem coração sensivel, mas quer folgar a escota para velejar em mares de gargalhada chã e desempachada.

Depois do *Barba azul*, que ainda não se recolheu de todo á guarda roupa, tentou a magica, mas a magica celebre, a magica aprendida desde o berço, a historia de um pé pequeno que faz a fortuna da sua dona, como já tem succedido em epocas posteriores.

A *Gata borralheira* miou contente por duzias e duzias de noites, emplumando a cauda, e acariciando os espectadores.

*O chapim aqui o tenho,
O chapim bem n'ó topei...*

como se diz na velha xacara popular; — eis em resumo sobre que se firma essa *Cendrillon* applaudida, que fez furor em Paris, e que nacionalisada para a Trindade, e tomando ares de cidadã, veiu continuar a serie dos seus triumphos.

O *Viver de Paris*, que está agora no começo da

vida, recebeu de principio uma acolhença de má vontade. Pois, no genero, a peça está trabalhada com graça e consciencia, o qué é devido ás pennas de Duarte de Sá e de Alfredo de Athaide. O desamor, porém, manifestado e sustentado com leves intermitencias, procede de uma causa primaria e absoluta;— é que o *Viver de Paris* não póde toar a ouvidos portuguezes.

Que sabemos nós da vivacidade, do impeto, do fogo, do espirito parisiense? Somos canhos até desrolhando uma garrafa de *champagne*, e nunca morreríamos como elles morrem, á similhaça de Petronio, bebendo a voluptuosidade em cem bocas, e o esquecimento em mil copos.

Isto é um paiz serio, d'aquella seriedade que não exclue a trapaça, d'aquelle aprumo em que se esconde a torpessa;— mas emfim, somos um paiz que teve D. João de Castro, o homem das barbas honradas, e então convém mostrar dignidade na facha, e um certo commedimento no proceder.

No fim de tudo, se um esgravunhador metter a unha n'este caruncho abbacial, n'este simonte de patrioteiros, n'este bolor de moralistas nauseantes, dá com a matadura cancerosa, alastrada e aggravada pela devassidão e pela crapula.

Lá fóra riem-se, embriagam-se, cantam ao sol e á lua, mas não se afogam nos lameiros da immoralidade, nem o povo se assenta em circo, (macaqueando vilmente a decadencia romana), para assistir ao banquete dos Tigelinos.

E como aquelle moço que na hora extrema, sen-

tindo perto o ferro da guilhotina, bradava, estendendo as mãos supplicantes: — « Eu sou filho de Buffon » — nós, quando o abysmo se rasgar de todo, gritaremos ao mundo: — « Somos a patria de Camões » — como se esse nome pudesse ser mais alguma coisa do que a radiante e immerecida inscripção da lapide, posta sobre o cadaver de um paiz que se deixou apodrecer lentamente.

O estylo afinou agora por um diapasão mais subido, sem ir, comtudo, pedir o tom aos clarinetes de phylarmonica. É que mesmo n'uma revista theatral, que nada tem commum com a politica, vem de vez em quando uma recordação d'estes gamenhos enfunados; e a gente teria vontade de despir a sotaina a muito espartano casmurro, para que todos lhe vissem a raposa furtada.

Levantando mão do incidente achamos-nos na rua dos Condes, e em presença de *Satanaz Junior*, ultimo descendente d'esta longa familia de Satanazes— o *puiné* do rancho. Se a magica, ornada de phantasmagorias e visualidades, como alardeam os cartazes, póde constituir um genero, o *Satanaz Junior* é n'esse genero um trabalho de invenção faceta, e que demonstra a finura e espontaneidade de um bom espirito. Ha quadros originaes, calemburgos sem aleijão, peripecias coceguntas, emfim, uma dóse de coisas proprias do assumpto, e com as quaes se matam algumas horas sem tedio.

Rematemos a secção dando conta do theatro lyrico.

O theatro de S. Carlos principiára com um descon-solo friorento. Desde que o tenor Steger provocou o

azedume publico, ficou por toda aquella sala, tantas noites brilhante e pathetica, uma especie de bruma diffusa.

Um dia ouve-se dizer :

— Chegou hoje.

— Quem?

— Ida Benza.

— Cantôra distincta?

— Mulher formosa.

— Ouviremos com os olhos.

O *Trovador*, a velha inspiração remocada sempre, a peça tragica das fogueiras e dos torresmos, o chamuscado pedestal sobre que Verdi assentou o marmore de uma deusa, foi quem nos desvelou a cantôra, commentada antes de vista, e apreciada antes de ouvida.

Soprano *sfogato*, extensissimo, de egual volume em todos os registos, o orgão vocal de Ida Benza é dos que raramente apparecem. Junte-se a isto mobilidade de physionomia, nobreza de porte, justo conhecimento das situações, fina intelligencia, sentimento vivo, e ahi tem o que é essa *prima-donna* que hoje em S. Carlos póde dizer, parodiando aquelle apregoado rei, que de grandeza propria, pouco mais teve além do estomago e da cabelleira: — O theatro sou eu!

Aguarda-se com anciedade a opera de um nosso compatriota, escripta sobre um poema extractado do *Eurico*. O trabalho é de um moço cheio de talento, de gosto e de profunda sciencia musical. Tem o espirito vivo e o discernimento amadurecido. É poeta e philosopho. Digamos mais concisamente: é poeta. A poesia não é outra coisa senão a philosophia radiante.

O scismador mergulha-se no abysmo, e sae de lá com as mãos cheias de raios.

Os que conhecem o *Eurico* são contestes em afirmar a valia do trabalho. O grande historiador A. Herculano, a quem o *maestro* se fez apresentar em testemunho de reverencia, festejou a obra, achou na musica a vibração da sua idéa, vio que ella traduzia o sentir do romance, da epopéa, consagrando com a sua palavra auctorisada as primicias de um bom engenho.

Em horisontes proximos estão apontando trabalhos dramaticos dos nossos primeiros escriptores. Ernesto Biester vem com a sua *Peccadora e mãe*, Teixeira de Vasconcellos mostra-nos *Os dentes da viscondessa*, Silva Gayo traz-nos *Magdalena*, Pinheiro Chagas é de crêr que ande a affeição labor novo; e se é licito emparceirar o grande com o pequeno, o humilde signatario d'esta revista está concluindo uma comedia em verso.

Por isto se vê que razão tinha eu para encetar o escripto asseverando que nas nossas letras dramaticas, se ia desenvolvendo um abençoado prurido, leve em absoluto, mas importante, se attentarmos no estado de exinanição que por largo tempo nos trouxe vencidos.

Se em vez de gastarmos as forças e a seiva na labutação infructuosa da politica, nos applicassemos a cuidar do que é a alma das nações, mais alentados estariamos, e menor seria a degeneração patente.

Eu não venho para aqui deletrear o *Mundus alter* de Hall, a *Civitas solis*, de Campanella, ou qualquer outra utopia desde a de Morus até hoje; venho apenas protestar contra a absorpção do homem no circulo

vicioso das questiunculas, das ambições, das escurridades politicas.

Fazei impar os frisões que vos pucham pela carriola do triumpho; mas não desplumeis os que irão mais alto do que vós.

O que vos custaria um livro, que é a instrucção?
— Muito menos que um deputado insipiente.

Quereis saber o que o abatimento litterario denuncia? Perguntae-o á historia. É o esphacelamento do grande corpo social.

Gelaram-se as linguas de fogo.

Quando os passaros não alegam os campos, é por que o sitio é inhospito, e já se vão descobrindo no ar prenuncios certos de tempestade.

E. A. VIDAL.

Aos tres primeiros charadistas que advinharem as charadas
d'este volume será remettido gratuitamente o 3.º volume do
THEATRO CONTEMPORANEO. A ellas :

CHARADAS

Vencem-se comigo arduas batalhas
Varias vezes por mim findam questões
Varios heroes por mim teem alcançado
Nome, riquezas, glorias e brazões. — 3

Ai ! que homem tão feio
Parece-me um bicho !
Que longos bigodes !
Que grande rabicho ! — 1

Por ser amante de brigas
Quer ser tido entre os valentes
Mas... talvez fique aterrado
Se um cão lhe mostrar os dentes.

Fendo o ar — 2
Ando no ar — 2

É boa fructa
P'ra quem gostar

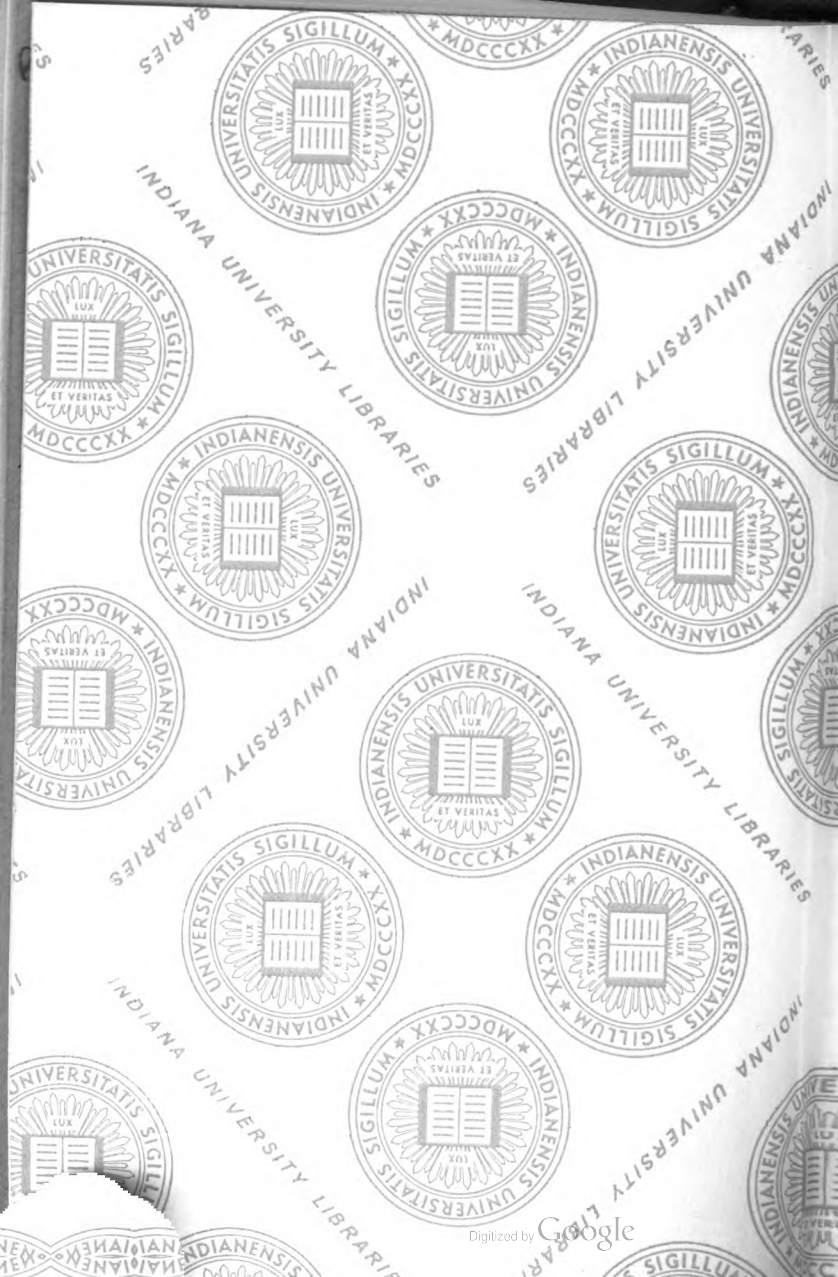
Bind in

Preço da série (4 volumes) *por assignatura*, paga
à recepção d'este volume 1\$800 rs.
Preço do 2.º volume avulso 700 »

LISBOA — TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua dos Calafates, 110
Digitized by Google







3 9000 002 412 026

**DO NOT REMOVE
SLIP FROM POCKET**



